

RAFAELA SOUZA MALDONADO

**A RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA EM ROMA E
TURIM: A AUTOBIOGRAFIA DE CARLA CAPPONI E O DIÁRIO DE
ADA GOBETTI**

ASSIS

2016

RAFAELA SOUZA MALDONADO

**A RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA EM ROMA E
TURIM: A AUTOBIOGRAFIA DE CARLA CAPPONI E O DIÁRIO DE
ADA GOBETTI**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientador(a): Dra. Gabriela Kvacek Betella

Bolsista: CNPq

ASSIS

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

M244r Maldonado, Rafaela Souza
 A reconstrução da memória da resistência em Roma e Turim: a autobiografia de Carla Capponi e o diário de Ada Gobetti / Rafaela Souza Maldonado. Assis, 2016.
 166 f.

 Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista
 Orientador: Dr^a Gabriela Kvacek Betella

 1. Literatura italiana. 2. Resistência ao governo - Itália. 3. Memória. 4. Testemunhas. 5. Autobiografias - Escritoras. I. Título.

CDD 856

Rafaela Souza Maldonado

A RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA EM
ROMA E TURIM: a autobiografia de Carla Capponi e o diário de
Ada Gobetti

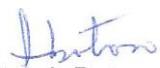
Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis para a
obtenção do título de Mestra em LETRAS
(Área de Conhecimento: LITERATURA E
VIDA SOCIAL)

Data da Aprovação: 28/11/2016

COMISSÃO EXAMINADORA


Presidente: PROFA. DRA. Gabriela Kvacek Betella - UNESP/ASSIS


Membros: PROF. DR. Francisco Claudio Alves Marques - UNESP/ASSIS


PROF. DR. Altamir Botoso - UMFS/CAMPO GRANDE

Agradecimentos

Agradeço a todos que acompanharam minha jornada e aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação pessoal e acadêmica em todas as fases da vida, independente do nível de instrução. Agradeço a cada um que me ensinou algo ou que me deixou uma boa lembrança.

Ao CNPq, agência que financiou a pesquisa e possibilitou que eu me dedicasse integralmente ao trabalho.

Aos meus familiares que incentivaram e apoiaram minhas escolhas desde a graduação, quando saí de casa para estudar Letras, até a opção pela pesquisa, resultando na progressão acadêmica com o ingresso no mestrado. Eles, mais do que ninguém, sabem do meu empenho, e acreditam no meu potencial.

Aos amigos de perto, companheiros diários, que presenciaram conquistas e frustrações, sempre com uma palavra amiga. E aos amigos de longe que, mesmo com a correria da vida, têm a capacidade de nos transmitir leveza em poucos minutos de conversa como se o tempo não tivesse passado desde o último encontro.

Aos membros da banca, pelo afincamento com que leram o trabalho, fazendo considerações necessárias. Pela disponibilidade em comparecer quando foram solicitados na qualificação e defesa mesmo com todas as suas obrigações acadêmicas.

A minha orientadora, Dra. Gabriela Kvacek Betella, que teve a sensibilidade de perceber meu interesse pelo assunto, apresentando o tema da Resistência por meio da narrativa feminina, presumindo o interesse pelas conversas informais. Incentivou a pesquisa na forma de orientações e o aperfeiçoamento acadêmico nos primeiros anos da graduação, se tornando minha orientadora em 2012, quando desenvolvemos nossa primeira pesquisa, ainda na graduação. Com o passar do tempo, além da relação de professora e aluna, se tornou uma grande amiga.

MALDONADO, Rafaela Souza. **A Reconstrução da Memória da Resistência em Roma e Turim: a autobiografia de Carla Capponi e o diário de Ada Gobetti.** 2016. 166 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMO

Nos últimos anos, publicações e reedições de obras em que o testemunho é a principal característica narrativa afirmam as identidades de determinados grupos. Assim, buscamos na literatura italiana, com temática da Resistência, obras que sustentam esta ideia e uma interpretação do modo de lidar com a memória de um período significativo no contexto da Segunda Guerra. Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar e comparar duas obras de autoria feminina nas quais as autoras reconstróem a memória *partigiana* a partir de suas experiências, neste episódio que foi marcante para a tradição e cultura italiana. Para isso nos embasaremos nas teorias da literatura de teor testemunhal de períodos autoritários, observando os aspectos literários; da micro-história, ressaltando as obras como materiais úteis para o estudo da História; e memorialístico, discutindo o valor da memória para a história e literatura, preservando a cultura italiana e demonstrando a característica híbrida e fronteira das obras. Com a apresentação destas teorias analisaremos as obras autobiográfica e diarística de Carla Capponi e Ada Gobetti, respectivamente, *Con cuore di donna* e *Diario Partigiano*.

Palavras-chave: Resistência italiana. Testemunho. Autobiografia. Diário. Carla Capponi. Ada Gobetti.

MALDONADO, Rafaela Souza. **The Reconstruction of the Memory of the Resistance in Rome and Turin: the autobiography of Carla Capponi and the diary of Ada Gobetti**. 2016. 166 p. Thesis (Masters Degree in Languages and Literatures). – Faculty of Science and Languages, São Paulo State University, Assis, 2016.

ABSTRACT

In the last years, publications and re-editions of literary works in which the testimony is the main narrative feature affirm the identities of particular groups. Thus, we search in the Italian literature, with the theme of the Resistance, works that support this idea and an interpretation of the way of how to deal with the memory of a significant period in the World War II context. Therefore, this study aims to analyze and compare two works of female authorship in which the authors reconstruct the partisan memory from their experiences, in this remarkable episode for the Italian tradition and culture. To do so, we will rely on theories of the literature's testimonial wording of authoritarian periods, observing the literary aspects; of the micro - history, emphasizing the works as useful materials for the study of History; and memorialistic, discussing the value of memory for the History and Literature, preserving the Italian culture and demonstrating the hybrid and frontier characteristic of the works. With the presentation of these theories we will analyze the autobiographical and diaristic works of Carla Capponi and Ada Gobetti, respectively, *Con cuore di donna* and *Diario Partigiano*.

Key words: Italian Resistance. Testimony. Autobiography. Diary. Carla Capponi. Ada Gobetti.

Índice de siglas

ANPI : Associação Nacional Partigiana da Itália

CLNAI : Comitê de Liberação Nacional da Alta Itália

CLN: Comitê de Liberação Nacional

EIAR: Entidade Italiana para a Audição Radiofônica

FGSI: Federação Jovem Socialista Italiana

GL: Justiça e Liberdade

GAP: Grupo de Ação Patriótica

GNR: Guarda Nacional Republicana

PSI: Partido Socialista Italiano

PCI: Partido Comunista Italiano

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. AS GUERRAS DENTRO DA GUERRA	17
1.1 O fascismo italiano e a Segunda Guerra	17
1.2 A permeabilidade da cultura, o intelectual orgânico e a luta contra o fascismo	24
1.3 Os <i>Partigiani</i> e a Resistência	29
2. HISTÓRIA, MEMÓRIA, TESTEMUNHO E CARÁTER LITERÁRIO.....	46
2.1 Literatura da Resistência e sobre a Resistência.....	46
2.2 Considerações sobre biografias e diários.....	49
2.3 O reconhecimento da literatura de teor testemunhal	54
2.4 Memória coletiva: “galhos descompostos de uma árvore harmoniosa”	68
2.5 A micro-história e os novos materiais no estudo da história	75
3. <i>CON CUORE DI DONNA</i>: EXPERIÊNCIA PARTIGIANA E LITERÁRIA DE CARLA CAPPONI	84
3.1 <i>La donna “non” è mobile</i>	84
3.2 Caminhos e descaminhos da memória	86
3.3 A clandestinidade, as ações <i>partigiane</i> e a liberação de Roma	116
4. <i>DIARIO PARTIGIANO</i>: O COTIDIANO DE ADA GOBETTI NA RESISTÊNCIA EM TURIM.....	129
4.1 <i>La donna è una piuma al vento</i>	129
4.2 Um testemunho das lutas <i>partigiane</i>	130
4.3 Entre a autobiografia e o diário	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS.....	164

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve início com a pesquisa em nível de iniciação científica realizada em 2013, na qual se estudou o diário de Ada Gobetti. Os resultados da análise literária sobre o teor testemunhal e os estudos do caráter histórico da obra, com algumas observações sobre a escrita do gênero feminino, foram bastante proveitosos, embora tivéssemos ciência de que uma exploração mais acurada, em nível de mestrado, poderia tornar o trabalho mais completo. Pensamos especialmente na inclusão do caráter de intelectual orgânico, seguindo de perto a concepção de Antonio Gramsci (1982), que considera orgânico aquele intelectual que pretende, além de discutir a questão social, modificar a realidade da comunidade e integrar-se a ela.

Vale lembrar que a formação política de Ada Gobetti é antifascista de matriz liberal do marido, Piero Gobetti (1901-1926). Ambos desde muito jovens eram partidários de uma via que buscava a Itália moderna por meio de um passo revolucionário que pudesse preencher o vazio civil e político deixado pelo *Risorgimento*. O diário de Ada Gobetti nos aproxima do universo da Resistência e da escrita autobiográfica. A partir das suas qualidades como militante, intelectual e escritora, entendemos as causas da admiração pela autora e os motivos pelos quais, Italo Calvino, entre outros intelectuais italianos, considerava a obra com deferência.

Nossa proposta amplia as diretrizes de análise, tomando mais uma obra para composição do objeto, para que a pesquisa proporcione resultados mais abrangentes, tanto no que diz respeito às variações literárias quanto aos conteúdos ideológicos do gênero testemunhal, da memória da Resistência e das especificidades do movimento que tomou a Itália no final da Segunda Guerra. Acompanhados de análises da literatura de memória (especialmente da memória de conflitos em SELIGMANN-SILVA, 2003 e 2008), por abordagens da forma dos diários e por novas abordagens da história (LEVI, 2011), estudamos as obras autobiográficas *Con cuore di donna: Il Ventennio, la Resistenza a Roma, via Rasella - i ricordi di una protagonista* de Carla Capponi e o *Diario Partigiano* de Ada Gobetti, pois as duas possuem pontos de intersecção em suas biografias e grande afinco pela luta civil *partigiana*, em duas regiões que se destacaram no cenário do final da Segunda Guerra na Itália.

As categorias analíticas partem das duas obras e tangenciam o contexto no qual foram gerados, e não o contrário, por mais que seja produtivo explorar os fatos e a abordagem historiográfica. Afinal, a matéria literária que selecionamos foi capaz de condensar as disparidades e contradições, enfrentando-as, quase como pela segunda vez durante a composição final dos relatos, por meio da determinação de suas escolhas.

Carla Capponi escreveu suas memórias após a guerra, caracterizando sua obra como autobiográfica. *Con cuore di donna* foi publicado apenas em 2000, com vistas a reconstruir as memórias, a partir do incentivo do editor e do apoio da filha da autora. A obra autobiográfica de Carla Capponi, assim como o diário de Ada Gobetti, respeitando-se as particularidades de gênero, possui um enredo que, por se tratar de testemunho que retoma o passado, conta sua vida a partir da memória tangendo a história, o que não nos impede, pelo contrário, nos induz a utilizá-lo como material para o estudo da história, a fim de montar o quebra-cabeça da Resistência na Itália. O discurso da autora é intenso, ela tenta reproduzir exatamente os acontecimentos, mostrando um caráter de testemunha a recompor aspectos da memória oprimida, a fim de não deixar ser esquecida, trazendo à tona os fatos para que os descendentes também lutem por justiça.

Michael Pollak (1989) insistiu na questão da manutenção da memória para fins de manipulação da sociedade, para a imposição de poder, em contraponto ao sentido da retomada da memória familiar ou dos propósitos de uma minoria tentando romper com a memória "oficial". Portanto, a escrita pode ser um importante instrumento para o processo de aceitação da memória subterrânea ou não oficial, ou seja, o relato testemunhal pode tirar as histórias da obscuridade e esclarecer os fatos. Pollak aposta na memória subterrânea enquanto manifestação artística, tal como aparece nas obras que apresentamos, ou em outras formas de literatura, cinema, música e mais facetas. Essa memória "proibida" e, portanto, "clandestina", pode comprovar e romper a distância entre sociedade civil e ideologia oficial, seja de partido ou de Estado (POLLAK, 1989, p.05). Para romper essa distância, as memórias clandestinas precisam atingir o estatuto de matéria literária, melhor dizendo, cultural. Assim, cada povo oprimido poderá se fazer ouvir.

Pollak se aproxima das considerações de Maurice Halbwachs e da necessidade de um ponto de referência que estrutura a memória, ou seja, de quadros referenciais que são compartilhados; Pollak concorda, então, com a ideia de

que toda memória, mesmo individual, é coletiva, pois pertence a grupos que possuem alguma uniformidade no discurso. Ainda quando algo tenta aviltar a memória de um determinado grupo, tornando-a subterrânea, ela ainda tem a chance de ser retratada depois, como acontece em alguns casos de Estados de Exceção, em que a primeira atitude é sublimar uma história em detrimento de outra, transformando a que foi elevada em senso comum sem nenhum tipo de reflexão sobre ela.

A escrita e reconstrução da memória das autoras por meio da história é o foco deste trabalho, portanto partimos de apontamentos sobre a memória individual e coletiva. Carla Capponi, mesmo escrevendo com distanciamento temporal dos fatos, no momento em que tenta reconstruir sua memória, se recorda de histórias de outras pessoas, ou também usa a cronologia de sua vida como fio condutor da memória, pois, parafraseando Halbwachs, mesmo sozinhos não estamos sós, carregamos a experiência que adquirimos com o grupo.

Em contraposição a este testemunho posterior aos acontecimentos, ou que necessita de um trabalho de recomposição dos fatos por meio da memória e de elaboração maior, pois o distanciamento se constitui fator de composição, está a obra de Ada Gobetti, o *Diario Partigiano*, publicado em 1956. Por se tratar de um diário, a atividade de rememoração parece menos trabalhosa e pode se dar a partir da releitura e reflexão sobre os escritos produzidos no “calor da hora”, como fez Ada. Graças ao cuidado da anotação, o resultado pode conter menos lacunas nos detalhes (embora as lacunas temporais sejam inevitáveis) e mais aspectos da vida cotidiana. Na verdade, a elaboração literária se mistura decisivamente à revisão das anotações primeiras.

Ada Gobetti teve um importante papel na política e na Resistência italianas, atuou como militante *partigiana*, na região de Turim e, além disso, ainda atuou em outras áreas, como a educação, publicando inclusive, vários trabalhos, principalmente no âmbito da política educacional, por conta de seu grande interesse em melhorar a educação de modo geral na Itália, iniciativa que deu origem ao seu projeto *Giornale dei Genitori (Jornal dos pais)*. Sua atuação durante a Resistência esteve voltada para a organização dos grupos de mulheres, emancipando, politizando e fazendo com que elas se sentissem úteis na luta clandestina. No diário, Ada Gobetti conta as experiências da Resistência, os acontecimentos mais aterrorizantes e os mais pacatos, seus sentimentos e preocupações, especialmente

com relação ao filho, Paolo Gobetti, cujas ações são descritas com o afeto e a apreensão dos dias de guerra.

O fato de as obras serem relatos representativos da história moderna italiana justifica o motivo de fazermos uma longa revisão histórica a fim de esclarecermos ou mesmo recordarmos alguns episódios da memória italiana, para enfim termos a segurança de que tudo será bem ilustrado. Com isso teremos a oportunidade de observar que o que acarretou as formações *partigiane* na Itália foi a revolta popular, fruto da imprecisão e das decisões que o governo tomou em relação à participação na Segunda Guerra. Por exemplo, a Itália foi um dos países da Europa com inclinação para um governo totalitário e incentivador da ditadura nos outros países, como a Espanha. É preciso considerar também as inúmeras crises no governo italiano resultantes de uma decadência sofrida desde o fim da Primeira Guerra, motivo que levou à subida do fascismo ao poder. A recuperação histórica, portanto, é importante para percebermos a complexidade das relações políticas e singularidade da resposta popular, que mesmo se espelhando na experiência de outros países, desenvolveu um modo particular de combate.

Além da reconstrução da História geral, e particularmente da Itália, é importante também levarmos em consideração os aspectos das formações dos grupos *partigiani*, desde as ideologias políticas dentro de cada um deles e a forma de atuação, principalmente nos locais referenciados no diário e na autobiografia.

No que tange à autoria feminina, essa mostra, além da intelectualidade e engajamento das autoras, a obstinação, o envolvimento com a luta e a sensibilidade das mulheres em contar uma parte dolorosa e traumática de suas vidas. O papel da mulher na luta clandestina foi desempenhado de maneira sólida e engajada. Algumas mulheres, como as autoras em estudo, trabalhavam na linha de frente, organizando e participando das ações, que iam da espionagem aos atentados, do enfrentamento com armas ao encobrimento de fugitivos. Porém outras também tinham interesse em participar e ajudar de alguma forma, e o fizeram, ainda que tenha sido no auxílio à produção de impressos esclarecedores a serem distribuídos à população, como forma de alertar sobre as ações do governo. Livres de suspeita, muitas jovens conseguiam driblar as fiscalizações, portanto, transportavam em suas bolsas documentos falsos, mensagens para outros combatentes e até bombas para ataques. Essa participação e a conseqüente politização das mulheres as fizeram perceber que o seu papel na sociedade era importante e que precisavam brigar por

mais espaço, então, a partir deste sentimento, surgiu uma luta paralela que, após a guerra, resultou em movimentos de emancipação da mulher e de luta pelos seus direitos.

Para Trevisan (2000), a produção de testemunhos pelos *partigiani* documenta eventos da Resistência de um ponto de vista objetivo, porém o material oferece um oportuno campo de investigação para os estudos literários, assim como mostram possibilidades de aproximar diferentes tipos de escrita e os diversos ângulos a partir dos quais quem escreve se retrata dentro das histórias narradas, ou seja, podemos ter a chance de refletir sobre a diversidade de autoconsciência e dos padrões de pensamento com os quais o memorialista transmite noções sobre a arte de escrever sobre si. As memórias da Resistência revestem-se de uma importância maior quando observamos que podem receber investigações e pesquisas tanto no campo da história, com as referências factuais e autorretratos, quanto do imaginário e da qualidade literária.

As duas autoras que estudamos não foram as únicas militantes que deixaram suas lembranças publicadas. É possível atestar em outros relatos a memória *partigiana* feminina em formatos de significativa elaboração narrativa e poética para recordar o passado e enfrentar os problemas do presente¹. Este propósito não deixa de figurar entre todos os testemunhos, razão pela qual consideramos um dos eixos de nossa análise. Revisar a luta *partigiana* e desmistificar o período decisivo do conflito mundial no espaço italiano através dos testemunhos nos leva a pensar na adequação da forma literária ao processo histórico-social revivido em tempos de crise, seja no âmbito material ou no campo ético.

No que se refere à estrutura do trabalho, este é dividido em quatro capítulos. No primeiro fazemos a reconstrução histórica com o objetivo de apresentar o contexto das obras. A apresentação do contexto inicialmente se constitui de maneira abrangente, como um rápido panorama que pretende esclarecer em quais circunstâncias se encontrava o cenário europeu e os motivos que desencadearam a Segunda Guerra mundial. Após isso demos ênfase à situação italiana na primeira

¹ Vale citar *Nero è l'albero dei ricordi, azzurra l'aria*, de Rosetta Loy (2004) que, a partir do título que resgata o verso de Sylvia Plath, refaz o período dos anos de 1940 a 1960, além de *Ragazza partigiana* (memórias da Resistência e da participação da autora nas brigadas *partigiane*, publicado em 1969) e *Bortolina, storia di una donna* (relato autobiográfico publicado em 1996), ambos de Elsa Oliva. Há ainda *Libere sempre* (2012), de Marisa Ombra, *ex-partigiana* que preferiu o relato poético em forma de carta dirigida a uma jovem de 14 anos.

metade do século XX: as crises políticas, formação dos partidos relevantes, ascensão e queda do fascismo, bem como as consequências dos vinte anos de ditadura e a relação que o governo italiano estabeleceu com os países do Eixo. O primeiro capítulo é importante para elucidar e discutir as complexidades e particularidades da experiência italiana durante a Segunda Guerra. À medida que adentramos nas experiências italianas, o texto se condensa e assim abordamos o interior das lutas e tocamos nos conflitos, manifestações e protestos sociais que marcaram o país nesta época, a formação dos grupos e experiência *partigiana*.

O segundo capítulo pretende articular discussões teóricas nas quais as obras estudadas se encaixam, ele possui cinco subdivisões necessárias para organizar tematicamente a teoria. No primeiro tópico fazemos uma breve consideração sobre a literatura referente à temática da Resistência, e discutimos as diversas formas de se referir ao tema como uma forma de distinguir o contexto de produção da obra. Nos dois tópicos seguintes tecemos considerações acerca da literatura de teor testemunhal (diários e biografias) e as configurações que tiveram ao longo do tempo com o objetivo de caracterizar a estrutura das obras e ilustrar a caminhada desse gênero quanto ao seu valor literário desde desvalorização no início do século XX até o préstimo que alcançou ao longo do tempo. Um dos teóricos que adotamos para observar de perto os nossos objetos é Márcio Seligmann-Silva, que dedicou boa parte de seus estudos à literatura de teor testemunhal, principalmente construída por testemunhos que viveram experiências dramáticas, por exemplo as vítimas do holocausto. No quarto tópico pretendemos esquadrihar as nuances da memória e apontar o caráter memorialístico das obras, que por mais que sejam memórias de duas militantes representam a memória de um grupo. Pudemos observar mais de perto as manifestações da memória (memória coletiva: oficial ou subterrânea) por meio de Michael Pollack, Maurice Halbwachs e também contrapondo alguns teóricos como Michel Foucault e Paul Ricoeur. O último tópico destaca o papel da micro-história, admitindo materiais como as memórias, as literaturas de testemunhos, cartas, dentre outros, para estudos históricos, e comprova o caráter micro-histórico das obras.

Os terceiro e quarto capítulos compreendem a análise das obras em si. Tratam da apresentação das obras contendo trechos traduzidos, fatos importantes da luta *partigiana* e da vida particular das militantes, importantes para a divulgação das obras e da luta *partigiana*. O terceiro capítulo é dedicado à obra de Carla

Capponi, *Con cuore di donna* (2009). Como a edição é relativamente recente, existem poucas referências à autora enquanto escritora, porém pode-se encontrar muito conteúdo que valoriza a militante e ressalta a conquista de sua condecoração pela sua valorosa atuação militar. Neste capítulo sintetizamos a obra de Carla e observamos, por meio de sua narrativa, suas influências da infância, amadurecimento ideológico na juventude e empoderamento na fase adulta. Também observamos as formações e o modo de Resistência do GAP de Roma.

No quarto capítulo, dedicado à obra de Ada Gobetti, *Diario Partigiano* (2014), pretendemos focalizar os aspectos da narrativa de Ada, destacando-a como uma escritora experiente, assim como pretendemos explorar seu engajamento na luta armada e organização dos grupos, principalmente o grupo de mulheres, situação que de início a própria militante tentou rejeitar por conta do despreparo das mulheres, mas executa essa função com maestria e atinge o objetivo de tornar as mulheres organizadas e engajadas, prestigiando o trabalho delas na luta. Também é possível observar na obra a maturidade da autora e sua preocupação não só com a família, mas também com os amigos e militantes. Neste capítulo, ainda, contrapomos as duas obras, destacando segundo os aspectos literários que se aproximam, como o tema e o objetivo, e aspectos que se distanciam, como a estrutura e o espaço, por exemplo. Assim, traçamos um panorama da forma narrativa dos gêneros autobiográfico e diário por meio da temática da Resistência, bem como a diferença da forma de Resistência em Roma e Turim através das memórias das militantes.

Enfim, nesta pesquisa, convidamos nossos leitores a explorar as obras autobiográfica e diarística de Carla Capponi e Ada Gobetti, duas autoras que se dedicaram à militância na Resistência *partigiana* e reconstruíram sua luta por meio da memória.

1. As guerras dentro da Guerra

1.1 O fascismo italiano e a Segunda Guerra

Nos anos de 1939 a 1945 o mundo viveu um clima de tensão e violência em que os países importantes do Hemisfério Norte se dividiram em eixos que se digladiaram entre si. O motivo que levou alguns países a tomarem posições contrárias foi a atitude autoritária e opressora interna e dominação externa dos países ditos inimigos, e a esse acontecimento deu-se o nome de Segunda Guerra Mundial. Os países que participaram de forma mais ativa no conflito foram Alemanha, Itália e Japão, potências que formavam o Eixo, enquanto os Aliados eram formados pelas principais potências da época: Estados Unidos, França, Grã Bretanha e a antiga União Soviética. Devemos lembrar que os países do Eixo na época viviam ditaduras que tinham como objetivo a pureza das raças em detrimento de outras consideradas inferiores. Tais ditaduras invadiam alguns países europeus e tentavam dominá-los para expandir seus limites territoriais como foi o caso da invasão a Polônia em 1939 marcando o início da Segunda Guerra. Essa ação da Alemanha sobre a Polônia ia contra o tratado de Versalhes, acordo que marcou o fim da Primeira Guerra. No tratado a Alemanha perdia uma parte do território e obrigava o país a reparar os danos a algumas nações. O rebaixamento alemão causou o descontentamento da população alemã, e principalmente a vingança do governo quando Hitler sobe ao poder.

A Itália entra na Segunda Guerra, em 1940, juntando-se aos países do Eixo por conta das decisões e políticas de seu ditador Benito Mussolini, que demonstrava certa simpatia àquelas ideologias totalitárias de Hitler. Antes de aderir definitivamente à guerra, ao lado da Alemanha, a Itália passou por um processo de crise na política desde o fim da Primeira Guerra mundial que culminou no golpe e ditadura fascista. Todo esse processo será apresentado nas considerações abaixo.

Depois do fim da Primeira Guerra a popularidade do governo de Giovanni Giolitti estava em baixa e a população estava descontente com as suas decisões. Em 1919 o Partido Socialista Italiano (PSI) é eleito com o maior número de deputados e, na ocasião, os fascistas receberam poucos votos, pois era um movimento ainda em ascensão. A presença considerável dos socialistas no parlamento é um sinal da tentativa e vontade de mudança no cenário político da

Itália dos anos de 1920. A essa altura, sem expectativa de mudança, a classe operária se organizava em greves. Além disso, o PSI também passava por uma crise interna entre os grupos de extrema esquerda e os mais conservadores – cujo motivo virá sistematizado abaixo. O PSI se dissolveu dando origem aos partidos fascista e comunista. Tudo isso somado contribuiu para a vulnerabilidade do governo e para o golpe conseqüentemente.

O movimento fascista, a essa altura, por volta de 1920, já era um partido consolidado. Os fascistas buscavam um espaço maior na política italiana, pressionando o governo, que não conseguia dirigir o país por conta da crise, e se aproveitando da insatisfação pública para planejar o golpe. O governo acaba cedendo à pressão do partido em ascensão.

Foi na marcha sobre Roma em 1922 que o partido fascista intensificou a coação sobre o governo. Na ocasião, os integrantes do partido fascista já estavam com o golpe contra o governo de Giolitti em andamento. Então os chefes fascistas vão até o Parlamento, em Roma, a fim de tomar o governo enfraquecido. Segundo Peccianti (1988), caso houvesse resistência e o plano não saísse como o esperado, Mussolini, que ocuparia o poder e ficara em Milão, fugiria para a Suíça. O plano, porém, se deu a contento dos fascistas e Mussolini foi se apresentar ao Parlamento. A propaganda fascista não soou tão negativa na época, pois a população estava cansada de ser assombrada pela falta de emprego e carência de alimentos, logo queria ver a mudança efetiva. Por isso o movimento teve um apoio expressivo no início, mesmo porque mais tarde vai dar condições de trabalho e terra aos camponeses com a conquista da Guerra na África.

O fascismo ascende na Itália, primeiro como um movimento, em 1919, e transformando-se em partido em 1920, apoiado pelo Rei Vittorio Emanuele III, pela igreja e políticos liberais. Da rápida formação e consolidação, o fascismo toma o poder em 1922, como explicado acima. Para combater essa força política que dominava o poder e que era a favor da guerra, nasce o Partido Comunista Italiano (PCI), fundado por Antonio Gramsci em 1921.

O partido fascista e o comunista nasceram do desmembramento do PSI, que já vinha sofrendo uma queda por conta do embate de ideias, justamente o que causou a expulsão de Mussolini do partido. O PSI era contra a entrada da Itália na Primeira Guerra e Mussolini já dava demonstrações de simpatia ao poder e militarização desde aquela época. No PSI Mussolini liderava uma ala de esquerda e

era bem quisto pelos colegas de partido. Tempos depois seus discursos tendem para uma reforma política em que parece querer colocar em prática os ideais socialistas. Em uma nota, Mussi (2014) reproduz um fragmento do artigo de Mussolini no jornal *La lotta di classe* (A luta de classe) em 1910: “O ideal é nossa meta (...) será o primeiro ato de nossa purificação. Em seguida, passaremos ao trabalho (...). Seremos pouco a pouco dignos da nova sociedade que desejamos e seremos capazes de criá-la.” (DE FELICE, *apud* MUSSI p. 117). Nesse discurso já vemos despontar uma tendência para o autoritarismo e a intenção de doutrinação, pois mesmo que o trecho tenha uma tendência à construção de uma nova sociedade mais integrada e unida, Mussolini estava disposto a implementar essas ideias a qualquer preço e ainda purificar o cenário político e social, ou seja, eliminar o que não for de seu agrado .

O partido fascista desde sua formação enquanto movimento teve o financiamento dos grandes proprietários de terra e de fábricas, certos de que teriam vantagens quando o fascismo subisse ao poder. Em troca disso o movimento ajudava com repressão aos operários e aos movimentos de greve para conter a “rebeldia” dos grevistas. A verdade é que os fascistas agiam pela força da elite e contra as massas a fim de modificá-las, organizando-as, contendo suas reações e fazendo com que a força operária se voltasse somente para o trabalho. Ou seja, o fascismo manifestava a vontade da elite que era a sua também: neutralizar as reações da massa. Desde que Mussolini rompe com os socialistas e se une aos correligionários que o apoiam parece que a vontade de dominação e o culto ao poder cresce e a forma de uma nova sociedade que foi idealizada é imposta.

Quando foi escolhido Mussolini para assumir o poder ficou claro o tratamento “linha dura” que adotaria em seu governo. Exigiu formas diferenciadas de tratamento, impôs uma educação militar nas escolas e tirou a liberdade de expressão dos intelectuais, da imprensa e da população. Podemos perceber isso pela forma como Mussolini mandava os militares tratarem os grevistas ou qualquer outro que não respeitasse a sua forma de governar e se manifestava por meio de críticas. A liberdade de expressão começava a ser tolhida, o Partido Fascista dava indícios de uma aproximação aos ideais de antissocialismo e nazismo. Mussolini dizia em seus discursos que “para fazer entrar as nossas ideias na cabeça das pessoas, será preciso soar em seus crânios inaptos o som de cassetete”

(PECCIANI, 1988, p.103), declaração que define o que foram os vinte anos do fascismo na Itália.

De fato, Carla Capponi dá testemunhos das vaidades do *duce* (palavra derivada do latim *dux*, que significa “líder”), como gostava de ser chamado Mussolini. A população não tinha mais áreas de lazer ou pontos onde poderiam se reunir. A Praça Veneza e outros pontos de encontro em Roma, nessa época, foram obrigados a fechar, e seus comércios ficaram desertos. Além de evitar aglomeração de pessoas enquanto não havia policiamento e impedir conspirações, a praça também se torna palco para as aparições de Mussolini. A Praça Veneza, especificamente, teve todas as cafeterias fechadas ou transferidas para outros lugares, “(...) a praça foi destinada apenas às grandes reuniões para os históricos discursos do *duce*” (CAPPONI, 2009, p. 27)².

Observamos, nesta breve explanação, que nos anos que antecedem a Segunda Guerra mundial a Itália era um país em que a população maciça estava fragilizada e voltava a ficar descontente com a forma de governo autoritária em que vivia. Foram vinte anos de um governo ditatorial em que a maioria da população sofria com a falta de liberdade de expressão, excesso de trabalho, escassez de alimentos e vendo as regalias da elite e de seus patrões. Um dos reflexos da Segunda Guerra mundial na população da Itália foi a sua politização, que gerou uma enorme mobilização dos cidadãos mostrando seu descontentamento diante do poder, das imposições pelo governo e da crise. A situação chegou ao limite com a decisão de unir o país com os alemães durante a guerra. Ao ver que o apoio de Mussolini a Hitler não estava sendo satisfatório, ele é deposto, preso e o partido é desfeito em julho de 1943.

Com a deposição de Mussolini, determinada pelo Rei Vittorio Emanuele III e a dissolução do fascismo, quem assume o posto no governo é o Marechal Pietro Badoglio em 25 de julho de 1943. A situação fica ainda mais delicada quando o General decide continuar na guerra apoiando a Alemanha. Acontece que os países do Eixo já não tinham mais tanto prestígio e seus poderes militares vinham perdendo o vigor. A Itália principalmente, já não tinha tantos recursos. Então Badoglio, para tentar acabar com os ataques, assina o armistício com os aliados (em 03 de setembro de 1943, que foi divulgado apenas no dia 08). Esse tempo que decorre entre a

² Tradução nossa de “(...) *la piazza fu destinata solo alle grandi adunate per gli storici discorsi del duce*” (CAPPONI, 2009, p. 27).

posse de Badoglio e o armistício fica conhecido como os quarenta e cinco dias badoglianos. Com esses desfechos em um curto espaço de tempo, grupos civis, entre eles operários, estudantes, intelectuais e soldados desertados do campo de batalha aproveitaram a falta de governabilidade, se mobilizaram e se dedicaram à luta armada, pois a assinatura do cessar fogo deixa a população no meio de um fogo cruzado e complica a situação da Itália na guerra, como veremos mais adiante.

No que diz respeito aos vinte anos de governo fascista na Itália, o país enfrentou dificuldades quando passa a apoiar a Alemanha por ordem do governo italiano em relação à sua falta de preparo para enfrentar uma guerra além dos problemas internos apresentados acima. A Itália não tinha poder militar, não era tradição do país possuir um grande exército, por isso foi preciso convocar pessoas sem preparo para o alistamento a fim de recrutá-las para lutar na guerra. Os jovens com idade acima de dezoito anos eram obrigados a se alistar, os oficiais do exército fiscalizavam casas procurando pessoas com idade adequada e que ainda não tinham se alistado. A conclusão foi um grande número de pessoas sem experiência, sem preparo e obrigadas a participar da guerra, pois não havia tempo de treinar todos os recrutas e é claro que muitas pessoas tentavam burlar esse esquema de recrutamento.

A Itália estabelecia boas relações com os países dominantes, afinal de contas, o país saiu vitorioso da guerra na África. Porém, mesmo com as glórias, o estado em que a população se encontrava na Itália era de um povo triste com as decisões do governo, e descrente com a falta de importância que o governo dava ao povo italiano, só se importando com as lutas externas. Assim, conquistando territórios e prometendo terras das conquistas para os camponeses, o governo tentava mascarar a verdadeira situação que era o desgaste e a insatisfação da maioria. Também insatisfeito com a situação, o intelectual Benedetto Croce, tentando traduzir em palavras o desgaste do povo, escreve o artigo "*Far festa perché?*", em que dizia que a nação estava sofrendo uma degradação psicológica da população, que o país se encontrava com graves doenças, feridas abertas, pois havia milhares de pessoas mortas (cerca de 700.000 vidas foram levadas), familiares e amigos desaparecidos (PECCIANI, 1988, p.101).

O *duce* começou seu governo soberano recebendo poderes especiais do Rei Vittorio e comandando o exército nos combates. Durante seu governo, Mussolini, sempre que possível, enaltecia sua grandeza e a soberania do povo italiano, isso

para não deixar transparecer ao povo os horrores de seu mandato e não haver contestações ao seu governo, já que nada poderia ir contra ele. Sua ditadura teve reflexos na educação pública com uma reforma bem ao estilo fascista em que os alunos passariam a ser educados como militares, ou seja, o ensino tinha foco na guerra, na preparação desses estudantes para serem enrijecidos e preparados para lutar. O que era ensinado e os livros utilizados eram controlados pelo governo a fim de não disponibilizarem materiais que fizessem qualquer tipo de menção às crueldades do ditador, uma lavagem cerebral foi feita nos alunos da época com a implantação de uma cultura fascista com cerimônias e culto ao poder.

Nesta época Carla Capponi começaria ir à escola ou pelo menos deveria se tivesse nascido em uma família comum. Nas suas memórias há passagens em que ela se lembra da época de quando começa a ter aulas junto com sua irmã. Sua educação intelectual começa em casa por opção de seus pais que não concordam com a educação fascista, aliás, são os próprios pais que dão às filhas as primeiras lições escolares. Além de tomar aulas em casa, com um plano de estudos estipulado por seus pais, ela conta em sua biografia que sua família se reunia periodicamente para ler obras clássicas de La Fontaine, irmãos Grimm, Victor Hugo, Walter Scott, entre outros.

No trecho abaixo ela reproduz o prazer que tinha em aprender em casa e como parecia que vivia em um mundo paralelo onde não havia fascismo, sobretudo porque os pais tinham consciência da educação vigente nas escolas da época. Quando vai para a escola normal, em 1929, depois de ter cinco anos de ensinamentos domésticos, Carla percebe a diferença e tem a sensação de prisão na escola em detrimento do ensino livre que sua mãe lhe dava:

Passaram meses, e nós vivíamos longe da realidade quotidiana que se desenvolvia além do muro circundante. De manhã nos empenhávamos a aprender a ler e escrever, porque os nossos pais decidiram que não nos mandariam para a escola, com a esperança de que a aventura fascista no governo terminasse e tudo voltasse como antes. A nossa vida era como cristalizada no espaço daquele “éden”: vivíamos em uma simulação da realidade e éramos felizes (CAPPONI, 2009, p. 27)³.

³Tradução nossa de “*Passarono mesi, e noi vivevamo lontane della realtà quotidiana che si svolgeva oltre il muro di cinta. La mattina eravamo impegnate a imparare a leggere e scrivere, perché i nostri genitori avevano deciso di non mandarci a scuola, con la speranza che l'avventura fascista al governo avesse termine e tutto tornasse come prima. La nostra vita era come cristallizzata nello spazio de quell'“eden”: vivevamo in una simulazione della realtà ed eravamo felici*” (CAPPONI, 2009, p. 27).

A respeito da educação, Ada Gobetti também reflete profundamente em seu diário. As duas mulheres passaram pela experiência da reformulação da educação fascista, Carla enquanto aluna e Ada enquanto professora. Ada sonhava com o dia em que o ensino na Itália voltaria a ser reflexivo como em sua época, e temia pelos novos professores que estavam sendo formados pelo fascismo e acreditava que seria melhor fechar as universidades durante a reformulação pós-fascista. A revolta de Ada é tanta quanto ao tipo de educação das universidades, que ela chega a exagerar, e assume seu exagero:

E é necessário jogar fora completamente as velhas Universidades que não correspondem mais nem mesmo minimamente às exigências atuais. Por minha conta – depois da pouco brilhante prova dada durante a Resistência, da maioria dos professores e estudantes universitários – fecharia as Universidades por vinte anos (ou talvez exagero: bastariam dez) (GOBETTI, 2014, p. 382)⁴.

Além dos exemplos de insatisfação pela repressão nas escolas podemos enumerar também exemplos de intolerância e opressão que sofria a sociedade da época, principalmente com quem militava contra o governo. Aos que contrariavam a forma de governar do chefe fascista, Mussolini respondia com violência e até com a execução. Dentre os militantes assassinados pelo regime estão Piero Gobetti, Giacomo Matteotti e Giovanni Amendola, que foram mortos brutalmente entre os anos de 1924 e 1926, por denunciarem publicamente o fascismo, como Giacomo Matteotti, ou publicando nas revistas em que colaboravam como Piero Gobetti e Giovanni Amendola. Tanto Amendola quanto Gobetti foram mortos em 1926 vítimas de emboscadas fascistas. Piero Gobetti morre aos 25 anos e sua esposa Ada continuou seu trabalho, contribuindo com o movimento antifascista, entrando para a Resistência em Turim. O casal teve um filho, Paolo Gobetti, que também participava do movimento. Amendola também deixa sua herança para a Resistência, seus filhos Giorgio e Pietro Amendola, que vão lutar na Resistência, em Roma, ao lado de Carla Capponi.

Em 1924 Giacomo Matteotti também sofre uma emboscada ao sair de sua casa, tendo sido sequestrado, torturado e depois assassinado. O fato deu origem ao

⁴ Tradução nossa de “*E bisogna buttare all’aria completamente le vecchie Università che non corrispondono più neanche minimamente alle esigenze attuali. Per conto mio – dopo la poco brillante prova data, durante la Resistenza, dalla maggioranza dei professori e studenti universitari – chiuderei le Università per vent’anni (o forse esagero: basterebbero dieci)*” (GOBETTI, 2014, p. 382).

livro *Delitto Matteotti*⁵, encontrado por Carla Capponi quando jovem nas férias de 1934. A autora conta que pensou, a princípio, tratar-se de um *giallo*⁶, depois se deu conta da veracidade dos fatos e ela e sua irmã constataram que se tratava de um *giallo politico*, que continha desde as acusações que Matteotti fez ao governo até o desfecho da história. Na ocasião Capponi toma posse do livro e distribui versões manuscritas para colegas na escola, atitude que quase causa problemas graves à sua família. Depois do ocorrido, a família tem uma conversa em que esclarece a situação do país. Nas citações que se seguirão trataremos de resumir a história:

Foi em meio a todas aquelas curiosidades que encontramos um opúsculo com o título *Delitto Matteotti* (...). Ficamos impressionadas com a descrição daquela emboscada (...). Fechadas as páginas daquele livreto, em nós se fez um caminho para uma série de interrogações: porque o papai e a mamãe nos manteve escondido aquele episódio terrível? (...) Decidimos nos apossar daquele livreto (...). Preparamos cinco cópias escritas a mão (...). Um dos companheiros de classe a quem havia dado a cópia do opúsculo me advertiu muito alarmado que seu pai o surpreendeu lendo o manuscrito (...) O pai o ameaçou que iria à direção para acabar com aquela “propaganda subversiva” (CAPPONI, 2009, p. 48-49)⁷.

Dentre os que sofreram tortura e condenação, destaca-se o caso do intelectual, Antonio Gramsci.

1.2 A permeabilidade da cultura, o intelectual orgânico e a luta contra o fascismo

O filósofo, jornalista e crítico literário, Antonio Gramsci, foi figura importante no cenário do século XX. Fundou o PCI após ter rompido com os socialistas, e foi preso, torturado e condenado a 20 anos de prisão, depois da queda do fascismo. Segundo Peccianti (1988, p. 105), calcula-se que entre 1926 e 1943 foram

⁵ O episódio do assassinato de Giacomo Matteotti tomou uma grande proporção no país até mesmo por conta do seu discurso em Turim denunciando o fascismo. Além do livro sobre o caso encontrado por Carla, Piero Gobetti escreve um ensaio intitulado *Matteotti*, que Ada Gobetti relê em certa altura de sua vida, durante a Resistência, conforme ela registra no diário.

⁶ *Giallo* em italiano significa “amarelo”, neste contexto se trata de romance policial, pois as edições italianas desse estilo narrativo traziam a capa amarela.

⁷ Tradução nossa de “*Fu in mezzo a tutte quelle curiosità che troviamo un opuscolo dal titolo Delitto Matteotti (...) Restammo impressionate dalla descrizione di quell’agguato (...) Chiuse le pagine di quel libretto, in noi si fecero strada una serie di interrogativi: perché mai il babbo e la mamma ci avevano tenuto nascosto quel tremendo episodio? (...) Decidemmo di impossarci de quel libretto (...) Preparammo cinque copie scritte a mano (...) Uno dei compagni di classe a cui avevo regalato la copia dell’opuscolo mi avvetì molto allarmato che suo padre lo aveva sorpreso a leggere il manoscritto (...) Il padre lo aveva minacciato di recarsi dal preside per stroncare quella che definiva ‘propaganda sovversiva’” (CAPPONI, 2009, p.48-49).*

condenadas cerca de 5000 pessoas. As reflexões de Gramsci no cárcere foram publicadas e são até hoje referências importantes para a política e a cultura. Gramsci desenvolve uma série de teorias sobre os seus pontos de vista, antes de virar alvo dos fascistas, dialogando inclusive com Piero Gobetti. Apesar dos dois seguirem linhas ideológicas diferentes, Gramsci era marxista e Piero, liberal, ambos concordavam sobre a questão político cultural italiana e que para o desenvolvimento integral do país faltava “consciência e práticas novas e unitárias para garantia das condições elementares da vida” (MUSSI, 2011, p.09).

Antes de se tornar um intelectual conhecido, Gramsci foi influenciado por intelectuais a partir da leitura e discussão de seus artigos. Sua característica de cidadão preocupado com a sociedade, sua origem simples e suas leituras influenciariam na sua formação e na elaboração de suas teorias: “Gramsci trazia na bagagem um contato com o movimento neoidealista, crítico ao determinismo e ao positivismo filosófico [em voga na Universidade de Turim na época] e inspirado pelas elaborações que o filósofo napolitano Benedetto Croce desenvolvia desde o final do século XIX” (MUSSI, 2014, p. 113).

Segundo Rapone e Fiori (RAPONE, 2011; FIORI, 2003 apud MUSSI 2014 p. 112), Antonio Gramsci sai da Sardenha mudando-se para Turim depois de conseguir uma bolsa de estudos para alunos pobres no curso de letras. Na cidade grande suas preocupações eram estudar e encontrar uma forma de se manter na universidade. Nesta época, 1911, Turim já era um centro da indústria automobilística. Podemos perceber pelas considerações de Mussi que a trajetória de Gramsci é bastante parecida com a de muitos jovens que entram para a universidade hoje em dia no Brasil.

Além da influência antipositivista de Benedetto Croce, Gramsci também simpatizava com as ideias de Gaetano Salvemini (1873-1957). Membro do PSI, Salvemini era de “tendência reformista de esquerda” (MUSSI, 2014, p. 114). Segundo Mussi, essa tendência se reforçou durante os anos de 1910 e 1912 quando o PSI vive o ápice de uma crise interna em que começa a se dividir, e reformistas e revolucionários se unem contra os mais conservadores. Salvemini defendia uma reforma interna do partido em que a proposta central seria o sufrágio universal, assim ele se aproximaria das massas, ou seja, ele queria a democratização do partido. Salvemini defendia as grandes transformações políticas por meio das massas. Essa ideia vai contribuir para o pensamento filosófico de Gramsci. Por não

estar de acordo com o que o PSI pretendia, Salvemini se afasta (MUSSI, 2014, p. 114-115).

Em 1912 Gramsci começa a ter contato com o PSI a partir de Angelo Tasca, também estudante de Letras. Nesse período se inicia o debate entre cultura e socialismo na *Federazione Giovanile Socialista Italiana* (FGSI) na qual participava Tasca. Por enquanto, apenas Gramsci acompanhava as iniciativas de Tasca na FGSI. Tasca é um dos primeiros a propor o debate de preparação e cultura, desenvolvendo a ideia de que a “principal tarefa da federação era a de preparação, cultura e ação” (MUSSI, 2014, p. 118). A proposta de Tasca gerou mal estar no interior do partido já que ele criticava a posição do jornal *L'avanguardia* e ainda apresentou uma proposta para que no jornal “prevalecesse o ‘trabalho de cultura’ em que o jornal responderia melhor à necessidade de cultura e preparação manifestas no movimento de jovens socialistas” (L'AVANGUARDIA, 1912 *apud* MUSSI, 2014, p. 118). Gramsci e Tasca trocaram cartas periodicamente durante os anos de 1913 e 1914 e, segundo Mussi, Gramsci então está acompanhando as modificações no PSI, que devemos destacar, a essa altura ocorre a vitória da ala de esquerda do partido que significa a ruptura com o governo se voltando mais para o povo (MUSSI, 2014, p. 119):

A vida partidária socialista interessou progressivamente a Gramsci à medida que este acompanhou sua dinâmica e seus debates internos. O jovem sardo seguia dedicadamente com seus estudos de filologia na universidade, com leituras nas quais a cultura neoidealista ocupava espaço relevante, mas sofria com a falta de recursos e crises de saúde periódicas (GRAMSCI, 2009, *apud* MUSSI, 2014, p. 123). Ainda assim, seu interesse na política socialista cresceu nesse período (MUSSI, 2014, p. 123).

O que também motivou a entrada de Gramsci no PSI em 1914, no *Gruppo Studentesco Socialista di Cultura* (Grupo Estudantil Socialista de Cultura), foi o impacto das eleições de 1913 nas massas camponesas da Sardenha, e ele via no PSI potencial para lidar com a “massificação da política” (MUSSI, 2014, p.124). É a partir daí também que parece começar a construir um pensamento autônomo sobre a questão da cultura, pois, para Gramsci, “o problema da cultura era o da transformação das ideias em força prática” (MUSSI, 2014, p. 125), ou seja, a transformação aconteceria efetivamente pela ação.

Com o despontar da primeira guerra em 1914, Gramsci simpatiza com a ideia de “Neutralidade ativa e operante” de Mussolini, pois “responsabilizava a burguesia

e seu governo pela guerra e poderia ser combinada a um intenso trabalho de base socialista para enfrentar os impactos do conflito. Gramsci sentia ‘a necessidade de agir, a vontade de fazer’, de dar resposta ao tradicional imobilismo do partido socialista” (MUSSI, 2014, p. 126).

Se para Gramsci as palavras de ordem “neutralidade ativa” significavam um momento de debate interno no partido sobre as questões dos conflitos de classe e o apoio da burguesia à guerra, ou seja, definia o papel do PSI na sociedade e poderia culminar na revolução social, para Mussolini, “a ‘neutralidade ativa’ era uma artimanha usada para conquistar uma margem de manobra na política imperialista italiana” (D’ORSI 2004; 2008; RAPONE, 2011 *apud* MUSSI, 2014, p. 126).

Em 1916, ainda segundo Mussi, depois de um tempo afastado por problemas de saúde e tendo que trabalhar para se sustentar, Gramsci retorna às atividades partidárias com artigos em jornais socialistas como *Avanti!* e *Il Grido del Popolo* (*Avante!* e *O Grito do Povo*), assim ele se reinsere no socialismo e no debate sobre cultura. Em seu artigo “Socialismo e Cultura”, publicado em *Il Grido del Popolo*, Gramsci aponta a “cultura como o ‘problema de apoderar-se de si próprio’, de buscar uma sincronia entre a existência natural e a existência consciente” (GRAMSCI *apud* MUSSI, 2014 p. 127). Mussi observa que Gramsci, tendo como base as ideias de Salvemini e Tasca, teria elaborado seu próprio pensamento filosófico sobre a cultura trazendo um elemento diferente:

(...) analisada de um ponto de vista histórico, a cultura havia se convertido em “consciência da igualdade humana” entre “plebeus” e “nobres” e, com isso, na fundação de uma nova “base e razão histórica para o surgimento da república democrática na antiguidade” e da república burguesa a partir da Revolução Francesa no presente (...). A cultura, aqui, não era apenas resultado de embates intelectuais, mas aparecia como produto de entrecosques sociais ao longo da história, e não apenas da “educação” oferecida por um grupo social a outro. O “problema supremo da cultura” era pensado por Gramsci em uma dimensão conflitiva, na medida em que a consciência da igualdade humana, cultural, se afirmava, ao mesmo tempo, como “princípio e limite” dos momentos de luta por essa igualdade (MUSSI, 2014, p, 127).

Gramsci se baseia em Salvemini e seu estudo sobre a Revolução Francesa em que “toda revolução é precedida por um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural, um processo de permeabilidade de ideias entre grupos de homens antes refratários a elas” (MUSSI, 2014, p. 128), ou seja, a cultura é um processo de incorporação das ideias de um ou outro grupo. Gramsci trabalha e

amadurece suas ideias a partir dos estudos de Salvemini e segundo Mussi ele traz um elemento novo: “(...) a novidade proposta por Gramsci estava em retirar dos ‘intelectuais’ a exclusividade do protagonismo neste processo. E, ao desenvolver este raciocínio, propôs uma nova definição para o conceito: ‘cultura é organização’” (MUSSI, 2014, p. 128).

A questão da permeabilidade da cultura foi o início do pensamento de Gramsci para explicar a decadência da burguesia e as novas formas de organização sociais, assim seria necessária a educação socialista do proletário, a cultura seria ensinada de forma política “como formação para a elaboração e realização de todas as tarefas colocadas, na medida de sua ‘afirmação plena em todas as complexas e diversas atividades’” (MUSSI, 2014, p. 130). Enfim, Gramsci vai amadurecendo sua ideia sobre a cultura e o proletariado, e culmina em defender que qualquer um pode escolher a carreira que quer seguir, e também fazer o estudante conhecer o mundo do intelecto e do operariado, sem deixar de lado a política e a cultura, assim, quem escolhesse se dedicar ao trabalho na fábrica teria consciência do seu papel social, de seus direitos, sem que seu trabalho o aprisione. O intelectual também teria a consciência de sua posição na sociedade e formas concretas de melhorar seu meio. Assim, a convivência na sociedade seria uma via de mão dupla: a educação socialista do proletário igualaria o operário a qualquer outro profissional.

Resumindo as teorias de Gramsci sobre a cultura e as massas, de acordo com Mussi (2014), a cultura para Gramsci envolvia o indivíduo nos vários âmbitos sociais: escola, economia, partido, história, trabalho tanto intelectual quanto nas fábricas, ou seja, a “organização cultural”. Também podemos concluir que Gramsci, a partir das ideias de Tasca, Salvemini, Croce e do neoidealismo italiano, abriu espaço para novos debates sobre a cultura, inclusive entre os intelectuais dentro das universidades que até então seguiam o positivismo do século XIX. O último parágrafo do artigo de Mussi, que traça a trajetória de Gramsci e seu pensamento filosófico, é conclusivo quanto à importância do pensamento do filósofo sobre a questão da organização da cultura e das massas:

O iluminismo gramsciano compreendia relação entre intelectuais e massas de um ponto de vista dialético, na qual se desenvolvem processos permanentes de mediação, de compreensão ou incompreensão mútua. A cultura, neste caso, era também política: ferramenta capaz de promover a coesão ou sofrer a dispersão social; critério de pesquisa da relação histórica entre governantes e governados; e, finalmente, um caminho – ainda que

contraditório – para a autonomia, individual e coletiva, no interior do capitalismo (MUSSI, 2014, p. 134).

Enquanto houvesse divisão social desequilibrada e não uma visão igualitária que unisse o país, haveria defasagem das práticas políticas em uns e outros lugares, principalmente no Sul. Gramsci influenciou a esquerda principalmente no que diz respeito à questão das massas e seu papel na sociedade, pois é ela quem conduz a sociedade, produz cultura, além de ser a força do trabalho. O intelectual, então, chama atenção dos movimentos de esquerda para a mobilização e consciência das massas, pois é ela quem produz a força necessária que anos depois dessas soluções de Gramsci, unida, pode derrubar o poder.

Diante de todas essas considerações acerca de Gramsci percebemos que ele pretende discutir as questões sociais, mas não apenas isso. O que Gramsci propõe é também a integralização total do intelectual com a sociedade de forma que ele aja de maneira contígua, interagindo com o meio social, valorizando a cultura e desenvolvendo métodos que melhorem os espaços e a realidade social. À essa categoria Gramsci dá o nome de intelectual orgânico, ou seja aquele que pensa e trabalha diretamente para o bem social.

Pensando que o intelectual orgânico, no modelo gramsciano, é aquele que age de forma engajada visando à transformação social, diferente do modelo tradicional de intelectual, que se debruça em questões filosóficas a fim de explicá-las, podemos incluir Ada Gobetti e Carla Capponi na categoria de intelectuais orgânicas por lutarem pela otimização social unida ao comprometimento em transformar o cenário feminino. Antes de a Resistência se consolidar na Itália, Ada Gobetti se dedicava à educação e às discussões políticas, fatores que a levaram a engajar-se no movimento, lutando em favor do povo durante os anos da Resistência e depois deles. Durante a juventude, Carla Capponi luta na Resistência e também participa do grupo de mulheres, depois é eleita deputada pelo PCI. Sua atitude de visitar e publicar suas memórias é ato de combate ao revisionismo histórico, que tentava camuflar o fenômeno popular que havia acontecido durante a Segunda Guerra. Esses fatores demonstram o engajamento das autoras.

1.3 Os *Partigiani* e a Resistência

Além de quem se opunha publicamente ao governo fascista, como os intelectuais socialistas, havia quem se manifestava de forma sutil, mas até estes sofriam repressão ao menor sinal de manifesto. Algumas abordagens e agressões dos fascistas pareciam ser por simples prazer, ou consideradas desrespeito ao próprio fascismo, como em 1926, Carla Capponi era criança ainda e seu pai foi agredido pelos fascistas quando tomavam sorvete indo ao cinema. Na ocasião, seu pai, que usava um chapéu, se recusou a tirá-lo e estender a mão para cantar o hino fascista, por isso quatro representantes do fascismo o agarraram e lhe deram um tapa e ao fazer menção de que iria reagir, foi arrancado da fila do cinema. Carla e sua família gritavam de desespero, pois não podiam conter os soldados (CAPPONI, 2009, p. 30).

Já que não obtinham o prestígio da massa, os fascistas buscavam a aceitação das instâncias sociais mais elevadas, assim como fez com os donos de fábricas e de grandes propriedades de terra. Na tentativa de conseguir o prestígio da população, o *duce* procurava conquistar aliados, e para alcançar seus objetivos, se reconciliou com a Igreja e concedeu a ela um território – o Vaticano – assim conseguindo apoio. As decisões tomadas pelo governo, como o apoio que dava em relação à guerra, a punição às pessoas que demonstravam uma posição antifascista, a imposição nas escolas e a proibição de questionamento dessas decisões, eram camuflados pela conquista da Etiópia, na Guerra com a África, como dito anteriormente: “Finalmente a Itália tem um Império”, teria dito Mussolini. Como a Itália sofria por falta de alimento e conseqüentemente, com a fome, essa era uma esperança de prosperidade para o povo. Além dessa conquista para os camponeses, no meio urbano o governo começou a gerar empregos públicos e a movimentar a economia. Porém, apesar das boas condições, em 1939 explode a Segunda Guerra Mundial.

No início a Itália se mantém, de certa forma, neutra. Mussolini decide não avançar por não ter tropas o suficiente e por ter certa insegurança em relação às ideias de Adolf Hitler, porém demonstrando simpatia pela forma com que conduzia seu governo. A insegurança de Mussolini parece ser mais em relação ao futuro de seu posto a frente do governo italiano. Contudo, no ano seguinte, declara guerra à França e à Inglaterra, se aliando à Alemanha, se tornando dependente do apoio do governo alemão em relação a subsídios para se manter ativo na guerra. Essas alianças e as decisões tomadas fazem com que a população italiana fique ainda

mais insatisfeita. A revolta popular não mostra outra saída para o Rei se não tirar a figura de Mussolini do poder para amenizar o desconforto. Porém, como vimos acima, durante o governo Badoglio não havia decisão acertada, pois a Itália já estava bastante envolvida com a parte inimiga e a assinatura do armistício gerou uma tensão no país.

O ano de 1943 é um dos mais críticos para a Itália e para os fatos da guerra: as tropas anglo-americanas desembarcam na Sicília, o país se revoltou em greves de operários e enfrentava uma crise, a popularidade do governo cai drasticamente e, para tentar amenizar o descontentamento, o Rei decreta a prisão de Mussolini em 25 de julho de 1943, concomitantemente à sua destituição pelo *Gran Consiglio del Fascismo*. A reação do povo à queda do fascismo e dissolução do governo é a melhor possível – a própria Ada Gobetti admite que havia reagido com “um riso quase histérico” (GOBETTI, 1972, p. 18), após ter vivido duas décadas de ditadura fascista. A felicidade dos italianos dura pouco, pois o governo, que desde então é comandado pelo Rei e pelo marechal Pietro Badoglio, decide por continuar a guerra ao lado dos alemães. A partir daí ocorrem os quarenta e cinco dias de Badoglio no poder (25 de julho a 8 de setembro), e a assinatura do armistício.

Resumindo Fabris (1996), em 03 de setembro de 1943 foi assinado, pelo governo Badoglio o “armistício curto” com os anglo-americanos em Cassibile. O evento consistiu no cessar dos ataques aos aliados. Essa ação foi divulgada apenas cinco dias mais tarde, em 08 de setembro, pois a situação causaria tensão na relação entre a Itália e a Alemanha, já que o país acabava de se render aos aliados (FABRIS, 1996).

Após a mudança de lado da Itália no conflito, o exército alemão ocupa o país e liberta Mussolini, seu aliado desde sempre, este constitui um governo paralelo ao de Badoglio e do Rei, a República de Saló. O Rei e Badoglio, ameaçados, se retiram de Roma e vão para Brindisi, no Sul, pois a cidade já havia sido libertada pelos Aliados e lá não correriam riscos de sofrer ataques. O governo paralelo sobre o qual Mussolini se fez chefe novamente se localizava ao norte, onde o antigo governo e os aliados não tinham acesso ainda, pois foram construídas linhas estratégicas que impediam o avanço das tropas anglo-americanas. Assim, observamos que a Itália se encontrava num desgoverno e, com sua rendição e mudança de posição, se torna alvo dos alemães em quase todo o território e dos Aliados que combatiam o nazifascismo instaurado no norte.

Na realidade, a situação era tão caótica que não se sabia contra quem se estava lutando: os anglo-americanos invadiram com a ordem de libertar o país das tropas alemãs, portanto bombardeavam a fim de intimidar o exército de ocupação nazista, e os nazistas contra-atacavam. Enquanto isso, os soldados do exército italiano ficaram à deriva, pois sem o apoio e as ordens dos comandantes, eles dispersaram. Dos soldados desertados alguns voltaram para suas casas, outros lutaram na Resistência. Com as tropas aliadas avançando pelo Sul, sob o governo do Rei e de Badoglio, e o resto do país (Centro e Norte) ocupado pelos alemães e sob o comando da República de Saló, o país se encontrava dividido (FABRIS, 1996).

Muito rapidamente, logo que a Itália começa a sofrer essa nova pressão, é criado o *Comitato di Liberazione Nazionale* (CLN). Essa entidade foi organizada por partidos antifascistas e visava a liberação do país da ocupação nazista com o apoio de movimentos organizados por civis. O CLN tenta ser reconhecido como governo, mas não é legitimado pelos anglo-americanos, ou seja, há também a recusa de ajuda aos italianos por parte dos Aliados, apenas ao Rei e ao marechal Badoglio era concedido o estatuto de governo. Do CLN, parte a ideia de se formar um exército voluntário e clandestino que vai resistir às forças nazifascistas. Em 26 de setembro de 1943 Badoglio assinou o “armistício longo”, traduzindo a rendição incondicional. Em 13 de outubro finalmente o país declara guerra à Alemanha, e as forças Aliadas reconhecem a aliança com a Itália. No ano seguinte, em abril, o Rei renuncia em favor de seu filho Humberto II e, meses depois, em 4 de junho de 1944, Roma é libertada e os Aliados avançaram na península durante o inverno de 1944-1945. Carla Capponi registra o momento em sua obra:

Em quatro de junho entram em Roma as primeiras sessões da Quinta armada aliada, provenientes do fronte de Anzio e de Cassino; escoaram pelas ruas consulares, Appia, Tuscolana, Casilina, Prenestina, Tiburtina, no mesmo momento em que as últimas levas de alemães fugiam para o norte. De San Lorenzo à praça Venezia a multidão saiu às praças para acolher os libertadores. À via Tasso os últimos torturadores nazifascistas carregaram sobre dois caminhões os patriotas poupados no fuzilamento do Forte Bravetta, nas deportações e no massacre das fossas Ardeatine (CAPPONI, 2009, p. 302)⁸.

⁸ Tradução nossa de “*Il quattro giugno entrarono a Roma i primi reparti della Quinta armata alleata, provenienti dal fronte di Anzio e di Cassino; confluirono per le vie consolari, appia, Tuscolana, Casilina, Prenestina, Tiburtina, nello stesso momento in cui gli ultimi reparti tedeschi fuggivano verso nord. Da San Lorenzo a piazza Venezia la folla si riversava nelle piazze ad accogliere i liberatori. A via Tasso gli ultimi aguzzini nazifascisti caricarono su due camion i patrioti risparmiati alle fucilazioni di Forte Bravetta, alle deportazioni e al massacro delle cave Ardeatine*” (CAPPONI, 2009, p. 302).

O exército de civis que se formou logo após a ocupação da Alemanha era chamado de *partigiano* e compunha o movimento de Resistência. Mesmo sem o reconhecimento das tropas anglo-americanas, e atuando na clandestinidade, eles permaneceram firmes até abril de 1945, nos últimos dias da guerra, e liberaram várias regiões sem ajuda militar, pois os exércitos Aliados não haviam avançado. A chegada efetiva ao centro-Norte da Itália só se consolidou com a dissolução da linha gótica, uma das estratégias alemãs, que cortava o país com o intuito exatamente de retardar o avanço anglo-americano.

Com a decadência do fascismo e com a guerra definitivamente perdida em 28 de abril de 1945, Mussolini tenta fugir da Itália e é surpreendido por um grupo de *partigiani* em Dongo, junto de sua amante, Clara Petacci. Eles são executados e, no dia 29, as tropas alemãs na Itália assinaram sua rendição (PECCIANI, 1988). Assim terminam os vinte anos de fascismo na Itália seguidos de quase dois anos de ocupação alemã que deixou o país devastado.

Esse foi um panorama dos fatos e o desfecho da guerra na Itália. Com certeza o país saiu desse episódio em ruínas, muitas pessoas perderam familiares, bens e sofreram com a carestia. A reconstituição do país e a superação dos traumas causados levariam anos até ser reparados, porém festejou-se muito a libertação, principalmente porque houve um empenho muito grande do movimento de Resistência *partigiana*.

Os *partigiani* eram civis que se refugiavam nas montanhas da Itália após o armistício para esquivar-se dos alemães, mas não apenas isso. Eles tentavam se defender por meio de ataques aos alemães enquanto se escondiam deles, e havia quem pensasse que os *partigiani* agiam na covardia, porém, foi a forma que eles encontraram para driblar as forças alemãs, nos Alpes por exemplo, já que seu poder de fogo era menor e às vezes dependiam dos fracassos do inimigo. No geral, os que se escondiam nas montanhas eram jovens que não queriam ser recrutados para fazer parte dos exércitos fascistas ou que tinham medo de serem capturados para irem trabalhar em campos de concentração, assim como também eram numerosos os voluntários dos partidos antifascistas (BOCCA, 1995). Com o passar do tempo e as formações políticas que veremos abaixo, observando a constituição de alguns grupos, os *partigiani* organizaram-se em verdadeiros grupos armados para libertação e que pareciam ter experiência na luta, além da experiência política.

Todos os partidos italianos, os comunistas, católicos, socialistas e liberais, tinham seus grupos de *partigiani* que lutavam na Resistência italiana, mas no combate ao nazifascismo uniram-se num comando unificado do “Corpo Voluntário da Liberdade” representado pelo CLN. O grupo de defesa *partigiano* organizava operações de sabotagem, guerrilha, atentados contra o poder alemão local, agitavam as cidades ocupadas pelos alemães. A população era favorável à Resistência *partigiana* e suas ações em muitas regiões, principalmente no norte, e até ajudavam os militantes; os camponeses, por exemplo, forneciam alimentos e esconderijos para eles. As mulheres nas cidades distribuíam jornais clandestinos, levavam mensagens para outros grupos e até bombas, para eventuais ataques, escondidas em suas bolsas. As mulheres faziam trabalhos de transporte de informações e artefatos pequenos por não despertarem suspeitas, porém algumas chegaram a partir para ação direta. Evidentemente, essas ações não ficavam impunes, quando eram descobertos os inimigos respondiam aos italianos com muitas mortes.

Percebemos, então, a importância do movimento *partigiano* para a libertação da Itália e o quanto foi importante em determinado tempo a união dos partidos antifascistas trabalhando cada um à sua maneira. Os comunistas, por exemplo, segundo Chabod (1961) eram os mais preparados para o confronto, eram organizados como militares e apesar da clandestinidade, pagaram duramente; os católicos estiveram à frente das batalhas eleitorais durante um tempo, não tinham a facilidade dos comunistas ao lidar com a clandestinidade, porém se organizam rapidamente como partido político; os socialistas, por sua vez, tinham o apoio da grande massa operária, porém, como partido, não possuem a organização dos católicos; os liberais eram formados em sua maioria pelos intelectuais e faziam a crítica durante o fascismo, o que para Benedetto Croce (*apud* CHABOD 1961), representa um ponto de ligação entre eles (CHABOD, 1961, p. 104-106). Todos tinham em comum o ideal da queda fascista e livrar o país da ocupação alemã, porém havia algumas particularidades. Os comunistas, por exemplo, queriam uma revolução nos moldes russos de Lenin e Stalin; os socialistas estavam divididos, por um lado apoiavam a revolta popular e, por outro, não queriam se juntar aos comunistas.

A partir daqui, daremos ênfase às formações e características *partigiane* em Roma e Turim, na tentativa de situar e conhecer um pouco dos grupos nos quais

participavam as autoras cujas memórias pretendemos analisar, antes, porém, apresentaremos algumas características gerais da Resistência italiana.

O movimento de Resistência começa a se organizar logo que se percebem os primeiros eventos das ocupações e invasões, diferente de países como a França, Polônia, Bélgica e Holanda, que reagiram meses depois de serem tomados, isso porque o país já vivia sufocado com o fantasma do fascismo há quase vinte anos, portanto as invasões foram a gota d'água para que houvesse um levante popular.

Os antifascistas antigos que foram silenciados voltaram do exílio. Depois da deposição de Mussolini, eles se juntaram a um novo antifascismo que amadureceu na Itália, acompanhou os rumos do fascismo e viu a condenação de seus heróis. Ada Gobetti saúda, em seu livro, aqueles que voltaram do exílio. No contexto do trecho que será reproduzido, Ada se encontra animada por um sentimento de alegria ao ter de volta seus amigos. O fragmento faz parte do início de sua narrativa, em que ela estabelece a tarde do dia 10 de setembro de 1943 em Turim, quando ela avista os veículos alemães, mas não se dá conta de que naquele momento havia perigo no ar. Ao contrário, imaginava que sua cidade estivesse segura. Nos dias anteriores, os “quarenta e cinco dias badoglianos” (25 de julho a 8 de setembro), Ada vivera a atmosfera de excitação e mantinha atividades de distribuição de manifestos, mas nem poderia supor o que aconteceria desde que ouvira, clandestinamente, a notícia da queda do fascismo em julho daquele ano:

(...) e a casa cheia de gente; e todos os amigos que se podia agora ver livremente; e aqueles que dia após dia, voltavam do confinamento, do exílio, do cárcere – Rossi e Ginzburg, Venturi e Foa⁹; e a excitação da primeira impressão semiclandestina; um turbilhão em que era belo sentir-se envolver, uma alegria que parecia uma justa recompensa por tantos anos de isolamento (GOBETTI, 2014, p.03)¹⁰.

⁹ Acreditamos necessário reproduzir a nota de rodapé da edição de 1972 do *Diario* a fim de especificar os personagens históricos que tiveram envolvidos, de alguma forma, com a luta antifascista, foram para o exílio e quando voltaram ajudaram a compor o “novo antifascismo” descrito por Giorgio Bocca (BOCCA, 1995): Ernesto Rossi (1897-1967), escritor de economia e de política. Vittorio Foa é hoje dirigente sindical, Franco Venturi, historiador e professor universitário. Leone Ginzburg (1909-44) escritor, morreu devido às torturas sofridas por obra dos nazifascistas durante a ocupação de Roma. Eram todos vítimas do Tribunal Especial do Fascismo, membros do movimento político “Justiça e Liberdade” ao qual pertenciam também Ada e Ettore. Foi fundado por Carlo Rosselli, morto com o irmão Nello em 1937 por assassinos fascistas na França, onde estava exilado. Durante a guerra, Rossi, Foa, Venturi, como Ada e Ettore, se juntaram ao Partido da ação, no qual entre os fundadores estiveram também outras personalidades antifascistas importantes, como Ferruccio Parri, Emilio Lussu, Silvio Trentin, etc (GOBETTI, 1972, p. 18).

¹⁰ Tradução nossa de “(...) e la casa piena di gente; e tutti gli amici che si potevano ormai vedere liberamente; e quelli che giorno per giorno, tornavano dal confinamento, dall'esilio, dal carcere- Rossi e Ginzburg, Venturi e Foa; e l'eccitazione della prima stampa semiclandestina; un turbine in cui era

O CLN, citado acima, surge desses grupos de antifascistas pertencentes aos partidos comunistas, socialistas e *azionista* – do *Partito d’Azione* – portanto, consiste na oposição interpartidária que propagava a luta e o ideal da Resistência que era a liberação do país. O movimento se espalhou rapidamente e tinha formações diversificadas nas várias regiões a que foi aderido, podendo começar dentro dos partidos; nas universidades, com professores e alunos e, nas fábricas, com os operários.

Turim, felizmente, adere imediatamente à luta armada e começa a recolher fundos e armas. A cidade era o berço dos intelectuais que discutiam sobre política e tiveram que se exilar. Por sorte eles conseguem se organizar rapidamente, pois como se localiza longe do centro, e principalmente do sul, as tropas Aliadas demoraram a chegar. No decorrer da Resistência se forma no norte da Itália o *Comitato di Liberazione Nazionale dell’Alta Italia* (CLNAI), criado para engajar e unir as regiões do norte.

Os grupos de civis tinham uma lógica partidária, e em cada lugar poderiam aderir a um segmento. Por exemplo, existiam os *garibaldini* (de ideologia comunista) mais populares na Emilia e na Liguria, *gapisti* (proveniente do GAP, *Gruppo d’Azione Patriotica*, também de iniciativa comunista), com bastante força em Roma e *giellisti* (que corresponde à sigla G.L. do grupo *Giustizia e Libertà*), mais populares no Piemonte (CHABOD, 1961, p. 131-132). A Resistência contava ainda com os autônomos que não estavam ligados a nenhum partido. Em Roma, o grupo ao qual pertencia Carla Capponi era o GAP, um grupo bastante rígido, tanto que é aos poucos que Carla se infiltra no grupo. Primeiro ela permite que sua casa sirva de “quartel” clandestino para reuniões, depois consegue por si só arrumar uma arma e só depois de muita demonstração de fibra ela consegue participar de ações do grupo. Transcorrido um certo tempo, Carla precisa se ausentar com alguns companheiros, pois entra para a clandestinidade total (CAPPONI, 2009, p. 157). Em Turim, a linha que Ada Gobetti segue é liberal, sua aspiração é democrática. O grupo é proveniente do *Partito d’Azione*, que espalhava os CLN’s pelo norte do país.

Em toda a extensão da Itália havia modelos diferentes de Resistência. A organização ideológica e partidária do Centro-Norte, por exemplo, não existia da

bello sentirsi trascinare, una gioia che pareva un giusto compenso a tanti anni d’isolamento (GOBETTI, 2014, p.03).

mesma forma que no Sul. Lá os grupos eram anarquistas e independentes, talvez por conta da forte presença dos Aliados. Havia diferença, também, quanto à Resistência nas montanhas e planícies. Os bandos que viviam nas montanhas, formadas por burgueses e operários, viam a dificuldade que tinham os camponeses e a vida no campo, o trabalho manufaturado, pois tudo o que eles utilizavam e comiam era produzido por eles mesmos e ainda tinham que conviver com as adversidades do tempo e a falta de provisão. Por conta disso, os grupos das montanhas eram mais unidos e tinham uma formação mais sólida. Para Bocca (1995), a montanha é o berço do movimento guerrilheiro. O grupo das planícies era preferido por quem tinha pressa de agir, pois em geral o grupo é esparsos, o procedimento é mais arriscado e direto.

Roma, por exemplo, era um dos lugares onde o embate era direto. Era considerada cidade aberta, ou seja, a cidade tinha livre acesso e ajuda dos aliados. Por ser cidade aberta, recebia um grande número de refugiados das cidades ao redor: “Roma tinha se tornado o refúgio de todos os habitantes das cidades destruídas pelos bombardeios” (CAPPONI, 2009, p. 118)¹¹, principalmente em Cassino¹², onde ficava o *front* mais próximo. Em um dos *fronts*, denominado *Linea Gustav*, ficavam instaladas as tropas alemãs fiscalizando e lutando no *front*, a fim de impedirem a passagem dos aliados, pois a intenção das tropas anglo-americanas era ultrapassá-lo para libertar as cidades.

Em Roma, por conta da presença dos aliados, o movimento *partigiano* teve pouca aderência, isso porque a população esperava muito das tropas anglo-

¹¹Tradução nossa de “Roma era divenuta il rifugio di tutti gli abitanti dei paesi distrutti dai bombardamenti” (CAPPONI, 2009, p. 118).

¹² De acordo com Emilio Pistilli (1999) a batalha em Monte Cassino é comumente dividida em quatro partes em que ele denomina de “as quatro batalhas de Cassino”. Em seu livro, *La Battaglia di Cassino: giorno per giorno* (1999), ele recompõe cada uma das batalhas entre os aliados anglo-americanos com a ajuda dos neozelandeses, poloneses, marroquinos e indianos contra os alemães. Cassino era localizado na parte sul e onde passava a Linha Gustav, linha que fora construída pelos alemães e dividia a Itália separando o norte da parte sul impedindo que os aliados avançassem até as outras cidades para liberá-las, Cassino foi escolhida justamente porque dava acesso a Roma. Os bombardeios em Cassino começaram em 10 setembro de 1943, houve muitas vítimas na ocasião. A resposta a esses bombardeios vieram em forma de batalhas que começaram em janeiro de 1944, data da primeira batalha e terminaram em março também de 1944. Essas batalhas localizadas eram pela tentativa de posse do Monte Cassino e os seus arredores e a dissolução da Linha Gustav para avançar até a capital. Este evento deixou a cidade em ruínas e o mosteiro histórico destruído (Pistilli 1999). Há algumas informações sobre as batalhas de Cassino que quase não são difundidas. Depois das missões e com os alemães rendidos, milhares de mulheres de todas as idades foram brutalmente violentadas pelos aliados. Outra informação não muito divulgada é que a Força Expedicionária Brasileira participou da batalha de Monte Cassino com cerca de 25 mil soldados (BRAGA, 2008).

americanas. A propaganda que se fazia dos grupos resistentes era de que planejavam ataques terroristas, o que causava medo e reprovação, por isso em alguns locais não houve a chamada insurreição, a rebelião civil contra a ordem nazifascista (BOCCA, 1995).

Nos distritos de Roma havia um tipo de Resistência dividido entre a Resistência popular de jovens rebelados, que tendia a agir de forma abrupta, por meio de atentados e a Resistência de intelectuais e operários do movimento trotskista *Bandiera Rossa*, movimento de caráter proletário que tentava organizar as massas em Roma. Esse tipo de organização falhou em Roma e a Resistência foi mesmo feita de forma conspiratória. O movimento em Roma parece ter sido marcado pela desunião e despolitização. Mesmo passando por um longo período de insatisfação, a população não se mobiliza, a participação feminina é pouco estimulada pelos comandantes do GAP, deixando as combatentes na retaguarda, poucas, como cita Giorgio Bocca (1995), estão na frente de batalha como Carla Capponi, que mesmo assim dá testemunho da dificuldade que tinha para conseguir participar das ações - os representantes do grupo resistiam em deixá-la pegar em armas e ela precisa arrumar uma forma de conseguir a sua, essa forma é roubando:

Eu também queria adquirir arma que me era constantemente negada pelos companheiros do GAP porque, segundo eles nós mulheres devíamos nos limitar a mascarar a presença deles nos lugares dos ataques fingindo ser as namoradas: estavam convencidos que, assim, correriam menos riscos (CAPPONI, 2009, p.125)¹³.

Mesmo com a relutância da parte do GAP em ceder armas, Capponi participa de um dos ataques mais famosos de Roma: o ataque a via Rasella, em vinte e três de março de 1944, que desestabilizou o exército fascista, pois era um local de grande concentração. Em seguida reproduziremos um trecho de Carla explicando como se deu a emboscada. Antes disso, ela descreve a ação e elenca seus envolvidos. Após o atentado, o movimento em Roma passou por péssimos momentos. O Comando alemão ordena que "... para cada alemão morto serão fuzilados dez comunistas criminosos badoglianos" (CAPPONI, 2009, p. 239)¹⁴:

¹³ Tradução nossa de "*Anch'io volevo procurarmi un'arma che mi veniva costantemente negata dai compagni dei GAP perché, secondo loro, noi donne dovevamo limitarci a mascherare la loro presenza nei luoghi degli attacchi fingendo di essere le fidanzate: erano convinti che, così, avrebbero corso meno rischi*" (CAPPONI, 2014, p. 125).

¹⁴ Tradução nossa de "*(...) per ogni tedesco ammazzato siano fucilati dieci criminali comunisti badogliani*" (CAPPONI, 2009, p. 239)

Estávamos na esquina e voltamos. Quando de repente a explosão: uma rajada de vento violenta os atingiu e nos empurrou para frente, o ônibus capotou sobre a calçada, os policiais fugiram e nós corremos rapidamente, na subida, sob um tiroteio pesado, enquanto os golpes ao nosso redor quicavam no chão e pequenos pedaços de gesso caíam sobre nós das paredes dos edifícios (CAPPONI, 2009, p. 234)¹⁵.

A ordem dada pelas autoridades alemãs foi cumprida no dia seguinte, o problema é que nem todas as mais de 300 vítimas integravam a lista dos comunistas terroristas caçados pelos nazistas. Civis que passavam pela rua do atentado foram mortos na ocasião que recebeu o nome de *Fosse Ardeatine* (Fossas Ardeatinas). Sobre este acontecimento, que foi uma consequência ao atentado de Via Rasella, o historiador Alessandro Portelli (2002) fez um trabalho de reconstrução de memória em que mostra como o mesmo caso é relatado por diferentes pessoas. No artigo “*Las fronteras de la memoria*”, o autor constata que existem várias versões sobre o tema, desde as que divergem quanto à posição dos *partigiani* na história, de terroristas e de heróis, até a divergência de quantos dias após o evento de via Rasella aconteceu a chacina em Ardeatine. Por exemplo, um relato oficial britânico conta que um dia depois da bomba de via Rasella, 24 de março de 1944, as pessoas que seriam executadas já iam sendo levadas às fossas, no total foram 335 pessoas, o que superava a ordem de dez comunistas a cada alemão morto. No mesmo relato se dizia que a população não foi avisada da represália que acontecia no meio da rua, ou seja, não houve procura dos acusados (PORTELLI, 2002, p. 163-164).

Em um relato pessoal, Portelli conta que na ocasião em que seu livro *L'ordine è stato esequito* ganhara um prêmio, ele foi contar à sua esposa e uma mulher o indaga sobre o que tratava o livro. Quando descobre que é sobre a chacina de Ardeatine, a mulher diz que se lembra do episódio e conta sua versão: ela diz que os alemães eram duros, mas justos, e foram atrás dos terroristas responsáveis pelo ataque. Diante da versão distorcida da mulher o historiador tenta esclarecer e tirar a ideia de terrorista que a senhora tinha, mas sem sucesso. Em um último relato, um

¹⁵ Tradução nossa de “*Eravamo all’angolo e svoltammo. Quand’ecco l’esplosione: una ventata violenta ci investì e ci spinse in avanti, l’autobus sbandò sul marciapiede, i poliziotti fuggirono e noi subito a corere, in salita, sotto una fitta sparatoria mentre i colpi intorno a noi rimbalzavano sul selciato e piccole schegge di intonaco ci cadevano addosso dalle pareti dei palazzi*” (CAPPONI, 2009, p. 234).

menino conta que os alemães levaram dias procurando os responsáveis e a notícia foi veiculada somente tempos depois (PORTELLI, 2002, p. 164).

No caso de Turim, cidade onde atuou Ada Gobetti, e que está localizada na região do Piemonte, no norte do país, as tropas aliadas demoraram ainda mais a chegar e, de certa forma, a adesão ao movimento *partigiano* foi muito significativa, pois os civis que não estavam engajados com o movimento propriamente dito, ajudavam de outras formas com esconderijos e mantimentos. A organização dos grupos, que contavam com muitos intelectuais, defendiam ideias contra o fascismo antes da Resistência e eram ainda mais politizados.

A união da população foi importante para a aceitação do movimento clandestino e o aumento do número de civis que aderiram à Resistência, proporcionando ganho de experiências na luta clandestina. Nas cidades onde os aliados não chegaram esse aumento foi importante para a liberação total delas pelos grupos *partigiani*. Por meio de greves, os operários das fábricas ajudavam a boicotar o regime colaboracionista, que agia por ordens do invasor e enrijecia ainda mais os efeitos da guerra. Em novembro e dezembro de 1943, porém, como resultado, houve bombardeios que mataram dezenas de operários. No diário de Ada Gobetti, nos trechos que correspondem a esse período, foram documentadas muitas prisões de seus conhecidos e companheiros do movimento, relatos de ataques e, no meio disso, ela acaba confessando sua angústia por meio de notas posteriores: “A angústia daqueles dias foi tão grande que não tive forças de fazer nem mesmo as anotações costumeiras” (GOBETTI, 2014, p.31)¹⁶.

Os grupos piemonteses se formaram rapidamente e alguns, como é o caso do grupo de Val Pellice (que estabelece a ligação entre o antifascismo laico, gobettiano, que tem suas raízes em Turim e o antifascismo religioso valdense), têm o apoio de intelectuais que se tornaram o estado maior do G.L., no Piemonte: Giorgio Agosti, Mario Andreis, Vittorio Foa, Franco Venturi e outros. Esses são alguns dos nomes de militantes que foram exilados, voltaram depois da queda do fascismo em 1943 e entraram para a Resistência. O grupo de Val Pellice é formado por outros seis grupos com quinze a vinte integrantes por grupo. O grupo de Val Susa, onde atua Ada Gobetti, é formado por três grupos de segmento comunista e dado às

¹⁶ Tradução nossa de “*L’angoscia di quei giorni fu così grande che non ebbi la forza di buttar giù neanche i soliti appunti*” (GOBETTI, 2014, p.31).

sabotagens como explosões de pontes e estações de trens para dificultar o acesso dos nazistas ao interior das cidades.

Ada Gobetti torna-se uma espécie de porta-voz e organizadora que mantém relações com o CLN de Turim. No diário de Ada percebemos o tipo de contato que os grupos mantinham entre si, vemos contatos com Val Pellice, Val Chisone, entre outros, além de grupos na província de Cuneo. Em um diálogo ao telefone com Paolo Braccini, representante do *Partito d'Azione* no Comitê Militar do Piemonte, eles conversam sobre animais, cães e cavalos, que servem de códigos para não chamar a atenção de possíveis grampos telefônicos. Fica claro no diário que os cães se referem aos ingleses, que se dispunham a atravessar a linha para o sul, para estabelecer contato com essas áreas, mas quanto aos cavalos, neste contexto não podemos saber direito a que se referia. A título de ilustração reproduziremos o diálogo:

-Sabe, senhora, encontrei outro cão da mesma raça daquele que me mostrou ontem à noite.

-Ah, sim?

-Seria interessante que você visse: mais ainda porque o meu deve ir embora logo, em um clima mais quente. [Não era difícil entender que se tratava de um outro inglês, que se dispunha a passar a linha até o sul]. Não parece para a senhora também?

-Sim, certo, combinamos amanhã, [isto é, segundo o acordo feito ontem, às oito e meia da manhã no mercado onde faço compras antes de ir à escola]. A propósito, viu os cavalos que te mandei?

-Quais? Aqueles da semana passada?

-Não, outros dois cavalos (GOBETTI, 2014, p.50)¹⁷.

No fim do ano de 1943 o movimento *partigiano* já é esclarecido e bem constituído – o Piemonte é, segundo Giorgio Bocca (1995), a região-guia, há tradição militar, o movimento tem experiência e é independente. A politização operária e as greves, como as de Turim, ajudaram a região a se posicionar e manter o *status* de uma região bem sucedida na efetivação da Resistência. Não é por acaso que a insurreição desta região se dá quase apenas pelo trabalho dos *partigiani*. As divisões da região são unidas e articuladas. Ada Gobetti menciona em seu texto que

¹⁷ Tradução nossa de “-Sa, signora, ho trovato un altro cane della stessa razza di quello che m’ha fatto vedere iersera./ -Ah, sì?/ -Sarebbe interessante che si vedessero: tanto piú che il mio deve andar via presto, in un clima piú caldo. [Non era difficile capire che si trattava di un altro inglese, che si disponeva a passar le linee verso il sud]. Non pare anche a lei?/ -Sì, certo, combiniamo domani [e cioè, secondo l’accordo preso ieri, alle otto e mezzo del mattino sul mercato dove faccio la spesa prima d’andare a scuola]. A proposito, ha visto i cavalli che le ho mandato?/ -Quali? Quelli della settimana scorsa?/ -No, altri due cavali” (GOBETTI, 2014, p.50).

cada um sabe o que fazer, eles lutam pelos interesses da nação e não apenas de seu território. A batalha do Piemonte se inicia dia 25 de abril de 1945, em 26 de abril Turim já é cidade aberta; a chegada dos aliados acontece seis dias depois, no dia 1º de maio de 1945.

No final da guerra, em abril de 1945, segundo Chabod (1961), as aspirações revolucionárias se dissolveram definitivamente, a administração passa ao CLN, enquanto os partidos começariam a se reagrupar, os quais possuem força principalmente militar, mas isso não é suficiente nas eleições, porém inicialmente a divisão dos cargos políticos se dá igualmente entre eles. Depois do fim da guerra e com o país todo liberado, o CLN começa a despontar nas outras partes do país, isto é, desconcentrar-se do norte, no entanto, para as outras partes do país, essa organização era desconhecida, pois seus membros tinham contato somente com as forças armadas aliadas, e as pessoas se perguntavam o que eram os comitês de liberação. Em oposição ao CLN, o movimento *L'uomo qualunque*, fundado pelo jornalista Guglielmo Giannini, toma força política nas eleições de 1946, mas perde força em 1948. A força desse movimento foi uma reação do centro-sul contra as aspirações do norte (CHABOD, 1961, p. 140), ou seja, aparentemente o sul não aceitava a organização dos CLNs.

Logo depois do fim da ocupação, o país era governado por Alcide de Gasperi, secretário da Democracia Cristã, um partido novo, fundado depois da queda do fascismo, e que deu início a uma nova era na política italiana. Em 1946 os italianos decidem por meio de plebiscito se queriam o regime republicano ou monárquico para reger o país e elegem a Assembleia Constituinte para preparar uma nova constituição. A campanha eleitoral era composta por quatro partidos: Partido Socialista, Partido Comunista, Democracia Cristã e Partido Republicano. A monarquia tentava convencer os eleitores de que a República era um risco para o país. As pessoas voltaram a votar depois de muito tempo, e puderam votar todos os homens e as mulheres com mais de 21 anos¹⁸.

A República teve a maioria dos votos com resultado favorável, e isso, para Chabod (1961), foi um ponto essencial do programa da Resistência e marca o fim

¹⁸ A conquista do voto feminino na Itália foi uma das vitórias das mulheres *partigiane*. Até então faltava formação política nas mulheres e consciência do seu papel na sociedade. Depois da intervenção feminina e formação de movimentos de mulheres na Resistência é que elas conquistaram visibilidade de seu poder de transformação social. Poder que não era percebido antes quando atuavam apenas no interior da família.

dela. Agora o movimento havia efetuado seu último desejo. O Rei foi deposto e deixou a Itália. Enfim, o país era uma República e Aldo Moro discursava sobre a vitória que o povo italiano conquistou a partir da luta e da Resistência¹⁹. Mas o que ficou combinado no fim da Resistência era que os prefeitos e superintendentes dos CLN's que não eram funcionários de carreira seriam convidados a entrar para a administração e se tornar funcionários do estado, mas a maioria não aceita. Então esses cargos voltam para forças conservadoras. Segundo Chabod, “politicamente termina com o sucesso daqueles que podemos chamar os ‘moderados’” (CHABOD, 1961, p. 144), com este termo, compreendem-se os liberais que não terão apoio nas eleições e democristianos (referente à *Democrazia Cristiana*) burocratas que, ao contrário, vencerão.

O que podemos observar em Turim, em relação a Roma, no que diz respeito à Resistência italiana, é sua emancipação e maturidade do grupo, desde a sua formação. Apesar da diversidade ideológica e de formação na fase da Resistência, antifascistas de todos os tipos que se uniram para lutar contra um inimigo em comum; mesmo não sabendo agir militarmente no início, e não possuindo tanto poder de fogo. A tradição da luta e solidariedade está presente no povo italiano e deve ser lembrada até nos dias atuais, comemorando o dia da libertação, recordando as canções *partigiane* ou lendo as memórias dos que lutaram.

¹⁹ Durante a Assembleia constituinte em que se debatia o projeto da nova Constituição da República, Aldo Moro faz uma intervenção em que fala sobre os artigos do novo projeto constitucional. Ele resgata para a seu discurso a fala de Palmiro Togliatti em que defendia que a nova Constituição não deveria ser ideológica, ou seja, deveria ser isenta de uma posição ideológica, por ser composta de várias vertentes ideológicas de esquerda e direita que lutaram juntas na Resistência e nada mais justo que nenhum partido levasse vantagem. Num primeiro momento Moro concorda com essa proposta, mas depois, utilizando muito bem as palavras, tenta contornar esse combinado reavaliando o conceito de ideologia. Sua proposta, chamada por ele de “modestíssima proposta” que definiria o caráter histórico da República italiana. Talvez fazendo menção ao termo fascista ao invés de antifascista proposta pelos esquerdistas. Isso na concepção de Moro negaria a história do país. Em um segundo momento, Moro alega haver divergência de ideias na composição da nova Constituição, ele parece criticar a reivindicação de liberdade e justiça que consta na Constituição, uma proposta *partigiana*. Moro diz que esses elementos devem ser o motivo pelo qual acontece a Constituição. Devemos levar em consideração que Aldo Moro poderia até defender a democracia em seu discurso, mas sua posição era conservadora, portanto contrária a algumas ideologias de quem contribuiu para a composição da Constituição, os comunistas por exemplo. Então ele tenta boicotar a participação de esquerdistas no parlamento. Anos depois, esse boicote reflete na política do país com a instauração de uma ditadura conservadora nos anos de 1970 que é combatida pelo movimento de esquerda *Brigate Rosse*. Aldo Moro foi sequestrado e morto pelas *Brigate Rosse* em 1978.

No que diz respeito às autoras que estudamos e às suas narrativas, a forma com que as duas narram é diferente, porém compartilham do mesmo motivo. Ada Gobetti tem as referências dos dias em seu diário, pois as anotações foram feitas quase que diariamente, ela preserva os dias anotando a data e a cidade em que se encontrava, e é óbvia a sua vontade e perspicácia de querer guardar cada dia da Resistência, seja para lembrar, seja para fazer um balanço dos dias de luta. Seu diário é bastante delimitado, pois começa exatamente no início da Resistência e termina com o fim da guerra, da ocupação e a vitória *partigiana*, ou seja, seu diário é destinado exatamente a registrar os dias da Resistência e suas reflexões acerca dela. Um diário segundo o modelo de Maurice Blanchot (2005) é exatamente assim: segue o curso dos dias preservando a memória, “cada dia anotado é um dia preservado” (BLANCHOT, 2005, p. 273).

A autobiografia de Carla Capponi aborda os vinte anos do fascismo no país até à Resistência. Ao iniciar sua narrativa, comenta um pouco da origem de sua árvore genealógica e a formação educacional que adquiriu com seus pais, talvez isso seja necessário para suscitar aos poucos a memória até chegar à Resistência. Assim ela descreve detalhes da sua formação política e ideológica nos dando uma ideia do que a levou a ser uma *partigiana*. Ao longo da narrativa, ela até especifica datas de eventos importantes que marcaram e que fazem parte da lembrança de todos até hoje pela repercussão que tiveram na época, por exemplo, o dia exato de cada ação *partigiana* da qual participou, mas não dá ênfase em datas corridas de fatos corriqueiros, apenas situa as épocas com anos e estações, por exemplo: “No inverno de 1926-27”, “Nos primeiros meses de 1929”, etc. (CAPPONI, 2009, p. 30-32).

Observamos e até demos exemplos de como as obras estão inseridas na História a partir do gênero de teor testemunhal em que as narrativas foram construídas por força da rememoração de Carla ou pela reflexão das anotações, como faz Ada. A narrativa de teor testemunhal enfatiza o que é real e seu papel social e literário é manter a realidade viva no leitor. A partir de meados do século XX esse tipo de literatura se distancia um pouco do modelo de auto-escrita do século anterior, baseado em ideias, e passa a mostrar os acontecimentos que impactaram gerações e podem servir como elemento de reestruturação, tanto da memória como para superação do próprio trauma. A realidade é o objeto da narrativa de teor testemunhal.

Para um trabalho que revisita tal objeto por meio de testemunhos de um período cruel, as razões de nossas longas digressões, retomando os dados históricos que envolveram a Resistência italiana, podem ser referendadas por depoimentos do criativo documentário *Utopia e barbárie* (Silvio Tendler, 2009). Merece ser lembrada a fala da cineasta Marceline Loridan: “Quando você sai de um campo de concentração, quando você sai de Birkenau, onde viveu a pior das humilhações, a vergonha no que tem de mais íntimo em si mesmo [ela exhibe o número tatuado no braço esquerdo] e a verdadeira opressão, você não viverá mais como os outros. E aos poucos fui investindo na política, porque se não fizesse algo para mudar esse mundo, qual o sentido de eu ter escapado?” Esse sentido, que condiz plenamente com as razões dos testemunhos das duas italianas que lutaram na Resistência, é explicado por Michael Stivelman, outro sobrevivente da Shoah, cujo depoimento no filme de Tendler contém a seguinte frase: “Quem viu aquilo e sobreviveu tem por obrigação contar ao mundo inteiro o que se passou (...).”

Esses motivos que impulsionaram as autoras a lembrar e imprimir, literalmente, suas experiências na história, resultou em obras empenhadas em retratar um período da história italiana marcado pela luta que causou dor e sofrimento ao povo, e também representam a vitória popular. As obras preservam as angústias e tormentos daqueles dias em que as autoras enfrentaram e se libertaram das forças opressoras. Além de “contarem ao mundo o que se passou” e “darem sentido” ao momento difícil atravessado pelas autoras, os livros de Capponi e Gobetti alimentam perspectivas mais alentadoras para o futuro.

2. História, memória, testemunho e caráter literário

2.1 Literatura da Resistência e sobre a Resistência

Desde que se iniciaram os conflitos e as guerras da era moderna são produzidas obras que tratam da violência vivida sob esses cenários, elas surgem a partir de um movimento de escritores, artistas e cineastas engajados em representar a realidade. As produções literárias podem tratar de denúncias ou experiência das pessoas que presenciaram os conflitos, viveram as hostilidades ou lutaram contra a opressão da ditadura dessa época, principalmente nos países Europeus em que foram organizados movimentos populares que combateram a manipulação do poder e dominação do invasor. A literatura com a temática da Resistência abre a discussão para o contexto de criação das obras com esse tema, que tanto pode ser anterior, contemporânea ou posterior a esse fenômeno.

Por não serem estruturadas com uma carga literária característica dos romances produzidos na época, as obras eram tratadas como uma espécie de literatura marginal que ficava restrita aos grupos que dividiam a realidade contida nessas produções. De fato, a literatura desta época ou de outras épocas, com a Resistência como tema, contêm uma carga de realismo maior, pois trazem as verdades da luta. Nesse sentido podemos citar *Il sentiero dei nidi di ragno*, primeiro romance de Italo Calvino, em que o autor testemunha a guerra, sob uma perspectiva infantil, e os *Appunti Partigiani* de Beppe Fenoglio, entre algumas publicações bem contemporâneas à Resistência. Vale lembrar que Fenoglio ainda publicou a obra póstuma *Il partigiano Johnny*, citada aqui como exemplo de publicação posterior ao fenômeno da Resistência.

Os narradores da Resistência têm a origem como a dos narradores orais, das histórias contadas “em volta do fogo” (SCIOLI, 2015, p. 4). Por isso a forma da narrativa resistencial pode ter linguagem simples, ou até ser narrada por meio de dialetos das aldeias, para que conecte o ouvinte mais elementar às histórias do sobrevivente. As narrativas da Resistência, neste caso, surgem entre os refugiados das montanhas que voltam da luta *partigiana* contando suas experiências.

Com o passar do tempo, por volta dos anos de 1960 a 1980, segundo Scioli (2015), com o revisionismo histórico e motivos políticos ideológicos, o tema da Resistência foi, cada vez mais, sendo colocado de lado, deixando a narrativa restrita

a pequenos grupos sociais, ou as histórias de família, quase como um mito. Isso por conta da postura ideológica das obras, sempre contrária ao governo. Nos dias atuais, ao contrário, os estudos literários se abrem para a narrativa resistencial, sendo abordada por inúmeros vieses: literário, histórico social, cultural e memorialístico. Dando abertura, inclusive, para a tradição oral.

Tanto o cinema quanto a literatura produzidos neste período e sob o modelo de delação, em que mostrava o país como ele realmente estava; redescobria as paisagens e cultura italiana e representava a população mais pobre naquela época de muita tensão e ruína, esse movimento artístico recebeu o nome de neorrealismo. Para Maria Gabriela Araújo (2011), seria mais adequado adotar a definição de Maria Corti (apud ARAÚJO, 2011, p. 41), afirmando que, uma obra literária, para ser considerada neorrealista, deve ser enquadrada sob os mesmos aspectos formais e temáticos e não ser levados em consideração somente o contexto de produção, pois nem tudo que foi produzido, em termos de literatura, durante e após a segunda guerra pode ser considerada neorrealista, por não possuir a temática de tal estilo. Araújo (2011) afirma, ainda, que pode haver obras produzidas muito tempo depois com as características neorrealistas. Portanto, o fator cronológico é o que menos importa na literatura resistencial.

Para Calvino (1949), que coloca em discussão o narrador, a partir da concepção de Giorgio Luti, a experiência da Resistência deu origem à literatura vivida. O narrador deste tipo de narrativa é a testemunha que sobreviveu à luta, às vezes sem sofisticação, pelo fato de a Resistência ser uma expressão de caráter popular e seu narrador surgir dessa base²⁰. Por isso, o narrador não vem de longe, também não conta fatos de uma aventura distante e desconhecida para seu ouvinte, mas narra uma história da sua realidade e a de seu povo, atingindo a memória coletiva, provocando a identificação do ouvinte com as ações narradas. Para Sérgio Pautasso, também retomado por Calvino, o neorrealismo literário não é portador do novo mundo que estava sendo construído, mas trazia um novo modelo de narrador, que escreveria sobre a reconstrução do mundo, por meio de seu testemunho²¹.

²⁰Retirado de *Letteratura della Resistenza - Introduzione*. Disponível em: <<http://patrickjsammut.blogspot.com.br/2006/03/letteratura-della-resistenza.html>>. Acesso em: 13/09/2016. O texto, postado por Patrick Sammut, reproduz o texto de Italo Calvino "La letteratura italiana sulla Resistenza" publicado no primeiro número dos cadernos do *Movimento di liberazione italiano* de 1949. Este ensaio é composto por um panorama da visão de vários autores sobre literatura e Resistência e as manifestações deste estilo em vários países da Europa.

²¹*Ibidem*.

Desta forma, podemos especificar a literatura neorrealista, com temática da resistência, segundo a distinção semântica que Scioli (2015) propõe, retomando as designações de Mario Saccenti e Asor Rosa para “Literatura da Resistência” e “Literatura sobre a Resistência”. Na concepção de Saccenti, a diferença entre os dois termos é que a “Literatura da Resistência” seria a literatura de protesto difundida na segunda guerra que denunciava o nazifascismo, antes e depois do oito de setembro (SACCENTI, apud SCIOLI, p. 07). A “Literatura sobre a Resistência”, segundo Saccenti, compreenderia obras produzidas para análise científicas, trabalhos de estudiosos com valor críticos e historiográficos e não literário (SACCENTI apud SCIOLI, 2015, p. 08).

Nesse sentido Saccenti dialoga com Vittore Branca. Em seu *Dizionario critico della Letteratura Italiana*, Branca apresenta um elenco de obras representantes do tema, bem como evidencia, além da obra literária, a vivência e o papel que seus autores desempenharam na Resistência ou contra o fascismo. O crítico tem a mesma visão de Saccenti, determinando que a literatura da Resistência integra as obras que foram produzidas a partir da ocupação alemã, no momento em que os autores vivenciavam a experiência como o *Diario Partigiano*; as obras pós Resistência, narradas pelos sobreviventes, como *Se questo è un uomo*, de Primo Levi, sobrevivente de Auschwitz; e também os escritos daqueles que militaram contra o fascismo como Matteotti, Gobetti, Gramsci e Amendola. Ou seja, a literatura da Resistência seria propriamente narrada por quem teve contato, de alguma forma, com a experiência, e teria diversos tipos de narradores. Ainda para Branca, a Literatura sobre a Resistência também comportaria a fortuna crítica sobre o tema, destinado à comunidade acadêmica (BRANCA, 1974, p. 177).

Asor Rosa faz outra distinção, em que designa “Literatura da Resistência” e “Resistência da e na Literatura”, a primeira reúne as manifestações que tomaram a forma literária a partir do tema e episódios da Resistência, e a segunda designação inclui obras que não teriam realmente uma identificação direta com a Resistência, mas que, de certa forma, a representam do ponto de vista cultural e ideológico (ASOR ROSA apud SCIOLI, 2015, p. 08).

Pudemos observar nesta exposição que o tema literatura e Resistência compreende uma concepção ampla de significados que variam conforme sua determinação: Literatura da Resistência, Literatura sobre a Resistência e Resistência na Literatura. Porém, podemos afirmar que a literatura produzida em

torno do tema da Resistência abrange a literatura de protesto antifascista, de antes da invasão alemã; inclui a literatura produzida durante 8 de setembro de 1943 a 25 de abril de 1945, inspirada nos eventos e nas batalhas daquele período, muitas vezes com *partigiani* como protagonistas; e também compreende a literatura produzida após a Resistência, envolvendo a produção literária até a atualidade, cujo objeto é a Resistência, os testemunhos de sobreviventes e que continuam servindo como denúncias de uma época de barbárie e luta. Devemos lembrar que muitos países que tiveram movimento de Resistência popular possuem expressões literárias deste tipo.

A literatura de temática resistencial, além de gerar a polêmica em que coloca a época da produção como aspecto a ser analisado, ainda oferece apoio para estudos de outros temas, como a memória, a discussão da perspectiva do narrador, o teor testemunhal, entre outras. As obras deste estilo podem ser manifestadas por diversos gêneros literários: romances, autobiografias, diários, poesias construídas sob essa temática.

2.2 Considerações sobre biografias e diários

Há divergências entre os teóricos e pensadores da literatura quando o assunto é o valor literário e histórico de biografias, autobiografias e diários. Algumas visões mais conservadoras, mas que sinalizam o início das discussões sobre esses temas, acreditam que as confissões ou pensamentos particulares atraiam apenas olhares curiosos sobre a vida do biografado e não um olhar sobre a estética, a literatura, interesse sobre o contexto histórico ou outro tipo de interesse como o modo de pensar do sujeito inserindo-o na história. Hoje em dia, com o apoio de visões mais modernas, já se atribui valor a essas obras nesses campos que mencionamos e as análises buscam atentamente mais do que a intimidade do indivíduo que abre sua vida para a escrita de si. A partir das visões que serão apresentadas e colocadas em discussão, acreditamos poder recuperar em diários e autobiografias, principalmente as obras que compõem esta pesquisa, a visão do sujeito, no nosso caso, de duas mulheres sobre o seu meio de inserção, como elas atuaram neste meio e, além disso, como elas reportam para o leitor suas experiências.

A reflexão de Sérgio Milliet (1938) sobre o assunto é correspondente a uma visão convencional, pois é um argumento que surge no início das discussões sobre novas fontes históricas no Brasil. O autor faz uma reflexão sobre os diários íntimos que tendem a ser analisados superficialmente. Na sua concepção os diários serviriam para transformar em heróis seus escritores, como uma tentativa de romantizar a própria vida. O autor até simpatiza com os diários de ideias, que refletem sobre algo, porém destaca o fato de que esses tipos de diários podem se tornar doutrinários. A conclusão que o autor chega é a de que a categoria de diários não serve como literatura engajada nem como fonte histórica, por ser perigosa a crença e o envolvimento do leitor na vida do autor (MILLIET, 1938).

A categoria de diários, para Maurice Blanchot (2005), é a mais particularizada, pois está relacionada à ideia de observar-se a si mesmo e à convicção de que podemos nos observar, ainda que o autor de diários ficasse refém do calendário, em seguir datas e anotações de tudo que observa além da reflexão sobre si mesmo (BLANCHOT, 2005). Ada Gobetti (2014), na medida do possível, segue datas em seu *Diario Partigiano*, e embora algumas sequências de datas não sejam rigorosamente consecutivas, podem ser retomadas em forma de introdução. Os momentos relatados nessas introduções são acompanhados de reflexões sobre aqueles dias com olhar distanciado da própria experiência, fazendo um trabalho de rememoração a partir do que foi observado por ela instantaneamente. No trecho que segue podemos perceber como ela faz as conexões entre os dias corridos e como os descreve posteriormente:

Neste ponto, encontro uma lacuna nas minhas anotações. A angústia daqueles dias foi tão grande que não tive força de por abaixo nem mesmo as anotações de costume. Mas a mesma angústia grava cada particularidade na minha memória, nos meus nervos. Pelo qual me é possível hoje, depois de quatro anos de distância, repensando naqueles dias, revivê-los hora por hora (GOBETTI, 2014, p. 31)²².

De fato, das categorias de escritas do eu, o diário é a mais particularizada pelo fato de possuir datas e não deixar escapar quase nada à memória. O diário também nos dá mais informações sobre o momento de reflexão de quem o escreve,

²² Tradução nossa de “Trovo a questo punto, nelle mie note, una lacuna. L’angoscia di quei giorni fu così grande che non ebbi la forza di buttar giù neanche i soliti appunti. Ma la stessa angoscia incise ogni particolare nella mia memoria, nei miei nervi. Per cui m’è possibile oggi, a oltre quattr’anni di distanza, ripensando a quei giorni, riviverli ora per ora” (GOBETTI, 2014, p. 31).

muitas vezes vindas do mundo que o cerca, por isso os fatos históricos importantes e o contexto agem sobre o sujeito. Vemos em Blanchot a aceitação do diário como narrativa para a preservação do que foi vivido, pois, escrever sobre si, na sua concepção, é escapar do silêncio: “Escrever cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz alguma coisa.” (BLANCHOT, 2005, p. 273). O que Blanchot considera como escritura de um diário conecta-se com o que Ada Gobetti faz, que é tentar preservar sua memória dos dias, no caso, vividos durante a Resistência italiana.

Para Marly da Silva Motta, cujas ideias também se contrapõem ao pensamento de Milliet, os relatos ajudam a suprir as lacunas deixadas pelos documentos, pois abordaria os caminhos possíveis traçados pelo biografado. Isso é possível não apenas em diários, pois mesmo em autobiografias como a de Carla Capponi, que foi escrita a partir da reconstrução da memória, pode-se traçar os meandros históricos e memorialísticos a partir dos relatos, além disso temos dados de determinados períodos disponibilizados pelas autoras. Por exemplo, Capponi (2009) nos contempla com suas vivências durante os vinte anos de fascismo, narrando como sua família resistiu a ele. Gobetti (2014) enfatiza a Resistência, e nesse sentido:

A riqueza da biografia residiria justamente na possibilidade de escapar das explicações monocausais e lineares calcadas apenas no “destino final”, e de recuperar os complexos processos de elaboração e tomada de decisões. Seria possível, assim, através da reconstrução das trajetórias de vida de determinados personagens, iluminar aspectos pouco esclarecidos pela documentação, em geral muito pródiga em destacar os atos e muito pobre em detalhar os meandros decisórios (...) a biografia permitiria não só perceber as margens de liberdade e de constrangimento no interior das quais os indivíduos se moviam, como refletir sobre os limites da racionalidade do ator histórico (MOTTA, 2000, p. 109).

Antes, Motta relembra o quanto a literatura biográfica já foi renegada na comunidade acadêmica, principalmente no âmbito da história, por conta do teor particular deste tipo de literatura, pois, refutando esta postura, seria “arbitrário (...) selecionar um indivíduo dentro da massa de homens que fizeram e que fazem a história. Mais grave ainda era admitir a possibilidade de que essa história de vida pudesse fornecer elementos de compreensão do todo social” (MOTTA, 2000 p.102). Ela também faz uma linha temporal de como se deu a abertura para as escritas de si

desde a história política, linear, do século XIX, até os *Annales*, a história das mentalidades, qualitativa. A verdade é que essa abertura da história proporcionou uma melhor compreensão do passado, de modo que Motta, apoiada em Le Goff, esclarece que “a biografia confronta hoje o historiador com os problemas essenciais – porém clássicos – de seu ofício de um modo particularmente agudo e complexo.” (LE GOFF *apud* MOTTA, 2000, p. 110) “e o reconhecimento aos indivíduos biografados dando ‘voz aos figurantes da história’” (MOTTA, 2000, p. 110).

O indivíduo biografado, porém, está inserido no seu contexto histórico e é influenciado por ele, em alguns casos até age sobre ele, como é o caso de Gobetti e Capponi. Como esclarecido no fragmento acima, a biografia seria um olhar a mais sobre um fato histórico. Assim, Motta (2000) destaca aspectos positivos quanto ao uso das biografias para os estudos da história. Concordamos com os aspectos que valorizam o uso das biografias e suas variações de relatos aqui já mencionadas no estudo da história e acreditamos que tais considerações possuem afinidades conceituais com as autobiografias que elegemos para analisar como olhares e experiências particulares sobre a história.

Giovanni Levi (1998) destaca o objetivo dos usos da biografia, gênero que antes era utilizado para estudo isoladamente, por exemplo, o indivíduo era destacado abstraindo a História na qual ele estava inserido e vice-versa. Da História também se abstraía o indivíduo sendo considerada de maneira geral, independente do elemento social. Hoje já se admite a intersecção do indivíduo com a História, como também conclui Motta (2000). Porém ainda é ambígua a forma com que a biografia é trabalhada observando apenas o comportamento do indivíduo e suas experiências ou abordando as práticas e regras sociais (LEVI, 1998, p. 164).

Mesmo tendo um caráter social abrangente, o fato de a biografia retratar um indivíduo causa uma crise nos estudos históricos do século XX, pois além da individualidade, a biografia mostra, como diz Levi, a complexidade do ser, pois trata-se, quase sempre, de um sujeito não linear. Porém pode ser exatamente essa falta de linearidade, esses problemas que aparentemente impossibilitam o estudo da biografia que podem ajudar a entender a complexidade subjetiva dentro da história. Vamos expor agora um trecho em que Levi apresenta esses aspectos que causariam a impossibilidade do estudo da biografia como documentos históricos e o que causou a crise para esses estudos no século XX:

A nova dimensão que a pessoa assume com sua individualidade não foi portanto a única responsável pelas perspectivas recentes quanto à possibilidade ou impossibilidade da biografia. De modo sintomático, a própria complexidade da identidade, sua formação progressiva e não-linear e suas contradições se tornaram os protagonistas dos problemas biográficos com que se deparam os historiadores (LEVI, 1998 p. 170).

Levi conclui que as dificuldades e os problemas biográficos é o que pode dar margem para seu estudo, e a importância da biografia está nas suas múltiplas incoerências capazes de resultar em multiplicação das práticas, além disso a biografia está intimamente ligada ao contexto e a inter-relação deles é o que faz com que a biografia seja um campo diversificado, em outras palavras, Levi problematiza as biografias a fim de transformá-las em objetos de estudo (LEVI, 1998, p. 176).

Pierre Bordieu (1998) lembra que nas biografias ou mesmo nas autobiografias o sujeito sempre tem um objetivo e este se entrega aos fatos muitas vezes perdendo a cronologia, porém os textos tendem a se organizar em uma relação inteligível, ou seja, há uma lógica para o ser que conta suas memórias (BORDIEU, 1998, p. 184). Desvendamos, portanto, a ilusão biográfica sobre a qual reflete o autor, na tentativa de falar de si o indivíduo recorre a fatos, reconstrói situações cotidianas ou históricas para lembrar momentos que para ele são relevantes, daí temos a relação do indivíduo com o contexto novamente.

Alexandre de Sá Avelar (2010) concebe a biografia como uma possível escrita da História, pois ela não generaliza e não esgota possibilidades, pelo contrário, mostra que não existiu uma linearidade na História quanto aos modos de vida e diferenças sociais. O trecho abaixo elucida sua reflexão retirada de uma ideia de Adriana Barreto de Souza, em que eles defendem que as biografias ampliam os sentidos da História:

As pesquisas biográficas tornam possível o redimensionamento de várias problemáticas concernentes à escrita da História e às relações sociais. Elas evitam a formulação de paisagens monolíticas do passado, mostrando, ao contrário, que se as condições de desigualdade entre os indivíduos limitam o campo de possibilidades e de escolhas, sempre deixam margens de manobra, através das quais os homens podem se movimentar socialmente e promover mudanças, mesmo que pequenas, em seu meio (SOUZA *apud* AVELAR, 2010, p. 170).

Observamos, então, que apesar de conturbada e durante um tempo rechaçada, a relação entre biografias, autobiografias e diários com a história existe, e é isso que percebemos nas memórias da Resistência italiana. A maioria dos

autores aqui citados partem para essa reflexão, de que realmente no início do século XX havia uma rejeição na inclusão desses materiais para a escrita da História, pois a subjetividade do ser atrapalharia a investigação. Tais opiniões vão se dissolvendo em meados do século e hoje concluímos o contrário. É possível considerar, então, que a partir da subjetividade podemos investigar outras categorias da história, como a social, por exemplo.

As teorias da metade do século XX que contribuíram para a inclusão de biografias, autobiografias e diários surgiram por volta dos anos de 1930 a partir da revista *Annales*²³. A nova história, como passou a ser conhecida, tem como principal característica o uso e discussão de novos materiais como documentos históricos, assim como os materiais observados aqui. Este conceito também modifica a forma de se observar a História, a cronologia é apenas uma das questões observáveis, também são levadas em consideração a história individual e a de grupos de minorias bem como a história oral. Isso foi possível justamente por conta dos acontecimentos e avanços do século XX, assim a história foi se modernizando e todos os fatos passaram a ser considerados História no momento do acontecimento.

2.3 O reconhecimento da literatura de teor testemunhal

As obras ditas “escritas de si” só são possíveis a partir da reconstrução da memória do testemunho, que pode ser em primeira ou terceira pessoa, ou seja, testemunho da própria história ou da história do outro cuja testemunha presenciou. Começaremos a dissertar sobre a memória com a premissa de Seligmann-Silva, de seus estudos sobre literatura de teor testemunhal e seu papel de representação da realidade:

A literatura, como é bem sabido, também trabalha no campo minado da fronteira – impossível de ser traçada! – entre a referência e a auto-referência (...) ela também pode ser vista como um espaço de auto-reflexão da linguagem (...) como uma oficina de aprimoramento da linguagem

²³ A revista dos *Annales* modernizou a forma de fazer história refletindo sobre seus métodos utilizados. A revista deu origem ao que podemos chamar de movimento historiográfico, a Escola dos Annales. O movimento foi idealizado por Marc Bloch e Lucien Febvre e visava o estudo da história vista de um novo ângulo, aproximando-se da sociologia e investigando todos os aspectos da vida humana, se preocupando principalmente com os detalhes das vivências dando origem à microhistória. A Escola dos Annales também teve importantes colaboradores intelectuais como Jacques Le Goff, Pierre Nora e Giovanni Levi.

enquanto uma máquina não tanto de “representar” o “real”, mas sim de dar forma a ele (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 372).

A literatura que representaria o real é a literatura de testemunho, portanto, de quem presenciou, vivenciou e sobreviveu a um fato num período de catástrofes. A literatura com essas características deixa o *status* de representação e passa a ter mais compromisso com o real. A testemunha usa a própria experiência como referência, isso no que diz respeito à importância dos fatos históricos, por exemplo, passa a ser dado valor aos testemunhos que trazem à tona a realidade de um fato que gerou transtornos a um grupo social.

Sobre as relações da literatura testemunhal e a representação do real, Seligmann-Silva (2003) pontua duas características do gênero que são essenciais para organizar e conceituar a função desse gênero. O crítico postula que o realismo da literatura de teor testemunhal está relacionado ao pressuposto de Sigmund Freud segundo o qual o trauma é algum tipo de sofrimento que reluta em ser lembrado, mas que deve ser lembrado para ser superado. Eis os pontos que caracterizam o gênero testemunhal:

a) A literatura de testemunho é mais do que um gênero: é uma face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e faz com que toda a história da literatura – após 200 anos de auto-referência – seja revista a partir do seu compromisso com o “real”.

b) Em segundo lugar, esse “real” não deve ser confundido com a “realidade” tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o “real” que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do *trauma*, de um evento que justamente resiste à representação” (SELIGMANN-SILVA, 2003 p. 373).

A literatura de testemunho abrange o real da forma mais literal possível e busca espaço nos conceitos de literatura. Este gênero também é capaz de estabelecer uma relação entre o literário e o extraliterário, como o leitor, por exemplo. A literatura pretende manter uma relação com o leitor não só transmitindo a verdade, mas também suscitando as emoções e sensações previstas, muitas vezes, no processo de composição da obra:

(...) é justamente essa relação com as ações e com o mundo extraliterário que a literatura de testemunho vai reivindicar. Nesse sentido, é muito mais correto aceitar, como Manfred Frank, o fato de que é o leitor que cria a mensagem literária. A relação entre o texto e os fatos depende da leitura e, de resto, também existem argumentos na literatura, e a imagem que ela

abarca não é de modo algum indiferente à “verdade” (SELIGMANN-SILVA, 2003 p. 375).

Apesar de ser o “relato da realidade”, a literatura testemunhal e a sua relação com a realidade é complexa; a criação da imagem, a tentativa de reconstrução da memória e ainda a capacidade de encontrar uma forma estética são as dificuldades da testemunha. Em suma, a literatura testemunhal é apreciada pelo leitor pelo viés de uma só pessoa, aquela que testemunhou, então, é por meio de uma visão particular, a partir das imagens que se cria sobre aquilo que viveu, é que vamos refletir sobre os fatos. Portanto, um único evento pode ser contado e interpretado de várias formas, pois depende do testemunho e do leitor criar e interpretar imagens. Observaremos no decorrer do texto que esse tipo de escrita foi importante para uma geração: a de tempos de catástrofes, e para que esta geração pudesse desabafar e superar seus traumas. Portanto, o testemunho é importante, pois se mantém vivo cada vez que alguém lê as páginas dos relatos:

Na literatura de testemunho não se trata mais de *imitação* da realidade, mas sim de uma espécie de “manifestação” do “real”. É evidente que não existe uma transposição imediata do “real” para a literatura: mas a *passagem* para o literário, o trabalho do estilo e com a delicada trama de som e sentido das palavras que constitui a literatura é *marcada* pelo “real” que resiste à simbolização. (...) Se compreendemos o “real” como trauma (...) então fica mais fácil de compreender o porquê do redimensionamento da literatura diante do evento da literatura de testemunho (SELIGMANN-SILVA, 2003 p. 383).

No trecho acima, Seligmann-Silva é claro e categórico quanto à discussão sobre a presença do real na literatura ao dizer que a literatura de testemunho é a manifestação do real com suas características literárias particulares. Ele aponta os elementos literários do real – apesar de não haver tantos simbolismos, a linguagem também precisa ser trabalhada, pois é a partir dela que o trauma é exposto e por isso a dificuldade no ato de narrar. Podemos tomar como exemplo nossos objetos de estudo e o trabalho com a linguagem e com a forma. Cada uma à sua maneira, as narradoras expressam seus sentimentos e sensações, como preocupações, angústia e ansiedade.

Pensando que o testemunho começa a ser valorizado e ser qualificado como literatura de teor testemunhal mais precisamente depois das catástrofes históricas do século XX, devemos levar em consideração os estudos de Seligmann-Silva, sua teoria propõe que a literatura de teor testemunhal deva ser valorizada pela

dificuldade que existe no “tocar na ferida” do trauma e, além disso, pelo fato de que o gênero serve para reafirmar e preservar os acontecimentos de uma época.

O testemunho pode ser em primeira ou terceira pessoa, ou seja, aquele que fala sobre si ou sobre o outro, respectivamente. Aquele que fala sobre si pode “dar voz” ou levar para o centro da narrativa as ações de um outro personagem (tornando-se testemunho de outro) ou ainda se tornar testemunho de um fato. As marcas da presença do autor no texto de teor testemunhal podem estar relacionadas à participação e envolvimento do sujeito no fato que está testemunhando e, dependendo do modo com que conta, podemos perceber seu grau de envolvimento. O posicionamento e opiniões do autor/narrador (nem sempre neutro nas suas colocações, justamente por tratar muitas vezes de histórias particulares), pode nos transmitir uma emoção diferente dos romances, pois nas narrativas de teor testemunhal podemos observar comprometimento com a verdade, e quando se trata do retrato de questões políticas e sociais, estas são bastante explícitas e reais:

A testemunha, no sentido de “o que vê”, se aproxima tanto dos paradigmas da historiografia como da cena do tribunal. Neste último sentido, o termo mantém ecos de sua origem em *terstis*, terceiro, enquanto instância para decisão em um julgamento entre duas partes (SELIGMANN-SILVA, 2010a, p.4).

Como foi exposto acima, em *terstis* a testemunha permanece com um distanciamento do testemunho, pois apenas narra o que viu como uma testemunha em um júri que está em favor de uma das partes, isto apenas para dar um exemplo e relacionar a testemunha com o depoente que viu o acontecimento. A testemunha também pode ser utilizada pelos parâmetros da historiografia, ela vai descrever a história em termos científicos por intermédio de um historiador ou mesmo compondo uma narrativa. Portanto, o sujeito em *terstis* poderá aparecer, na maior parte das vezes, à margem da história do que participando dela.

Para definir o testemunho daquele que, além de ser uma testemunha, também é participante dos fatos sobre os quais vai testemunhar, Seligmann-Silva recorre a Benveniste e à sua ideia de testemunha, a *Supertes*, segundo a qual o testemunho será de alguém que pode ter sobrevivido a um acontecimento trágico ou a outro acontecimento qualquer e testemunha o fato com uma visão de dentro, como alguém que supera o trauma e utiliza seu testemunho para se reerguer:

Benveniste destaca outro parentesco semântico da noção de testemunha, que pode nos ajudar a pensar melhor a situação do sobrevivente, paradigmática para o século XX. *Superstes*, como ele comenta, “não é somente ‘ter sobrevivido a uma desgraça, à morte’, mas também ‘ter passado por um acontecimento qualquer e subsistir *muito mais além* desse acontecimento’; de ter sido, portanto, ‘testemunha’ de tal fato” (1995, p. 277) (...) O “manter-se no fato” do *superstes* remete à situação singular do sobrevivente como alguém que habita na clausura de um acontecimento extremo que o aproximou da morte. (SELIGMANN-SILVA, 2010a, p.4-5).

Assim é o caso das autoras das memórias da Resistência, Ada Gobetti e Carla Capponi, que narram para perpetuar suas experiências. Carla compõe suas memórias um tempo mais tarde, o que nos dá a impressão de que ela teve de esperar o seu momento para testemunhar, amadurecendo a ideia durante alguns anos.

Neste caso, narrar significa reviver o acontecimento e, mais do que isso, superá-lo por meio da narrativa e encontrar nela uma maneira de seguir em frente, mesmo carregando consigo a culpa de ter sobrevivido em detrimento de seus companheiros ou quem quer que tenha participado do fato e não sobreviveu, carregando também o trauma do passado. Contudo, para Seligmann-Silva, essas escritas de teor testemunhal nos servem para refletir sobre a história, um estudo que parte da oralidade, ou do que os outros têm a dizer. Para o autor, ainda, a partir do *Superstes* é possível que se estude a história, uma história que ouve o testemunho de quem denunciou seu trauma:

Pensar a história a partir dele [*Superstes*] significa aprender a diminuir o papel dado ao *ístor* do termo e se pensar em uma história mais auricular: aberta aos testemunhos e também ao próprio evento do testemunhar, sem reduzir o testemunho a *meio* (SELIGMANN-SILVA, 2010a, p.5).

Os dois modelos apresentados por Seligmann-Silva têm seu valor narrativo e não se deve sobrepor um ao outro como se atribuísse um nível de excelência a *superstes* em detrimento de *terstís*, por exemplo. “O essencial, no entanto, é ter claro que não existe a possibilidade de se separar os dois sentidos de testemunho [*terstís* e *superstes*], assim como não se deveria separar de modo rígido historiografia da memória” (SELIGMANN-SILVA, 2010a, p.5). O testemunho vai ao encontro da História, aproximando memória e História. O passado traz o fato, partindo do real, e o presente é o simbólico em que o indivíduo se coloca como personagem, pensador, sujeito. Enfim, a ligação entre todos os elementos que compõem a narrativa é o

testemunho que experimenta a linguagem literária para contar sua experiência. Para ilustrar melhor a necessidade de utilização da linguagem poética, reproduzimos uma passagem de Seligmann-Silva:

Vendo o testemunho como o vértice entre a história e a memória, entre os “fatos” e as narrativas, entre, em suma, o simbólico e o indivíduo, esta necessidade de um pensamento aberto para a linguagem da poesia no contexto testemunhal fica mais clara (SELIGMANN-SILVA, 2010a, p.6).

Portanto, aqui nos deparamos com a linguagem figurada dentro do testemunho. Geralmente esse tipo de linguagem tenta reproduzir um sentimento próximo ao que a testemunha está sentindo no momento, de modo que o simbólico se mistura ao factual. Assim, por meio da linguagem simbólica, que às vezes é comum aos leitores, podemos enxergar além dos fatos, e passamos a nos envolver com os sentimentos e as sensações. Como podemos perceber nas narradoras, por exemplo, Carla Capponi tenta demonstrar seu interesse por Rosario a partir da identificação e o gosto que os dois têm pela literatura, enquanto Ada Gobetti relaciona seu estado de espírito com o clima do ambiente externo e os trabalhos do grupo.

Seligmann-Silva trata ainda em sua obra o gênero diário como autoescrita, abordando essa questão fazendo inicialmente uma observação sobre a visão de Philippe Lejeune. O crítico francês pontua a diferença literária entre diário e autobiografia, sobre as variações de escrita de teor testemunhal, e defendendo que há uma aproximação entre autobiografia e ficção, e observando que no caso de diários, a aproximação à verdade é maior. Portanto, para Lejeune, ao contrário de Seligmann-Silva, o gênero diário possui uma característica que distancia a autoescrita da ficção, definida por ele como antificção:

Para ele [Lejeune], a autobiografia flertaria com a ficção, enquanto o diário teria uma tendência para a verdade (...). Lejeune prefere manter bem separados os campos de força da ficção e da autoescrita (...). Para ele, o diário seria um bom meio para se atingir tal objetivo. O diário é, segundo ele, ‘antificção’, assim como falamos em uma pista “antiderrapante” (LEJEUNE apud SELIGMANN-SILVA, 2010a, p. 06).

A autoescrita, neste caso, seria uma romantização da vida em que o narrador decide o que vai contar e a forma como fará, e o diário conteria, além de fatos, ideias e o tempo, um modo mais instantâneo do que na autobiografia. Porém,

apesar de ter uma tendência a romantizar sobre sua própria vida, o autor de sua autobiografia coloca nela suas experiências, assim como faz Carla Capponi. Quando a autora narra seu momento de adesão à Resistência, quando também há um embate direto com o inimigo, ela é capaz de tomar decisões de improviso e se unir a um grupo de manifestantes. O evento acontece por conta do anúncio do oito de setembro, de modo que a romantização é sugerida pela prontidão e atrevimento que Carla demonstra ter:

Àquele convite pensei que eu também poderia ser útil em um lugar onde se combatia: “Eu vou” disse à minha mãe. “Você está louca! Mas o que uma mulher vai fazer? Aquele convite é voltado aos homens” “Vou ver. Mulheres e homens serão úteis” Alcancei o pequeno grupo e me foi dito que iriam à Ostiense, onde morava um deles que veio procurar ajuda (...). O homem que guiava o grupo me perguntou onde eu me dirigia: “Vou com vocês”. “Tem algum parente entre os soldados?” “Não” respondi seca “vou tentar ser útil”. “Brava! Mas sabe que daqui a pouco se combaterá?” “Por isso estou aqui” respondeu. Se apresentou, disse que era do Partido da ação e com muito atrevimento eu me declarei comunista. “Aí está uma jovem ‘Revolucionária’”. Fiquei na dúvida que estivesse debochando de mim. (CAPPONI, 2009, p. 96-97)²⁴.

Carla era uma jovem de atitude e ao longo da passagem há golpes de bombardeios pela cidade. A cena fica bastante dramática no fim do capítulo e, com Roma toda bombardeada, a narradora se responsabiliza por um garoto ferido, salva sua vida e cuida dele em sua casa. Carla consegue construir belas cenas com suas ações e exemplos em pleno caos em que se encontrava Roma. No excerto escolhido percebemos como ela fica admirada e se mostra ansiosa para participar da luta. De fato ela nos prende pela bela atitude, e a forma como narra parece espontânea e não deixa de ser sua própria experiência.

Para Seligmann-Silva o diário carrega a essência de seu escritor, e esta essência é representada muitas vezes nas anotações, rasuras, caligrafia do autor, bem como em suas impressões e seu envolvimento com a obra. O contraste com

²⁴ Tradução nossa de “A quell’invito pensai che anch’io avrei potuto essere utile in un luogo dove si combatteva: <<Io vado>> dissi a mia madre. <<Ma sei matta! Ma che ci va a fare una donna? Quell’invito è rivolto agli uomini.>> <<Vado a vedere. Donne e uomini saremo tutti utili.>> Raggiunsi il gruppetto e mi dissero che erano diretti a Ostiense, dove abitava uno di loro che era venuto a cercare aiuto(...) L’uomo che guidava il gruppo mi chiese dove fossi diretta: <<Vengo con voi>>. <<Hai qualche parente tra i soldati?>> <<No>> risposi secca <<cercherò di redendermi utile>>. <<Brava! Ma lo sai che qui fra poco si combaterà?>> <<Per questo sono qui>> risposi. Si presentò, disse di essere del Partito d’azione e con molta improntitudine io mi dichiarai comunista. <<Ecco una giovane “Pasionaria”.>> Restai nel dubbio che mi prendesse in giro” (CAPPONI, 2009, p. 96-97).

Lejeune aparece no sentido de colocar o diário, além da memória da testemunha, como uma construção de sua vida:

(...) é inegável que podemos identificar no diário algo como as marcas e traços do presente de sua escritura. O diário produz páginas que se embaralham com a vida de seu autor-protagonista. Nele somos tocados pelo ar que o personagem respirava. Tendemos a ver nele um testemunho, ou seja, um *índice*, metonímia, e não uma metáfora, que é tradução imagética e mais distanciada dos fatos arrolados. Além disto, o diário possui também uma respiração, um ritmo, que expressa a situação anímica e corpórea de seu autor e para ela *aponta* (SELIGMANN-SILVA, 2010a, p. 7).

O autor tenta separar a narrativa como parte do evento, segundo ele pode-se confundir o diário em si com o evento, como se fosse um sensacionalismo do que está sendo narrado. Para Seligmann-Silva, o diário é o contrário do que pensa Lejeune; sendo o diário constituído por um ponto de vista, em que autor se apresenta segundo seu modo, expondo suas ideias e fazendo parte do texto:

Vemos o diário como *parte* do evento narrado, e não como observação de segunda ordem — por mais equivocada que esta percepção possa ser em alguns casos. Não se trata de uma “antificação”, como quer Lejeune, mas de uma inscrição da vida — e da morte, vale acrescentar, pensando em toda escrita como autotanatobiomitografia. — na qual a fantasia e a literatura não impedem que acreditemos no “real” que estava na sua origem. É como se no diário se fundissem “autor”, texto e temporalidade (SELIGMANN-SILVA, 2010a, p.07).

Sendo então uma narrativa, e utilizando-se da linguagem para reconstruir um fato, é natural para o autor que se vale da autoescrita incluir nela elementos que vão além do relato, já que a pessoa se funde ao seu texto e seu tempo, imprimindo elementos de sua personalidade, o próprio modo de escrever é um aspecto de sua personalidade. Ada, por exemplo, já tinha habilidade com a escrita e sabia a importância que teriam seus registros. A escrita de seu diário representa sua atitude e personalidade, pois fazer anotações, mesmo que codificadas daquele tempo de repressão, era um ato de rebeldia.

Para Seligmann-Silva, a narrativa da vida privada se mistura com a vida pública. No fragmento abaixo o autor utiliza uma metáfora interessante para explicar o modo de intersecção. A vida pública e privada são duas espécies de nascentes de rios que, juntas, se transformam em um rio barrado pelo texto que se perpetua em um trabalho literário da realidade:

A escrita é vista tanto como ducto por onde escorre a vida privada, como também, em muitos diários, neste duto misturam-se de modo claro as águas da vida pública. O texto, nestes casos, se transforma em um dique. A potência que guarda pode ser transformada em energia mesmo muitos anos depois de passados os fatos, justamente porque na estrutura do texto se entrecruzam, em uma trama, a vida íntima com a pública, o trabalho literário com as marcas do “real” (SELIGMANN-SILVA, 2010a, p.07).

Continuando a discussão sobre o gênero diário, Seligmann-Silva resume a trajetória da autoescrita que surge da crise da imagem do homem, desde o Romantismo com os diários reflexivos, de viagem, até os *blogs* da internet, estes últimos, hoje em dia, acumulam textos em que a linguagem literária se mistura com a autoficção, e às vezes o leitor tem dificuldade em discernir o factual do ficcional, nas escritas mais modernas da *web*, por exemplo:

Trata-se de uma leitura, portanto, particularmente autorreflexiva e que será tanto mais demandada quanto mais nossa autoimagem estiver em crise. Desde o Romantismo, mais e mais esta escrita-espelho da autoescrita — sobretudo do diário — é performatizada e hoje vivemos um verdadeiro *boom* da escrita e da leitura de diários ou de textos literários profundamente contaminados por este ato linguístico-literário. O mesmo se passa nas artes plásticas e no mundo da *web*, com sua blogosfera pontilhada por milhões de diários. A autoficção virou moda...Lejeune equaciona a reconstrução imaginária do presente não só com a mentira, mas também com a loucura. Com efeito, trata-se de uma escritura louca, a do diário, se aceitarmos que ele não é pura factografia, mas trabalho de acumulação criativa de fragmentos. Na verdade, o diário é uma aporia, vale dizer: é a aporia” (SELIGMANN-SILVA, 2010a, p.08).

Ele ainda conclui que o diário mostra o enfrentamento do real, simbólico e imaginário, ou seja, engloba essas três características na sua composição, sendo que o real nunca teve tanto valor na literatura principalmente pelos adeptos da arte pela arte, por isso o diário sempre esteve à margem da literatura, situação que se inverte agora, principalmente no que diz respeito aos estudos do referido gênero. Completamos a discussão sobre o gênero diário com uma citação do autor que endossa a questão do diário como fonte literária secundária pela sua característica que mais se aproxima do real:

É o grande fantasma da literatura desde o Romantismo, que vem sendo exorcizado pelos adeptos da ‘arte pela arte’ de diferentes matizes e gerações, mas que comungam deste mesmo purismo e aversão ao real (SELIGMANN-SILVA, 2010a, p.08).

Há um momento em que o autor levanta a questão da necessidade de escrever para deixar gravadas as memórias e perpassar aquilo que lhe foi deixado, os pensamentos, tradições, costumes ou histórias, e para ele um dos motivos de escrever é a ideia de desaparecimento. Desse modo, o diarista deixa seus escritos como marcas de sua passagem num mundo violento em que há um conflito histórico de grande proporção, como é o caso de muitos diários de guerra, de combatentes, de civis e de prisioneiros:

O testemunho e o diário são dispositivos que surgem na literatura dentro deste embate entre este Eu moderno e o Mundo, sobretudo quando o mundo se apresenta como uma manifestação violenta. Testemunho e diário são marcas ou pegadas do indivíduo na era da sua desapareção (SELIGMANN-SILVA, 2010a, p.09).

O autor não concorda com a visão positivista de Lejeune quanto à fronteira entre o diário e a ficção, mas concorda com outros pontos, por exemplo, com a ideia de que o diário exige que o leitor seja mais ativo, diferente do modelo clássico, e o que também diferencia o gênero da arte clássica que é a fragmentação, portanto a narrativa de um diário pode não ser tão linear, muitas vezes ele obrigará o leitor a juntar pontos já escritos ou desencadear uma bagagem histórica que tenha conhecido previamente.

A característica do real no diário, para Seligmann-Silva, possui um valor incomensurável em que a partir da realidade a testemunha passa por um processo de aceitação da condição do trauma, se referindo à ideia de negacionismo de Hélène Piralian. O negacionismo gera um corte na história do sujeito que é reconstruído à medida que ele aceita o trauma. A autora sistematiza essa premissa a partir de um estudo sobre o genocídio dos armênios em 1915-16. Para Piralian, de primeira mão há o não reconhecimento da dor, o que existe é a negação do sobrevivente por conta da culpa de ter sobrevivido, há neles a dificuldade de enfrentar o trauma:

A resistência, quando se trata de enfrentar o real, parece estar do lado do negacionismo. Este sentimento comum mora no próprio sobrevivente e o tortura, gerando uma visão cindida da realidade. Piralian nota que o testemunho visa à integração do passado traumático (*apud* SELIGMANN-SILVA, 2010a, p.10).

A testemunha, para Piralian, apenas consegue voltar a viver normalmente quando se utiliza da linguagem para viver seu luto. Como foi afirmado anteriormente, o autor do diário subsiste a partir de suas memórias, o testemunho se reconstrói enquanto sujeito a partir da reconstrução de suas experiências, utilizando-as como forma de superação.

A literatura do pós-guerra, bem como a de teor testemunhal, possui uma característica fragmentária do ponto de vista do discurso e se difunde nessa época para dar voz e denunciar a violência. Esse tipo de escrita traz novas questões para a literatura e construção do indivíduo do pós-guerra, ela também cria novos padrões no discurso literário e em outras artes, por exemplo, no cinema, como no neorealismo italiano, cuja contribuição maior está relacionada aos procedimentos estéticos que deixaram de lado a elaboração ficcional para dar preferência à representação de uma realidade pela via quase plenamente documental e denunciativa. É isso que Seligmann-Silva quer dizer quando aponta a crise dos grandes paradigmas nas artes em geral, o modelo de representação do século XIX perde um pouco a visibilidade, e a guerra desperta nos artistas e intelectuais uma importante discussão a ser abordada:

A Segunda Guerra Mundial radicalizou aquilo que já havia sido iniciado com a Primeira Guerra Mundial, ou seja, a crise dos grandes paradigmas, tanto de explicação do mundo como nas artes e na literatura (...) o hitlerismo e, sobretudo, a maquinaria dos campos de extermínio, gerados por uma nação que tinha desempenhado um papel chave no Iluminismo, significou uma novidade devido à radicalidade da violência e à sua origem. A idéia de exterminar onze milhões de indivíduos (o plano de Hitler), ou seja, todos os judeus europeus, era inédita nesta radicalidade. Isto gerou uma onda de memória também inédita na sua força. Esta onda mantém-se até hoje e está na origem de milhares de testemunhos. (...) vemos uma estética pós-holocausto marcada por uma fragmentação do discurso (SELIGMANN-SILVA, 2008).

Segundo o crítico, ocorre uma crise nas questões sobre a literatura e outras artes, elas se tornam menos representativas e mais reais, bem como as questões sobre a explicação do mundo, quase não há espaço para o simbólico. Podemos entender isso como uma tentativa de distanciamento das escolas mais antigas como o Romantismo e as vanguardas, porém, pelo seu caráter fragmentário, o tipo de escrita de teor testemunhal se aproximaria mais do surrealismo, mas na contemporaneidade há pouca imitação, ou seja, a escrita não segue mais um modelo, como por exemplo o modelo romântico, para explicar a realidade ou a vida

da sociedade, mas procura a verdade nas fontes históricas e nas escritas autobiográficas. O trauma presente em todo o tipo de violência passou a ter um papel fundamental na literatura do pós-guerra, pois a experiência do trauma influenciou muitas narrativas contemporâneas, principalmente as de caráter autobiográfico.

Com os sinais do tempo que tornam notável a escrita autobiográfica, e as pesquisas nesse sentido, o que se pretende também não é transformar a escrita de teor testemunhal numa espécie de moda do contemporâneo, mas uma forma de representação consciente da história em que se dá voz às testemunhas e nos leva a refletir sobre as questões históricas e de gêneros literários:

Justamente a consciência histórica contemporânea é marcada por uma hiper-consciência dos contextos históricos que impede a simples 'imitação' ligada à episteme pré-romântica. Por outro lado, a arte e a literatura vão tentar encenar as novas subjetividades (esvaziadas) contemporâneas. Os jogos autobiográficos desta nova produção têm muito de encenação de forte teor testemunhal. Testemunha-se as catástrofes tanto históricas (as inúmeras guerras e genocídios), como os traumas individuais (SELIGAMNN-SILVA, 2008).

A literatura de testemunho surge como forma de resistência e afirmação da identidade, ela tem como objetivo perpetuar o relato. Seligmann-Silva prefere se referir ao "teor testemunhal", pois, segundo ele, não existe um gênero consolidado como literatura de testemunho. Contudo, este tipo de literatura com teor testemunhal sempre existiu na história literária, mas obteve visibilidade apenas no século XX por conta dos grandes conflitos da época e com o testemunho explícito nas obras, ou seja, a literatura é declaradamente feita de depoimentos, segundo Seligmann-Silva (2008). Portanto, o teor testemunhal também tem como objetivo representar a esfera privada da vida, e também abrir os olhos para os conflitos sociais tentando inserir a discussão política na esfera pública:

(...) apenas no século XX a literatura de testemunho surge como um elemento importante no sistema literário e cultural. Este desenvolvimento do testemunho em um século pontuado por terríveis e enormes guerras, por genocídios, campos de concentração e de extermínio e ditaduras sangrentas não é casual. A literatura de testemunho expressa esse processo de esmagamento daquilo que é expelido pela sociedade como se fosse um resto. Ela é afirmação da vida, contra a redução desta à mera vida, ou à simples sobrevivência. Ela é, portanto, eminentemente política (SELIGAMNN-SILVA, 2010b).

O teor testemunhal na literatura se opõe ao processo de aniquilação da vida nua (Seligmann-Silva, 2010b), isso quer dizer que ela mantém na atmosfera as recordações de eventos que ameaçaram sociedades, as tornaram reféns ou desprotegidas, como as guerras e os campos de concentração, em outras palavras ele mantém as memórias dessa sociedade ameaçada e também serve de válvula de escape ou fonte de superação para sobrelevar o trauma. Assim, a literatura nos leva a refletir sobre essas situações e nos dá a oportunidade de analisar segundo a visão de cada um as tragédias causadas e sofridas. Deste modo, no excerto abaixo, a partir da literatura de teor testemunhal, Seligmann-Silva menciona que podemos identificar como funciona a biopolítica como forma de governo de uma população do século XX e ainda decifrar e compreender a função do procedimento estético utilizado na literatura:

É importante ter em conta que a literatura de um modo geral é um espaço de representação e de reflexão. Ela permite uma tomada e um distanciamento. Com isso, evidentemente, não se trata de reduzir a literatura a uma tarefa edificante. Antes, trata-se de explicitar sua capacidade de abrir nossos olhos para os conflitos sociais, políticos e psicológicos de cada presente. O fascinante do espaço literário é a sua liberdade, que não pode ser reduzida a nenhum tipo de doutrina moralizante. Assim, através dela podemos perceber não apenas de que modo a biopolítica atua, mas também ver como não podemos separar de modo estrito o campo político do estético (SELIGAMNN-SILVA, 2010b).

No século XIX, a historiografia não permitia a liberdade da literatura da forma que propõe Seligmann-Silva. Este modelo de estudo da história acreditava na reprodução do passado “tal como ele de fato ocorreu” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 60). No próximo século, pensadores como Walter Benjamin vão propor a reformulação historiográfica também defendida por Seligmann-Silva. Com efeito, essa tentativa revisionista do século XIX se torna inviável principalmente quando o assunto é memória, pois sempre há lacunas na memória. A linha entre o esquecimento e a lembrança é tênue assim como, nos termos de Nietzsche, entre o histórico e o não histórico:

A alegria, a boa consciência, o ato feliz, a confiança naquilo que vem – tudo isso depende, em cada indivíduo assim como no povo, da existência de uma linha que separe o visível, claro, do que não pode ser clareado e escuro, de que se saiba tanto esquecer na hora certa, como também que se recorde na hora certa, de que as pessoas com o instinto forte quando é necessário sentir-se de modo histórico ou não-histórico. Essa é a proposição a que o leitor é justamente convidado a observar: o *a-histórico*

assim como o histórico são igualmente necessários para a saúde de cada indivíduo, de um povo e de uma cultura (NIETZSCHE *apud* SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 60-61).

Esse “esquecer e recordar-se na hora certa” a que Seligmann-Silva se refere são importantes para a vivência do indivíduo, pois ele precisa abstrair, ou deixar as lembranças no subterrâneo da própria memória, para superar o trauma a partir do esquecimento por um determinado período de tempo, talvez seja esse o motivo pelo qual Carla Capponi demorou tanto tempo para voltar às suas memórias. Logo após sua luta na Resistência, enquanto passa um tempo em um hospital se recuperando, ela pensa em escrever “a crônica dos seus primeiros vinte anos” (CAPPONI, 2009, p. 12), porém, não põe o projeto em prática, mantendo suas memórias guardadas até que chega o momento de recordar e, mesmo achando impossível falar de si, ela conta sua história acreditando ser um veículo que nos fará conhecer personagens, paisagens, situações e hábitos de vida. Ela se esforça para lembrar sua história e principalmente para mostrar o outro nela (CAPPONI, 2009).

Levando em consideração a ideia de Nietzsche, de que é possível se lembrar da mesma forma que podemos esquecer, caímos na falsa impressão de que essa dicotomia é possível na hora que quisermos. Não podemos também esquecer-nos de lembrar (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 61). É importante esse trabalho de esquecimento e lembrança, pois por vezes lidar com o passado é difícil e a latência da lembrança também pode ser algo traumático. A rememoração do trauma, após um certo tempo, pode ser importante até mesmo para as gerações futuras, pois “o apagamento da memória – e com ela, da responsabilidade – é parte integrante de muitos assassinatos em massa” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 78), ou seja, o passado pode voltar a acontecer. É contra isso que as autoras que estudamos lutam.

O registro da memória é seletivo e não anula a História, assim como os fatos da História não anulam a memória, e deste modo podemos concordar com Seligmann-Silva quando diz que não é “impossível segmentar radicalmente os campos da História e da memória” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 69). Portanto, mesmo com a dificuldade de não poder esquecer-se de lembrar, mesmo com as armadilhas da memória, ela ainda é aliada da História, pois a memória, apesar de às vezes não ser contínua, conta com a ajuda do coletivo, ela nunca é individual e pode ser reconstruída a partir de dados emprestados do presente (HALBWACHS *apud*

SELIGMANN-SILVA, 2003). Portanto, “A memória existe no plural: na sociedade dá-se constantemente um embate entre diferentes leituras do passado, entre diferentes formas de ‘enquadrá-lo’” (SELIGMANN-SILVA, 2003 p. 67). Essa nova forma de ver o passado, por vezes dissolúvel, se dá por conta da nova realidade vivida no século XX, a vida desfeita e fragmentada pelas catástrofes históricas marcantes. Todo esse movimento da memória se torna uma reconstrução da História e não um decalque perfeito.

Seligmann-Silva dedicou boa parte de seus estudos à pesquisa sobre a escrita da memória. Vimos aqui que a literatura de teor testemunhal tem um sentido e um motivo de existir, para este autor o trabalho com a memória não é linear e se dá a partir de reinterpretações da história a partir da memória. “O trabalho da história e da memória deve levar em conta tanto a necessidade de se ‘trabalhar’ o passado (...) como também o quanto esse passado é difícil” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 77). Assim ele se aproxima da ideia de Walter Benjamin sobre a qual nos debruçaremos mais adiante. Ele também considera o conceito de memória coletiva sobre o qual Pollak (1989) discute, relacionando com os estudos de Maurice Halbwachs.

2.4 Memória coletiva: “galhos descompostos de uma árvore harmoniosa”²⁵

Michael Pollak considera o conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs como base para explicar a construção da memória individual e coletiva, contrapondo em seu estudo as duas formas de memória e como elas podem se relacionar: “Em sua análise da memória coletiva, Maurice Halbwachs enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos” (POLLAK, 1989, p. 03). Ele ressalta também os elementos que compõem a memória coletiva, esses elementos são associados pela sociedade e variam de cultura para cultura, eles podem estar ligados à tradição, monumentos históricos, projetos arquitetônicos, personagens históricos, paisagens, músicas, folclore, enfim, tudo que represente e tenha um significado para a sociedade ou um grupo social. A memória coletiva então surge como forma de tradição e cultura empíricas que Pollack explica segundo Émile

²⁵ O título é uma adaptação de uma metáfora criada por Carla Capponi em sua obra.

Durkeheim, e afirma que a memória do coletivo solidifica os sentimentos e acentua a importância dos fatos para determinados grupos sociais:

Na tradição metodológica durkheimiana [Émile Durkheim], que consiste em tratar fatos sociais como coisas, torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio culturais (POLLAK, 1989, p. 03).

A memória, nesse caso, é construída de forma social, ela também constrói a identidade de um determinado grupo, a memória que esses grupos carregam influencia em suas tradições, diante disso temos uma variedade de costumes e tradições diferentes que são criadas ao longo do tempo e que demoram ou nunca são perdidas. Ainda resgatando Maurice Halbwachs, por meio de Pollack, ele nos diz que a memória é seletiva e para que haja uma memória coletiva é preciso um processo de negociação e pontos de aceitação entre a memória coletiva e a memória individual, e que elas sejam construídas a partir de testemunhos de bases comuns (POLLACK, 1989, p.04).

A memória coletiva nem sempre é construída pelo povo. Para Pollack há dois tipos de memória, a nacional, que é tomada como a memória oficial, e que se opõe à memória subterrânea pertencente à história das minorias, que por sua vez surge da oralidade dos grupos marginalizados. Podemos tomar uma citação de Pollack para exemplificar isso:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional (POLLAK, 1989, p. 04).

O modo de ver a memória pode mudar o curso da história e, portanto, daquilo que será lembrado futuramente, principalmente quanto ao ponto de vista com que a história é abordada, por exemplo, nos casos em que se trata de memória subterrânea, ela pode ter pontos de contato com a memória oficial, mas será contada sob a ótica do oprimido.

Na abordagem durkheimiana ressalta-se a duração e a força da memória coletiva, como ela é construída e como ela se perpassa. Halbwachs não vê na memória coletiva a imposição violenta da memória, mas sim uma adesão afetiva e

aceitação da sociedade, que tende a reconhecer sua identidade diante da memória coletiva. Para ele também a memória individual e a coletiva possuem pontos de contato se beneficiando uma da outra e adquirindo reconhecimento entre si (HALBWACHS apud POLLAK, 1989, p. 03).

Para Pollack essa é uma problemática da memória coletiva, pois não se tem o questionamento de como ela acontece, por quem ou como foi solidificada a memória oficial, há apenas a aceitação e reprodução da memória coletiva por parte dos descendentes dessa memória. A exemplo disso temos as culturas marginalizadas que não se inserem totalmente na memória oficial, mas sim na memória oprimida e às vezes abafada, que geralmente se opõem uma à outra, portanto, no estudo dessas culturas, é necessário a preservação da memória oral até mesmo por uma questão de justiça ao povo que, por ser de uma classe oprimida ou menos elevada, teve sua memória apagada, restando apenas fragmentos da memória entre as famílias ou em povoados:

Essa memória "proibida" e portanto "clandestina" ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades (POLLAK, 1989, p.05).

No trecho acima podemos observar que, segundo Pollack, a memória das minorias oprimidas, que podemos tratar aqui como clandestinas, é reconstruída pelas artes, como o cinema e a pintura e também pela matéria escrita. Ao tratar desse assunto, Pollack toca no nosso objeto de estudo, as autobiografias, pois as autoras reconstroem, a partir de seus relatos, a clandestinidade dos grupos da Resistência italiana, e o exemplo do autor, no caso, foi o processo de desestalinização na Rússia, e a recomposição da memória das vítimas do stalinismo que receberam um monumento em sua memória.

Na visão de Pollack, o ressurgir da memória clandestina faz ascender nas novas gerações o senso crítico e a vontade de mudança, como acontecera no passado, em que a mudança na forma de pensar gerou conflitos em busca da liberdade e outras conquistas, assim, acontece o questionamento político que derruba a memória oficial e atribui valor à memória subterrânea daqueles que

lutaram pela mudança, como acontece hoje com a valorização da história oral e testemunhos escritos que por muito tempo se mantiveram sem importância notória esperando para serem recuperados. Enquanto essa memória não “explode”, no sentido de expandir, e tornar-se coletiva, ela permanece à margem da história, na oralidade, nas tradições familiares ou de um grupo social, ressurgindo como elemento que se contrapõe a uma verdade condicionada quando a memória oficial começa a ser questionada:

O longo silêncio sobre o passado (...) é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLAK, 1989, p.05).

A história que se perpassa de geração em geração, a memória não oficial, é importante para manter viva a memória das minorias, ou clandestinas, para que se possa no futuro cobrar uma possível redenção dos mais fortes e também quem sabe um dia poder sair do subterrâneo e se tornar memória coletiva oficial. O processo de emergência da memória subterrânea pode ser lento e necessita de uma tomada de consciência e um olhar crítico da sociedade para a memória elevada e, nesse caso, a oralidade é importante aliada no processo de redenção da memória nacional e justiça à memória subterrânea.

Por outro lado, frente à situação do trauma pode haver o medo e culpa dos sobreviventes e estes serem induzidos ao silêncio para não serem julgados; algumas vezes as vítimas também preferem esconder e não falar, deste modo a história do sobrevivente acaba por cair no esquecimento. A citação abaixo corresponde a um exemplo dado por Pollack referente às vítimas do nazismo, quando os judeus foram perseguidos, torturados e muitos foram mortos, mas entre os sobreviventes há os que ainda guardam na lembrança o trauma, e outros, a culpa da sobrevivência:

Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança "comprometedora", preferem, elas também, guardar silêncio. Em lugar de se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranquila e a propensão ao esquecimento dos antigos carrascos, não seria melhor se abster de falar? (POLLAK, 1989, p.06).

O silêncio também pode estar relacionado à culpa que as vítimas, às vezes, carregam por terem sobrevivido por conta de acordos com nazistas, se camuflando na sociedade, para diminuir as perdas de algumas comunidades judias e ao medo de uma possível volta das perseguições que sofreram. Esses argumentos ocasionam uma lacuna na memória em decorrência do silêncio de algumas vítimas que se renderam em busca da sobrevivência e depois tiveram que viver com o peso da culpa.

Em resumo, o silêncio que leva ao esquecimento, na visão de Pollack, é fruto dos acontecimentos traumáticos. Esses acontecimentos fazem com que o grupo social que passou pelo trauma queira sublimar a dor e o sentimento de culpa fazendo vigorar uma memória construída sob a visão do vencedor ou do dominador, sonhando sua participação na história. Pollack afirma que a memória coletiva pode ser dividida em dois grupos: ela pode ser coletiva subterrânea, de um grupo dominado que algumas vezes se mantém em silêncio, e a coletiva, organizada, que se sobressai, e que muitas vezes é imposta. Esta segunda, que se destaca, é imposta pelo dominador e acolhida pelo coletivo, e com o passar do tempo se torna memória coletiva organizada:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p. 08).

A reinterpretação do passado no presente faz com que o presente interaja com o passado de modo que o que foi vivido seja apreendido e transmitido pelas próximas gerações, assim as memórias clandestinas vão sendo inseridas na história da família que a propaga, pois as memórias só vão conseguir se tornar oficiais quando houver uma aceitação, Pollack acredita que:

Para que emerja nos discursos políticos um fundo comum de referências que possam constituir uma memória nacional, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples 'montagem' ideológica, por definição precária e frágil (POLLAK, 1989, p. 09).

Pollack se refere ao modo de como é construída a memória nacional em detrimento da memória individual, pois a memória nacional ou oficial parte do coletivo, portanto é difícil de ser contestada, sendo aceita e possuindo uma

organização que, ao contrário da memória individual, fragmentada, demora a ser reivindicada, organizada e transmitida, prevalecendo, então, a coletiva sobre ela. A organização correspondente à memória coletiva se apresenta para a sociedade como uma forma mais coesa e passa mais credibilidade, esta, segundo Pollack, é a problemática para a memória subterrânea, pois ela só vai emergir perante a contestação e reivindicação de uma memória coletiva mais democrática:

O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do "não-dito" à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização (POLLAK, 1989, p. 09).

Michel Pollak faz uma colocação sobre o estudo da memória em que levanta a questão da função e importância dos estudos memorialísticos para que se interprete e entenda o passado. Para ele também a memória tende a distinguir as esferas sociais de quem relata sua vida, numa tentativa talvez de enfatizar o pertencimento ou a origem e mostrar também o lado em que se posicionou na sociedade:

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis (POLLAK, 1989, p. 09).

A memória então firma a identidade, e como já foi dito, define as escalas sociais em certo sentido, pois cada grupo social se reconhece na memória coletiva de sua comunidade. A partir disso, o autor recorre a Henry Rousso para definir memória coletiva, que é mais abrangente, e memória enquadrada, ou enquadramento de memória, mais focada num grupo. Assim descreve o autor: "Todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente" (POLLAK, 1989, p. 09). As memórias construídas arbitrariamente carregam uma conduta de imposição e violência não

levando em conta o que o autor chama de “imperativo de justificação”, que questiona a memória imposta e exige uma justificativa e um reconhecimento, mesmo que tardio, do opressor.

Pollak contrapõe a ideia de imperativo de justificação com a de memória imposta. O imperativo de justificação, apesar de limitar a falsificação do passado, permite as inúmeras reinterpretações dele. A credibilidade dessas interpretações, no entanto, dependem da coerência dos discursos que se seguem, assim a memória imposta é revista e reconstruída a partir dos questionamentos:

Se a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais (POLLAK, 1989, p. 12).

A memória enquadrada é vista como que por meio de uma lupa e esta também pode conter contradições e lacunas. O que contribui para a constituição de uma memória enquadrada na qual haja lacunas ou falhas é o silêncio coletivo de algumas classes oprimidas. Segundo o autor, o silêncio coletivo aconteceu com os sobreviventes homossexuais de campos de concentração durante a Segunda Guerra e foi percebido durante sua pesquisa sobre o assunto, isso ocorre muitas vezes por medo da denúncia e não acontece apenas com os homossexuais, mas com criminosos, prostitutas, enfim, com as minorias oprimidas em geral. Essas questões do silêncio coletivo, o medo da exposição, são apagadas das memórias enquadradas, portanto, são objetos esquecidos da historiografia e podem ser restituídos por meio de pesquisas sobre a história oral. Assim, o autor coloca a importância do trabalho de reconstrução das memórias:

Pode se imaginar, para aqueles e aquelas cuja vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, a dificuldade colocada por esse trabalho de construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história. Assim como as memórias coletivas e a ordem social que elas contribuem para constituir, a memória individual resulta da gestão de um equilíbrio precário, de um sem número de contradições e de tensões (POLLAK, 1989, p.13).

Danielle Achilles Dutra da Rosa (2014) propõe uma discussão sobre alguns teóricos que dissertaram sobre a memória e de alguma forma relacionaram com a História. Esses autores são Maurice Halbwachs, já mencionado por Pollak, Pierre Nora e Andreas Huyssen. Assim ela destaca uma linha de “evolução” no pensamento desses autores. A concepção de memória social de Halbwachs e Nora é clássica e tende a contrapor história e memória, já Foucault e Huyssen tendem a aproximar as perspectivas entre memória e história para compor a memória social sendo considerados um pouco mais contemporâneos. Huyssen e Foucault pensam na memória que compõe o passado para construir o futuro e que pode funcionar também como um instrumento de poder, manipulando a memória social.

Marina Silva Duarte (2010) também propõe uma discussão comparativa entre Foucault e Ricoeur. Mesmo dissonantes, Foucault e Ricoeur parecem ter um ponto em comum sobre a questão da memória enquanto documento. Foucault propõe uma história mais crítica que se distancia das particularidades da memória, ao passo que Ricoeur une história e memória:

Foucault em *A Arqueologia do Saber* rompe com a memória em favor de uma história crítica e distante da metafísica ocidental. Em outra abordagem, Ricoeur em *A memória, A história e o esquecimento* pretende reconciliar história e memória afirmando que elas jamais poderiam se afastar, pois a memória é, antes de tudo, a função matricial da história (DUARTE, 2010, p. 01).

Para concluir este tópico, mas sem pretender encerrar as discussões sobre a memória, observamos que segundo alguns autores a memória se relaciona diretamente com a história e que o testemunho é um aliado importante para a preservação de ambas. Toda memória é coletiva, porém pode ter pertencimentos diferentes, como é o caso da separação entre memória coletiva subterrânea e coletiva organizada. A memória subterrânea pode permanecer no esquecimento ou escondida durante um bom tempo por diversos motivos, como o trauma, o medo da perseguição e a vergonha, porém, pode depois ressurgir por conta da superação. A memória subterrânea pode se tornar parte da memória oficial se houver um trabalho de reconstrução e efetivação.

2.5 A micro-história e os novos materiais no estudo da história

Já assinalamos que a literatura de teor testemunhal vem sendo observada mais de perto pela crítica literária e sendo levada para o centro dos estudos literários e históricos. As obras de conteúdo testemunhal contam com importantes fatos do contexto histórico social e também com a subjetividade do indivíduo histórico – além do trabalho com a linguagem. Observamos, também, que antes esse tipo de literatura servia como complemento para contextualizar um estudo de forma ilustrativa, hoje, porém, pode ser objeto de estudo na literatura e na história.

Muitos historiadores na década de 1940 já vinham tratando e refletindo sobre o modo de se fazer história, e indagava-se sobre a forma com que os materiais poderiam ser utilizados pelos historiadores. Walter Benjamin (1994), em texto bastante conhecido de 1940, discute a relação do historiador com o historicismo e o materialismo histórico. Para ele, o materialismo histórico, fácil de ser manipulado, se encaixa em vários contextos da história para tentar reproduzir a verdadeira imagem do passado e decalcá-la, assim Benjamin propõe que o fazer histórico não significa criar imagens fixas do passado, mas ter consciência, em momentos oportunos, de que a história pode ser revista e lembrada para que não haja reincidências de momentos de catástrofes, por exemplo. Assim, ele afirma: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Para Benjamin o historiador deve “captar a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada” (BENJAMIN, 1994, p. 232). Isto é, ele propõe a busca de fragmentos históricos no presente, do que ecoa hoje sobre o passado. Assim podemos classificar tradições, comemorações, canções, histórias orais, monumentos arquitetônicos e outros objetos que permeiam o presente e que contenha uma carga histórica, como as memórias pessoais, como fragmentos históricos que bem observados ajudam a constituir a história que conhecemos hoje “estabelecendo um nexo causal entre vários momentos da história” (BENJAMIN, 1994, p. 232).

Um pouco mais tarde, por volta dos anos de 1970, essa reflexão vem com mais força e mais sistematizada, tanto que será indicado por Giovanni Levi a inclusão de novos materiais para o estudo da história. O pensador italiano também difunde a ideia de fonte de estudo para a história, a micro-história, que se empenha nas minúcias da história para deflagrar a História.

A micro-história, segundo Levi, por ter uma ampla variedade de materiais e limitada quantidade de elementos comuns (LEVI, 2011, p. 136) e, em muitos casos, pode acontecer de um mesmo assunto ter materiais diversificados e, nas ocasiões em que se contrapõem, deve se ter coesão e se estipular um método comum para que não haja contradições, e, se houver, que elas possam ser explicadas.

A micro-história descende de uma linha de pensamento revolucionária que ia contra o debate cultural das décadas de 1970 e 1980 quando a historiografia começava a ser considerada inadequada para certos estudos, principalmente sobre os acontecimentos políticos e sociais da época em que a crença otimista de uma possível revolução entrava em crise, isso quer dizer que nessas décadas ocorreu uma decaída do interesse da população em relação à política, e uma forma de reacender o interesse para essa discussão seria o olhar para as revoluções de forma que a população se reconhecesse:

Há algumas características distintas na micro-história que derivam daquele período nos anos 1970, quando se iniciou um debate político e cultural mais geral. Não há nada particularmente incomum nisso, pois os anos 1970 e 1980 foram, em quase todo o mundo, anos de crise para a crença otimista prevalecente de que o mundo seria rápida e radicalmente transformado em linhas revolucionárias. (LEVI, 2011, p. 136).

Os cientistas sociais previam que diante da crise o modelo de pesquisa da história precisaria ser repensado e reformulado, assim como deveria ser realizada uma revisão nos instrumentos de pesquisa. Parece que esses instrumentos se tornaram mais subjetivos, pois a concretude do positivismo enchia a história de teorias, e Levi explica como pensavam essa revisão dos instrumentos de pesquisa por parte dos cientistas sociais:

O aparato conceitual com que os cientistas sociais de todas as convicções interpretavam a mudança atual ou passada foi sobrecarregado por uma carga de positivismo herdado. Os prognósticos de comportamento social estavam se comprovando demonstravelmente errôneos e esta falência dos sistemas e paradigmas existentes requeria não tanto a construção de uma nova teoria social geral, mas uma completa revisão dos instrumentos de pesquisa atuais. Por mais banal e simplista que esta colocação possa parecer, esta percepção da crise é tão geral que apenas a mais simples menção pareceria necessária (LEVI, 2011, p. 136-137).

Para Levi, a micro-história é a redefinição de conceitos a partir de métodos atuais existentes, é a forma de se reinterpretar a história seguindo uma coerência

daquilo que é estudado, pois, como já foi mencionado, os materiais variados que podem ser usados para o estudo da micro-história podem se contrapor um ao outro. A coerência entre os materiais e métodos utilizados é de responsabilidade do historiador e o resultado de sua pesquisa é fruto de sua capacidade de interpretação. Segundo o autor, os historiadores que aderiram à micro-história são fundamentados nas teorias marxistas e seu trabalho consiste em obter uma imagem mais realista do comportamento humano bem como um reconhecimento de suas limitações, de sua liberdade e uma tentativa de definir a margem entre essa liberdade e a limitação que o governo impõe à sociedade. Colocando em questão a imagem mais realista do comportamento humano, podemos pensar nos materiais como o diário e a autobiografia fontes coerentes para essa descrição, pois podemos perceber que se tratam de pessoas reais. Além disso, os participantes da narrativa que se revelam totalmente engajados, e têm as suas memórias reconhecidas na sociedade, passam a ter mais visibilidade na sociedade. O que muda em relação à história comum é que com a micro-história podemos observar a história dos *partigiani* como um fenômeno simultâneo à história italiana do combate ao fascismo, dando maior ênfase a eles:

Nesse tipo de investigação, o historiador não está simplesmente preocupado com a interpretação dos significados, mas antes em definir as ambiguidades do mundo simbólico, a pluralidade das possíveis interpretações desse mundo e a luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos materiais (LEVI, 2011, p. 138).

Podemos observar aqui que a micro-história abrange diversos significados e interpretações e que, a partir dela, podemos dar sentido ou ressignificação a diversos fatos ou ações como, por exemplo, reconstruir os recursos simbólicos ou a cultura de uma sociedade por meio das análises da memória. Porém, em contraposição a isso, e motivo de atenção na micro-história estão as análises que muitas vezes relativizam a história. A principal questão discutida na micro-história é a da análise interpretativa que tenta organizar racionalmente as questões históricas, partindo das escalas sociais menores sem relativizá-las, ou seja, levando em consideração todos os níveis da sociedade.

A memória é um dos materiais úteis para a micro-história, ela retoma a história individual ou coletiva de um grupo social. Podemos examinar na perspectiva da micro-história a autobiografia de Carla Capponi e o diário de Ada Gobetti, pois

ambos revitalizam a história da Resistência. Portanto, a partir da narração das autoras, que contam suas experiências, podemos reconstituir aspectos da história da Itália, e de um grupo específico, que é o grupo *partigiano*, tanto o que constituiu a Resistência em Roma quanto o grupo que lutou na Resistência de Turim e que infelizmente permaneceram durante algum tempo à margem da história italiana, que dá ênfase a grandes feitos dos exércitos aliados e deixa de lado a ação civil, por esta ser constituída em sua maioria por militantes e ser considerada clandestina. A colocação que Levi faz no trecho abaixo esclarece em que ponto a micro-história é inserida na pesquisa da história e como ela vai abrangendo seus estudos conforme são estudadas a estrutura da sociedade:

Frequentemente se supõe, por exemplo, que as comunidades locais possam ser adequadamente estudadas como objetos de sistemas de pequena escala, mas que as escalas maiores deveriam ser usadas para revelar as conexões entre as comunidades dentro de uma região, entre as regiões dentro de um país, e assim por diante (LEVI, 2011, p.139).

Giovanni Levi aponta mais uma questão, que para a microanálise funciona como exemplo, segundo ele, da seleção de um ponto específico da vida real, a partir do qual se exemplificam conceitos gerais (LEVI, 2011, p.140). Mais uma vez esbarramos em nossos objetos de estudo, que partem de um exemplo da vida real, mas que estão inseridos dentro de um sistema maior que nos possibilita entender os problemas gerais da sociedade da época, e também nos permite conhecer o movimento de dentro, como era sua organização na luta armada e na sociedade. Para Levi, fazer esse recorte para a análise consiste em uma observação com propósitos experimentais:

Embora a escala como uma característica inerente da realidade certamente não seja um elemento estranho, no debate da micro-história ela é, sem dúvida, tangencial; porque o problema real está na decisão de reduzir a escala de observação para propósitos experimentais. O princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados (LEVI, 2011, p. 141).

Além de a micro-história estar vinculada à história como uma linha teórica, Levi declara que ela se relaciona também à Antropologia, tendo elementos em comum tanto quanto a história em geral, pois ao invés de criar teorias, ajusta os sinais de significação em uma estrutura compreensível. Levi comenta sobre o

trabalho interpretativo do antropólogo, que se vale justamente da interpretação para a análise e explicação a partir do exemplo. Assim, os trabalhos e escritos dependem da capacidade de interpretação que, segundo Levi, no trecho abaixo, podem ser numerosos, variados e de maneira subjetiva:

O poder do intérprete tornou-se portanto infinito, imensurável, não suscetível de falsificação. Inevitavelmente, foram introduzidos elementos que são difíceis de ser racionalmente avaliados, variando desde uma espécie de fria empatia até uma habilidade comunicativa literária (LEVI, 2011, p. 144).

Levi vai buscar no antropólogo Clifford Geertz a definição para a teoria e traça uma reta em que teoria e interpretação se tangenciam, mas também se separam. Para Geertz, teorias são conceitos acadêmicos de acontecimentos simples que precisaram ser sistematizados por uma descrição densa e que de certa maneira se enquadrassem na linguagem aceita dentro da academia. A teoria pode servir de base e apoio para o historiador desempenhando um papel de coadjuvante no trabalho de interpretação:

(...) os conceitos são instrumentos frios tomados da abordagem da ciência acadêmica: eles são úteis na interpretação, mas é apenas nessa função que adquirem realidade concreta e especificidade. As teorias não se originam da interpretação. A teoria só tem um pequeno papel, como subalterna, para desempenhar em relação ao papel muito maior do intérprete. Os sistemas dos conceitos gerais pertencentes à linguagem acadêmica são inseridos no corpo vivo da descrição densa, na esperança de dar expressão científica a acontecimentos simples, não para criar novos conceitos e sistemas teóricos abstratos (LEVI, 2011, p. 146).

Por isso, no processo de interpretação das obras analisadas, precisamos anteriormente ter contato com a teoria ou conceitos que nos permitissem entender e entrar no contexto da época, conceitos como os de fontes históricas e políticas que possibilitaram conhecer o universo das autoras. Assim, podemos estabelecer relações entre a história e as obras.

Para Levi, a questão da racionalidade na antropologia interpretativa é o ponto de partida, algo que não pode ser considerado fora do comportamento humano. Já para Geertz, a interpretação é algo com repertório de inúmeras possibilidades da mente humana. Parece que a racionalidade, nesse sentido, fica um pouco de lado, e as questões são respondidas por meio da metafísica, portanto, da interpretação, de modo que, para Geertz, a pesquisa deveria permanecer no âmbito da razão:

(...) Geertz pretende evitar a questão da racionalidade e seus limites: limites que são definidos por muito mais do que um acesso simplesmente diferencial à informação. A diferença é aquela entre o “pensamento autêntico” e o pensamento governado pelo princípio da “razão suficiente”. Em vista disso, poderia parecer que o etnólogo devesse talvez se contentar em interromper sua pesquisa no nível das descrições do significado (LEVI, 2011, p. 148).

Ainda parafraseando Geertz na questão da racionalidade na interpretação da história, Levi comenta que no direcionamento do raciocínio pode acarretar na manipulação de certos tipos de recursos culturais para a obtenção de informações esperadas. A manipulação dos dados culturais pode motivar a sobreposição de uma cultura à outra, ocorrendo uma nivelção hierárquica da cultura como se uma tivesse mais valor. Realmente, numa análise interpretativa pode acontecer a manipulação de dados, mas a relativização de tudo, história, cultura, etc, mantém a pesquisa numa análise do senso comum. Geertz se manifesta contra a ideia de hierarquização da cultura e defende a relativização cultural, em que coloca todos os tipos de cultura no mesmo nível de importância na sociedade:

Geertz defende o papel desempenhado pelo relativismo cultural na destruição do etnocentrismo- e com isso nós não podemos deixar de concordar. Entretanto, ele prossegue identificando o relativismo cultural como o relativismo *tout court* e encara todo o antirelativismo como uma tendência perigosa para considerar algumas culturas como hierarquicamente superiores a outras (LEVI, 2011, p. 149).

O problema da interpretação é que esta é subjetiva e se modifica conforme a sociedade também se modifica. A tarefa de organização e definição da cultura é da micro-história que faz isso a partir de informações existentes, enquanto descrever os sinais das estruturas públicas e simbólicas, é tarefa da antropologia. Então para Levi, o problema maior é que com a mudança periódica da sociedade as descrições estão em constante mudança, exigindo do pesquisador uma observação empírica ampla:

Tanto a quantidade de informação necessária para organizar e definir a cultura quanto a quantidade de informação necessária à ação são historicamente mutáveis e socialmente variáveis. É esse, portanto, o problema que necessita ser enfrentado, uma vez que o arcabouço das estruturas públicas, simbólicas, é uma abstração. Pois, no contexto de condições sociais diferentes, essas estruturas simbólicas produzem uma multiplicidade de representação fragmentadas e diferenciadas (LEVI, 2011, p. 151).

Além da rápida mudança da sociedade, os novos materiais utilizados ajudam nas interpretações das novas redefinições da história, e cabe ao pesquisador utilizar essas fontes e seu senso crítico para a análise. À luz de Levi, ainda, percebemos como a abordagem da micro-história é particular, por se tratar de uma micro escala inserida em um contexto. Abaixo temos a reprodução do trecho em que Levi nos afirma o modo como a micro-história aborda o passado particular e esclarece que a particularidade pode se tornar um problema se for generalizada como um caso típico:

A abordagem micro-histórica dedica-se ao problema de como obtemos acesso ao conhecimento do passado através de vários indícios, sinais e sintomas. Esse é um procedimento que torna o particular como seu ponto de partida (um particular que com frequência é altamente específico e individual, e seria impossível descrever como um caso típico) e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico (LEVI, 2011, p. 156).

A tentativa da micro-história, segundo Levi (2011), é não sacrificar os elementos individuais por conta da generalização. De modo que tenta-se trabalhar os elementos individuais dentro das ações gerais e não rejeitar as formas de abstração, pois, nas palavras do próprio autor, “fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral” (LEVI, 2011, p.160).

Para concluir, utilizamos uma citação do autor que é, grosso modo, um resumo das questões fundamentais que o estudo micro-histórico pretende abordar, numa espécie de tentativa de definição:

Estas, então, são as questões e posições comuns que caracterizam a micro-história: a redução da escala, o debate sobre a racionalidade, a pequena indicação como um paradigma científico, o papel do particular (não, entretanto, em oposição ao social), a atenção à capacidade receptiva e à narrativa, uma definição específica do contexto e a rejeição do relativismo (LEVI, 2011, p. 162).

Para Levi, a micro-história caminha para uma análise histórica qualitativa, que pode ampliar o campo de indeterminação e, por consequência, de análise, tendo como ponto de partida fatos da realidade, dimensões particularizadas.

Além de tudo que já foi citado acima, com essas conclusões, apresentamos fatos inquestionáveis de que as obras selecionadas para esta pesquisa se inserem nos estudos da micro-análise.

3. *Con cuore di donna: experiência partigiana e literária de Carla Capponi*

3.1 *La donna “non” è mobile*

Este capítulo tece algumas considerações sobre a militante *partigiana* Carla Capponi e um resumo de sua obra autobiográfica *Con cuore di donna*, editada pela primeira vez em 2000 pela editora Il Saggiatore, de Milão. O livro tem um subtítulo expressivo: *Il ventennio, la Resistenza a Roma, via Rasella: i ricordi di una protagonista* (O vintênio, a Resistência, via Rasella: as recordações de uma protagonista), que funciona como palavras-chave do conteúdo do livro, pois a autobiografia, mesmo sendo ampla, aborda principalmente os temas do subtítulo com mais atenção e dá ênfase ao papel de heroína desempenhado por Carla Capponi.

Carla Capponi nasceu em Roma, em 07 de dezembro de 1921, e faleceu aos 82 anos em sua residência, na comuna de Zagarolo, localizada na província de Roma, em 23 de novembro de 2000, mesmo ano do lançamento de seu livro. Uma reportagem sobre o seu falecimento dizia que uma semana antes de sua morte ela lançou seu livro em Campidoglio. Carla não sentia sinais de cansaço, apesar da saúde frágil, ela se achava capaz de desempenhar qualquer função, como chega a mencionar na sua biografia.

Ainda na época da Resistência, conheceu Rosario Bentivegna (1922-2012), seu marido e companheiro de luta, com quem ficou casada por muitos anos e teve uma filha, Elena Bentivegna. A propósito, Elena era o nome *partigiano* que Carla adotara nos anos da Resistência. Sobre seu casamento e sua relação pessoal com Rosario Bentivegna nada consta em seu diário, mas a presença dele nas memórias de Carla é sempre na luta *partigiana*, demonstrando que o companheirismo partiu da Resistência. Quando Carla falece, Rosario, seu companheiro por 15 anos, se manifesta de forma bem emocionante, segundo relatos em reportagem sobre o assunto. Ele confessa que Carla foi uma companheira de vida e de luta, também afirma que Carla morreu sorrindo. Apesar da saúde frágil – por conta da falta de alimentação variada durante a guerra sua imunidade era baixa e teve um pulmão condenado por conta da tuberculose – Bentivegna lembra que Carla era uma mulher de fibra: “Era doce e também forte como uma rocha”. Os dois estavam juntos

na ação de via Rasella e segundo ele, seu olhar lhe passava segurança no momento da ação²⁶.

No site da ANPI (*Associazione Nazionale Partigiani d'Italia*) um pequeno memorando pela sua morte faz pequenas referências à sua vida lembrando rapidamente alguns eventos dos quais participou, ou mesmo atitudes de empoderamento que ela tenha tomado como, por exemplo, a arma que roubara dentro de um ônibus, já que os companheiros do GAP negavam a ela constantemente esse objeto, bem como sua participação no atentado de via Rasella. Esses eventos são lembrados pela reportagem e seu livro é citado como uma publicação recente, fazendo com que a reminiscência de sua morte pareça uma pequena sinopse de seu livro. A publicação do site conclui numa pequena reminiscência valorizando a autora, recordando sua condecoração com medalha de ouro pelo valor militar e seu papel na política italiana após a Resistência. Carla foi membro parlamentar do PCI e da Comissão de Justiça nos primeiros anos da década de 1970²⁷.

Em 2014, uma notícia do jornal online *Corriere della Sera*²⁸ deu destaque ao casal *partigiano*, Carla e Bentivegna. Neste ano os dois já haviam falecido e sua filha tentou depositar as cinzas do casal em um cemitério protestante de Roma, respeitando a vontade dos dois, porém ela foi impedida pela administração do cemitério. A resolução foi jogar as cinzas do casal no Rio Tevere, uma segunda opção deles. O lide da reportagem dizia: “Acabou sendo impossível a sepultura no cemitério protestante, a filha Elena dispersou no rio os restos dos dois heróis da Resistência”. Ao longo da reportagem um pronunciamento do presidente do ANPI de Roma dizia que o dia 22 de setembro de 2014 entraria para a história da Resistência Romana não como uma ação do GAP, mas como o Dia do Abandono, referindo-se ao impedimento dos condecorados. Enfim, o presidente lamenta essa situação de menosprezo feito ao casal. O prefeito de Campidoglio também lamenta o ocorrido, não só pela impossibilidade do sepultamento, mas também de não poderem ter um

²⁶Informações retiradas de <http://digilander.libero.it/primularossa_43/dati/table/news/carla.htm>. Acesso em 22/06/2016.

²⁷Informações retiradas de <<http://www.anpi.it/donne-e-uomini/378/carla-capponi>>. Acesso em 22/06/2016.

²⁸Informações retiradas de: <http://roma.corriere.it/notizie/cronaca/14_settembre_22/addio-capponi-bentivegna-via-rasella-ceneri-tevere-60db1bb4-4280-11e4-8cfb-eb1ef2f383c6.shtml?refresh_ce-cp>. Acesso em 22/06/2016.

lugar fixo para serem visitados e presenteados com flores, mas que terão lugar de honra na memória popular (REDAZIONE ONLINE ROMA, 2014).

Essas são algumas considerações colhidas da mídia *online* mostrando os ecos da autora nos dias de hoje, em que mesmo sendo reconhecida e condecorada em vida, não teve o mesmo respeito na morte. Depois de mostrar os desfechos mais atuais de Carla, vamos agora analisar a obra e seu caráter literário e histórico memorialístico.

3.2 Caminhos e descaminhos da memória

Carla inicia seu livro com uma dedicatória de teor bastante confessional, como todo o resto do livro. Ela agradece à sua filha Elena que foi quem a encorajou e incentivou a escrever, também agradece a Marzia Mancini que ajudou na elaboração do livro, escrevendo o primeiro esboço. Nessa dedicatória Carla faz considerações sobre o valor da memória, aspecto que sua filha a ajudou a compreender. Elena também foi quem estimulou Carla a lembrar de acontecimentos que ela nunca tinha ousado relembrar sozinha, além de ter ensinado a usar a tecnologia. Antes de escrever suas memórias ela considerava inútil contar suas experiências, por já estar velha e cansada. É sua filha que a faz perceber “que cada homem é um patrimônio de memória que, não fixado, permite aos outros total manipulação” (CAPPONI, 2009, p. 06)²⁹.

O prefácio é iniciado com uma epígrafe dos versos de um poema de Ismail Metter, que fazem menção a recordações comparando-as com ovos de pássaros que são mantidos aquecidos pelo calor de quem os choca esperando até ficarem prontos para eclodirem de repente, assim as recordações são mantidas aquecidas pela alma até estarem prontas para serem recuperadas por quem as guarda, fatalmente, mesmo que de maneira desordenada. “I ricordi sono come uova d’uccello nel nido:/ l’anima li riscalda per lunghi anni/ e d’un tratto essi rompono il guscio/ disordinatamente, inesorabilmente” (METTER *apud* CARLA CAPPONI, 2009, p. 07). Essa epígrafe pode ser lida como uma espécie de alegoria dos sentimentos

²⁹ Tradução nossa de “*che ogni uomo è un patrimonio di memoria che se, non fissato, permette agli altri ogni manipolazione*” (CAPPONI, 2009, p. 06).

de Carla, que guarda recordações mantidas aquecidas durante alguns anos e agora ousa remexer, ou seja, é a hora dos “ovos”, que Carla aquece, eclodirem.

No prefácio Carla menciona sua motivação para escrever, o interesse do editor em publicar as suas memórias e sua reação de pânico diante da inexperiência desse novo desafio. Agora ela precisava se adaptar e buscar nas suas memórias momentos de sua vida quase nunca revisitados. Ela ainda faz várias considerações sobre as sensações que tem ao tentar reconstruir sua história. O trecho reproduzido abaixo é um parágrafo do prefácio em que podemos perceber que pelo menos uma parte da obra já está escrita e a autora relê aquilo que já produziu, assim ela tira conclusões sobre o que leu e confessa seu estranhamento diante das palavras. Parece que ela não se identifica com a história que está contando ou que os recursos que tem para contar não condizem com a memória que está gravada, a memória transcende a palavra:

Se releio o já escrito, me assalta uma depressão profunda porque é como se, enterrado um pensamento, isso permanecesse sobre o papel apenas como um esqueleto descomposto. Grande parte das imagens que acreditava ter fixado estavam perdidas e assim a recordação, desnuda, ficava lá acanhada e empobrecida pela escassez de palavras ou mesmo talvez por causa da prolixa e demasiada complacente descrição das minhas aventuras. Como se perdesse interesse, se tornasse entediante (CAPPONI, 2009, p. 07)³⁰.

Essa sensação de Carla é muito comum a quem está tentando reconstruir sua história, as falhas na memória e os esquecimentos são características de quem passou por um trauma e dão a ela a impressão de que seu discurso está incompleto. Parece que um dos medos de Carla é de que sua história pareça desinteressante ao público, inclusive ela chega a afirmar em algum momento, antes de ser convencida, que achava inútil recordar.

Ainda sobre a prática de reconstruir suas memórias, a autora declara ter consciência de que, ao relatar suas experiências passadas, ela inclui outras memórias que compartilham das suas e que unidas se complementam, assim ela constrói uma metáfora interessante em que relaciona cada memória com ramos de

³⁰ Tradução nossa de “*Se rileggo il già scritto, mi assale una depressione profonda perché è come se, sepolto un pensiero, ne restasse sulla carta solo uno scheletro scomposto. Gran parte delle immagini che credevo di aver fissato erano perdute e così il ricordo, spogliato, restava lì striminzato e immiserito dalla scarsezza delle parole o forse proprio a causa della prolissza e troppo compiaciuta descrizione delle mie avventure. Come se perdesse interesse, divenisse noioso*” (CAPPONI, 2009, p. 07).

árvore unidos ao tronco: “Em uma memória existem muitas outras memórias, ligadas ao tronco de uma árvore como ramos descompostos, porém harmoniosos” (CAPPONI, 2009, p. 07)³¹.

A ideia de fazer uma autobiografia foi proposta por um editor e deixou a autora em pânico pela falta de experiência com a escrita, principalmente com o computador, combinado com a dificuldade de tocar em assuntos tão delicados para ela mesma depois de tanto tempo. Ao contrário do que pensava, o empreendimento que se tornou seu novo objetivo – escrever suas memórias – fluiu muito bem e ela conseguiu transpor para o papel sua experiência como militante *partigiana*. Podemos perceber, pelas suas intenções no prefácio, que a autora passa a se preocupar com a forma que suas memórias serão veiculadas e que a ocasião é propícia para que ela não conte apenas sua história, mas também a dos que compartilharam da mesma luta, algo que ela faz questão de reiterar na conclusão da narrativa. Contudo, não deseja parecer saudosa, contando uma história ultrapassada frente aos novos atrativos que os jovens dispõem hoje em dia. Então ela afirma: “Gostaria de poder escrever verdadeiramente para os outros, dos ‘outros’(...) Não gostaria, porém, de parecer como uma avó que narra aos netos as fábulas da sua infância” (CAPPONI, 2009, p. 08)³².

Ela finaliza o prefácio, depois de quatro páginas, de forma humilde, fazendo o leitor entender que na época sua reação aos acontecimentos, junto aos outros militantes, foi de defesa natural, de quem deveria enfrentar a opressão do inimigo e não havia saída senão lutar: “Não somos exemplos de perfeição, somos apenas homens e mulheres que frente à dureza das situações não se abandonaram ao choro ou se esconderam por medo, mas reagiram, ergueram a cabeça. E, acreditem em mim, éramos muitos” (CAPPONI, 2009, p. 10)³³.

Ainda deixa um recado para as próximas gerações, de que tudo isso que foi vivido serviu como uma forma de renovação da democracia, e de que também está em constante transformação. Percebemos no trecho abaixo e em todo o prefácio que além de rememorar sua história, ao longo da obra ela também emite sutilmente

³¹ Tradução nossa de “*Una memoria ha molte altre memorie, attaccate al tronco di un albero come rami scomposti ma pure armoniosi*” (CAPPONI, 2009, p. 07).

³² Tradução nossa de “*Vorrei poter scrivere veramente per gli altri, degli ‘altri’ (...) Non vorrei, però, apparire come la nonna che racconta ai nipoti le favole della sua infanzia*” (CAPPONI, 2009, p. 08).

³³ Tradução nossa de “*Non siamo mostri di perfezione, siamo solo uomini e donne che di fronte alla durezza delle situazioni non si sono abbandonati al pianto o nascosti per la paura, ma hanno reagito, alzato la testa. E, credimi, eravamo tanti*” (CAPPONI, 2009, p. 10).

suas opiniões, seja sobre a memória seja sobre seu papel na Resistência. Particularmente, na citação abaixo, ela faz uma breve reflexão sobre o que foi a Resistência e sobre sua contribuição para a democracia. Também percebemos, no trecho, traços sutis de defesa à memória do oprimido, subterrânea, desenvolvida por Pollak (1989), vista por Carla como um patrimônio:

A consciência de que somos grandes forças de liberdade e de democracia na realidade política italiana nos deixa confiantes, reforçando em nós o convencimento que a Resistência traçou para sempre uma separação clara e reconhecível. Ela ainda é um processo não concluído, projetado para frente. Um patrimônio que deve ser desenvolvido e defendido. Um processo problemático que encontra novos movimentos de crescimento e que sente a democracia como saída natural da participação (CAPPONI, 2009, p. 10)³⁴.

A obra é organizada em dez capítulos e uma conclusão, além do prefácio. Cada capítulo é intitulado e alguns são seguidos de subtítulos que levam o nome do episódio que será narrado, como uma espécie de ensaio. É a partir do terceiro que Carla entra no assunto da ocupação alemã e Resistência italiana. Nos dois primeiros capítulos ela recria sua infância e juventude durante os vinte anos de ditadura fascista. Suas memórias partem da apresentação de sua família, e a obra ainda caminha entre o presente e o passado. Quando mergulha no passado, mostra quais são suas origens e que vem de uma família tradicional italiana. Carla era a filha mais velha de três filhos do casal Capponi, sua irmã do meio se chamava Flora, com idade próxima à sua, a diferença era de um ano e quatro meses. E havia ainda o mais novo, Piero, com uma diferença de idade maior, aproximadamente oito anos. Por apresentar uma atmosfera que passeia pelo universo familiar (micro) e outro mais amplo (macro), o capítulo é intitulado “*Il giardino e il mondo*” (O jardim e o mundo). A ideia de mostrar como sua rotina familiar estava inserida na realidade de seu país e como essa realidade refletia sobre a família dialoga com a teoria da micro-história de Levi (2011), pois demonstra como as relações e resolução estão se dando e de que forma a sua família reagia.

Quando publica o livro, Carla já é uma senhora de 82 anos e durante o processo de escritura encontra-se um tanto debilitada por conta da idade avançada,

³⁴ Tradução nossa de “*La consapevolezza che ci siano grandi forze di libertà e di democrazia nella realtà politica italiana ci rende fiduciosi, rafforzando in noi il convincimento che la Resistenza ha tracciato per sempre una separazione netta e riconoscibile. Essa è ancora un processo non concluso, proiettato in avanti. Un patrimonio che va sviluppato e difeso. Un processo problematico che trova nuovi momenti di crescita e che sente la democrazia come sbocco naturale della partecipazione*” (CAPPONI, 2009, p. 10).

da fratura na perna direita durante o Natal do ano anterior ao da publicação, e por ter enfrentado um câncer um pouco antes. Neste período, está hospedada na casa de sua filha. Mesmo assim, ela revela que apesar de sua idade avançada, sente que sua idade biológica é bem menor e se sente capaz de fazer longas viagens, enfrentar debates ou uma entrevista de televisão, enfim, de realizar coisas que certamente cansariam uma pessoa de sua idade. Durante a sua recuperação ela aproveita para ler *Il secolo breve: 1914-1991: l'era dei grandi cataclismi* (*The Age of Extremes: The Short Twentieth Century, 1914-1991*, em português *A era dos extremos: o breve século XX*), de Eric Hobsbawm (CAPPONI, 2009, p. 11).

Apesar de a vontade de escrever suas memórias ser uma ideia antiga, desde a libertação de Roma, em 1944, ela pensa sobre o assunto. Carla passa por eventos que a impedem de concretizar esse desejo, como uma série de problemas de saúde, frutos da guerra. Ela decide retomar essa ideia, pois sente que o revisionismo histórico e negacionista tenta camuflar alguns episódios da época do fascismo, dentre eles, o da Resistência. Essas tentativas de apagamento são armas utilizadas pela direita para mascarar e impedir o retorno das velhas ideologias. Assim, percebendo esse movimento, ela decide então que é hora de contar. Frente a essas ideologias que pretendem calar, manipular e refazer uma história, ela percebe o valor de sua experiência e testemunho, e revela: “Refleti um longo tempo sobre esses fenômenos e pensei que se me calo, eu que vi, ouvi e vivi na pele os eventos que atravessaram o meu tempo de vida, seria uma testemunha reticente” (CAPPONI, 2009, p. 12)³⁵. Carla percebe que é importante para algumas ideologias políticas que os episódios não sejam esquecidos, correndo o risco de serem repetidos.

A questão do longo período de silêncio pelo qual Carla passou pode ser interpretado de duas formas: a primeira seguindo a concepção de Selgmann-Silva (2003) sobre o silêncio do trauma que deve ser superado e reavaliado com o passar dos anos, por outro lado, esse silêncio pode ser considerado o processo de amadurecimento da autora enquanto intelectual, dando às suas memórias tanto característica de reconstrução de fatos históricos como de relatos de experiência.

³⁵ Tradução nossa de “*Ho riflettuto a lungo su questi fenomeni e ho pensato che se tacevo io che ho veduto, udito, vissuto sulla mia pelle gli eventi che hanno attraversato il mio tempo di vita, sarei stata una testimoni reticente*” (CAPPONI, 2009, p. 12).

Ou seja, o amadurecimento representa a tentativa de uma escrita mais profissional, alcançada por ela.

A regressão é feita aos poucos, e tem início no tempo presente: ela conta de sua situação no momento em que está produzindo o livro, os motivos que fizeram despertar sua memória depois de tanto tempo, suas leituras, suas aspirações, dificuldades que teve no pós-guerra e o reconhecimento posterior também. No início deste primeiro capítulo, entre invocações de um passado recente, já do pós-guerra, e seu ato de rememorar, ela assume que reconstruir a sua própria memória é importante para todo o ser humano, inclusive para ter noção do seu papel no mundo. É entre reflexões sobre a memória e o ato de testemunhar que ela inicia sua narrativa, reconhecendo a importância do testemunho para o presente:

Eu preciso da memória do meu passado para me mover com segurança e coerência no presente, plena das motivações que determinaram as minhas escolhas. A memória me define, me faz sentir em harmonia com o tempo e com os outros que eu sei que existe para ser também essa parte da memória. 'Ricordo, logo existo' digo ironicamente. Escrever as próprias experiências creio que seja um dever civil para alguém que tenha o que testemunhar do seu tempo (CAPPONI, 2009, p.14-15)³⁶.

Quando apresenta seus pais, ela adentra o interior de cada família, reconstruindo sua árvore genealógica. Seu pai, Giuseppe Capponi, nasceu em Ascoli Piceno, sua família era tradicional e tinha constituído sua riqueza no fim do *Cinquecento* (século XVI), quando a família Capponi começa a produzir papel. Ela dá atenção ao título que a família adquiriu de "*Maestri cartai*". Esse título, concedido pelo Vaticano, rendeu à família a fama de mestres na produção do papel no auge da fabricação do produto, fazendo-os fornecedores e produtores de papéis oficiais do Vaticano. A fábrica da família do pai de Carla entra em crise no final do século XIX por conta da queda do domínio da igreja e unificação do país, que acabou com várias atividades que tinham coligação com a igreja. Depois disso, a família perde muitos dos seus bens e a geração do pai de Carla passa a sobreviver com a economia restrita. Quando adulto, seu pai se inscreveu na faculdade de engenharia em Roma e morava com outros dois irmãos. Carla não sabe de detalhes da relação

³⁶ Tradução nossa de "*Ho bisogno della memoria del mio passato per muovermi con sicurezza e coerenza nel presente, ricca delle motivazioni che hanno determinato le mie scelte. La memoria mi definisce, mi fa sentire in armonia con il tempo e con gli altri di cui conosco l'esistere per essere anch'essi parte della memoria. 'Ricordo, quindi sono' dico per assurdo. Scrivere le proprie esperienze credo sia un dovere civile per chiunque abbia da testimoniare del suo tempo*" (CAPPONI, 2009, p. 14-15).

dos três com o resto da família, mas sabe que foi um período muito difícil, e acredita que as cartas trocadas com a família na época tenham sido destruídas por conta da moralidade da época e para não deixar documentados os problemas de natureza familiar (CAPPONI, 2009, p.16-17).

A família de sua mãe era de Petriolo, província de Macerata, e esta era mais severa. O nome de sua mãe era Maria, Giuseppa, Carolina, Flora, Zenaide, para agradar as tias paternas e maternas. O avô materno de Carla, que ela não conheceu, se declarava ateu, era autoritário e ditava as regras de educação e com sua avó ficava a função de aplicá-las nos filhos. Segundo Carla, a infância de sua mãe não foi feliz. Maria mudou-se para Ascoli logo após ter completado a maioridade, por motivos que Carla desconhece. Ali ela trabalhou como governanta, depois fez magistério e entrou para uma organização feminina participando de atividades no sindicato dos professores (CAPPONI, 2009, p. 18).

Seu pai viu sua mãe pela primeira vez em Ascoli durante a primeira manifestação em comemoração ao 08 de março em 1910, da qual a mãe de Carla participava. Depois deste dia aconteceram alguns encontros e cartas trocadas, até ficarem juntos. Quando irrompe a primeira guerra, seu pai é convocado juntamente com seus irmãos para se alistar. Depois de ser mandado ao fronte é chamado de volta para trabalhar na reconstrução após um terremoto. Eles se casam no final da guerra quando seu pai é transferido para Chivasso e sua mãe consegue se transferir junto.

Esta, grosso modo, é a apresentação que Carla faz da origem de sua família, e pode servir como um processo de regressão que ajudará a recompor sua própria história quando chegar o momento, e até mesmo a entender suas escolhas por meio de suas origens, pois o caminho seguido por seus pais influencia no caminho que ela vai escolher, por exemplo, a posição antifascista de seus pais, a influência deles em sua educação, incentivo à leitura e até mesmo o envolvimento de sua mãe nos movimentos sindical e das mulheres, tudo é determinante. Por isso Carla deve considerar importante fazer essa apresentação mesmo que lhe falte alguns detalhes.

É entre o fim da primeira guerra e a consolidação do partido fascista que Carla Capponi nasce. Ela e sua irmã, Flora, tiveram uma infância tranquila e aparentemente alegre, pelo menos no contexto familiar, como percebemos em algumas histórias que ela conta no primeiro capítulo. Passavam as férias na praia e,

segundo Carla, nos primeiros anos, “A vida em Porta Fabrica se desenvolvia serena, longe de qualquer interferência mundana” (CAPPONI, 2009, p. 22)³⁷.

Por não concordarem com o método adotado na escola no período fascista, seus pais retardaram a entrada das filhas na escola e passaram a ensiná-las em casa, assim eles acreditavam poder dar uma educação mais autônoma e não restrita e militarizada, como a que era exercida nas escolas da época. Segundo Carla, a realidade dentro da casa era diferente da que existia do portão para fora:

Passaram meses, e nós vivíamos longe da realidade cotidiana que se desenvolvia além do muro que envolvia. De manhã estávamos ocupadas em aprender a ler e escrever, porque os nossos pais decidiram não nos mandar à escola, com a esperança de que a aventura fascista no governo terminasse e tudo voltasse a ser como antes. A nossa vida era como que cristalizada no espaço daquele “éden”: vivíamos uma simulação da realidade e éramos felizes (CAPPONI, 2009, p. 27)³⁸.

Em algumas descrições da sua rotina de estudos elementares, ela conta que depois do jantar sua família sempre se reunia para ler grandes clássicos como romances e fábulas de La Fontaine, os irmãos Grimm, Victor Hugo, Walter Scott, Júlio Verne, Joseph Conrad, entre outros (CAPPONI, 2009, p. 28), mostrando que em sua casa a educação e o acesso à cultura eram irrestritos e não havia hora, reflexo da consciência e nível de cultura de seus pais. Mas se por um lado esse isolamento, na opinião de seus pais, era uma forma de proteção e ao mesmo tempo educação autônoma, para Carla e sua irmã pode ter sido solitária e com certas falhas, por conta da falta de convivência com outras crianças e o mundo. Suas brincadeiras eram improvisadas e não passavam do quintal de casa, pois tudo era monitorado pela sua mãe:

Éramos duas crianças silenciosas e solitárias. Os nossos jogos aconteciam no pequeno jardim, para nós misterioso e fantástico: pedras, cacos,

³⁷ Tradução nossa de “*La vita a Porta Fabrica si svolgeva serena, fuori da ogni interferenza mundana*” (CAPPONI, 2009, p. 22).

³⁸ Tradução nossa de “*Passarono mesi, e noi vivevamo lontane della realtà quotidiana che si svolgeva oltre il muro di cinta. La mattina eravamo impegnate a imparare a leggere a scrivere, perché i nostri genitori avevano deciso di non mandarci a scuola, con la speranza che l'avventura fascista al governo avesse termine e tutto tornasse come prima. La nostra vita era come cristallizzata nello spazio di quell' 'eden': vivevamo in una simulazione della realtà ed eravamo felici*” (CAPPONI, 2009, p. 27).

pedaços de madeira, caracóis, lagartas, vermes, insetos, até os gatos participavam” (CAPPONI, 2009, p. 29)³⁹.

A autora revela que na época ela e sua irmã não entendiam o porquê do isolamento, os motivos não ficavam bem explícitos, mas de alguma forma parece que Carla percebia uma movimentação e que havia assuntos que não eram comentados na presença das crianças. Logo ela percebe que a cidade fica menos movimentada e conta que as lojas que circundavam a praça Venezia, ponto de encontro da cidade, foram obrigadas a fechar ou se transferir: “a praça foi destinada aos grandes encontros para os históricos discursos do *duce*” (CAPPONI, 2009, p. 27-28)⁴⁰. Além dessas ordens fora do comum, sabemos que havia repressão por parte dos soldados fascistas a mando de Mussolini, como o episódio sofrido pelo seu pai, em que, por contrariar as ordens militares da época, é agredido e retirado do cinema por soldados fascistas, conforme já citamos.

Carla também tem boas recordações de sua infância incluindo uma que considera sua favorita, o fato é admirável por conta da simplicidade, ocorreu em uma noite limpa e estrelada em uma data comemorativa da igreja, a conclusão do *Anno Santo* em 1925, quando o pai chama atenção para a cúpula de San Pietro, em que as luzes se acendem em um lindo espetáculo que Carla guarda na memória (CAPPONI, 2009, p. 29). A lembrança é singela e representa a serenidade que a família mantinha dentro de casa, fazendo um paralelo com o mundo de fora. Apesar de tudo, aparentemente a infância foi a fase mais tranquila da vida da autora.

Somente em 1929 Carla vai para a escola, na mesma época em que se muda com sua família para um apartamento no centro de Roma. Ela fica muito apreensiva e angustiada com a descoberta de um lugar cheio de regras. A partir daí sua vida muda drasticamente, e ela se descobre uma pessoa tímida e se retrai diante da opressão na escola:

Era também o nosso primeiro ano de escola e tínhamos passado aqueles primeiros meses com grande sofrimento. A escola era tão estranha aos nossos hábitos, consolidados nos cinco anos de ensinamento “materno”, desordenado e livre, que apenas a coação da carteira era para nós uma tortura. O primeiro feriado natalino foi um grande alívio, e por alguns dias

³⁹ Tradução nossa de “*Eravamo due bambine silenziose. I nostri giochi si svolgevano nel piccolo giardino, per noi misterioso e fantastico: sassi, cocci, pezzetti di legno, lumache, bruchi, vermi, insetti, persino i gatti vi partecipavano*” (CAPPONI, 2009, p. 29).

⁴⁰ Tradução nossa de “... *la piazza fu destinata solo alle grandi adunate per gli storici discorsi del duce*” (CAPPONI, 2009, p. 27-28).

esquecemos mesmo a angústia que nos assombrava por todas as horas das aulas (CAPPONI, 2009, p. 34)⁴¹.

Nem por isso Carla esconde sua essência na escola, e a educação libertária que tivera, sempre demonstrava sua inteligência e, nas atividades, quando tinha que participar, utilizava elementos da sua experiência de vida sem a sistematização que a professora gostaria, o que deixava a professora irritada e ocasionalmente tratava a aluna com ironia e provocações, Carla ficava furiosa e certa vez decidiu questionar sobre o tratamento que recebera, mas sua situação piorou por ser considerada desrespeitosa demonstrando que a escola não era um lugar aberto ao diálogo (CAPPONI, 2009, p. 37).

Esse problema com a escola tomava proporções cada vez maiores na vida de Carla que desde cedo demonstra maturidade em suas reflexões. Ela compara a sua desmotivação para ir à escola com a mesma desmotivação de rezar para Deus, parece que ela não acredita na educação escolar, assim como é cética quanto à existência divina:

O tédio da escola é algo destrutivo, deprimente para a personalidade. Frequentemente, aquilo que me propunham a estudar estava longe dos meus interesses, e então era tentada a reservá-lo e voltar para fila das matérias que mais me interessavam, mas no final me encontrava com uma massa total de atrasados para estudar dos quais sabia tão pouco que recuperar o tempo perdido se tornava quase impossível. Também o problema da existência de Deus se tornou meu tormento secreto. “Não tem a graça de crer” me dizia o confessor, quando colocava as minhas dúvidas, e me obrigava a rezar porque, segundo ele, com a oração entraria em contato com Deus (CAPPONI, 2009, p. 38)⁴².

Mesmo sendo uma criança bem instruída e com uma educação libertária, oferecida pelos seus pais, a ingenuidade da pouca idade ainda a impede de enxergar com censo mais crítico as coisas que aconteciam ao seu redor. Com o

⁴¹ Tradução nossa de “*Era anche il nostro primo anno di scuola e avevamo passato quei primi mesi con grande sofferenza. La scuola era così estranea alle nostre abitudini, consolidate nei cinque anni di insegnamento ‘materno’, disordinato e libero, che la sola costrizione del banco era per noi una tortura. Le prime vacanze natalizie furono un grande sollievo, e per alcuni giorni dimenticammo persino l’angoscia che ci assilava per tutte le ore delle lezioni*” (CAPPONI, 2009, p. 34).

⁴² Tradução nossa de “*La noia a scuola è qualcosa di destruttivo, deprimente per la personalità. Spesso, quello che mi si proponeva di studiare era lontano dai miei interessi, e allora ero tentata di metterlo da parte per rinviarlo in coda alle materie che più mi interessavano, ma alla fine mi trovavo una massa tale arretrati da studiare e di cui sapevo così poco che recuperare il tempo perduto diveniva quasi impossibile. Anche il problema dell’esistenza di Dio era divenuto il mio tormento segreto. <<Non hai la grazia di credere>> mi diceva il confessore, quando ponevo i miei dubbi, e mi spingeva a pregare perché, secondo lui, con la preghiera sarei arrivata a contatto con Dio*” (CAPPONI, 2009, p. 38).

passar do tempo, no início da adolescência, ela começa a perceber as anormalidades do sistema e começa a questionar seus pais, depois de ser repreendida pelo pai. Na ocasião, ela parecia não entender o verdadeiro motivo pelo qual estava sendo repreendida, como no episódio do campeonato de natação. Aconteceu durante umas férias de verão em que ela foi convidada a participar do campeonato por conta do seu bom desempenho, porém a competição se tratava de uma seleção regional para uma posterior competição nacional promovida pela juventude fascista. Para Carla, que tirou o segundo lugar na prova, a ocasião seria um passatempo, ela não entendia a dimensão das tentativas de demonstração de superioridade e as formas de aliciar pessoas que o fascismo promovia. O descontentamento de seu pai foi principalmente por conta de seu trabalho e os esforços que ele fazia para mantê-lo sem precisar se filiar ao partido:

...foi, porém, também um verão rico de excursões e, de nados até as barcaças de pesca e até mesmo de uma infeliz competição de natação, da qual participei ignorando que meu pai me repreenderia duramente (...). Decidimos aceitar o convite com a reserva de pedir permissão a minha mãe, naquele momento atenta em conversar na espreguiçadeira com uma amiga (...). Concordaram que não poderiam mais me proibir de participar, mas meu pai não conseguiu perdoar aquele feito (CAPPONI, 2009, p. 44-45-46)⁴³.

Outro fato que confirma a questão do processo de conscientização de Carla para as atrocidades do fascismo é o episódio em que encontra o livro sobre a vida de Giacomo Matteotti, já mencionado no primeiro capítulo e que encontra-se no segundo capítulo de sua biografia. É importante frisar essa passagem tanto quanto a anterior, pois elas intervêm na juventude da autora de modo que a fazem questionar a realidade e também influenciam na sua postura antifascista. Do ângulo da construção da narrativa, da reelaboração dos fatos pela escrita, é possível perceber a ênfase que a autora atribui a esses episódios, como se desejasse que o efeito sobre o leitor fosse a associação destes fatos da vida juvenil aos episódios da vida adulta, em especial da atividade antifascista e *partigiana*.

É depois de ser censurada na escola por portar o relato sobre o assassinato de Matteotti que Carla questiona seus pais sobre o problema de não poder falar

⁴³ Tradução nossa de “...fu però anche un'estate ricca di gite, di nuotate fino ai barconi da pesca e persino di un'infelice gara di nuoto, alla quale partecipai ignara che mio padre me l'avrebbe poi duramente rimproverata (...). Decidemmo di accettare l'invito con la riserva di chiedere il permesso a mia madre, in quel momento intenta a conversare sulla sdraio con un'amica (...). Convennero che non potevano più proibirmi di partecipare, ma mio padre non riuscì a perdonarmi quell'impresa” (CAPPONI, 2009, p. 44-45-46).

sobre certos assuntos com seus colegas de escola. Ao perceber a consciência da realidade e maturidade da jovem Carla, seu pai responde às suas dúvidas:

O conhecimento daquele episódio deixou em nós um sinal, e começamos a perguntar aos nossos pais sobre a origem da escolha fascista feita pelo rei e desejada também pelos liberais: as razões daquela escolha eram incompreensíveis a nós. Meu pai as explicava dizendo que o honorável Giolitti sonhava em poder tomar novamente a situação (...) estava convencido que Mussolini fosse dos males o menor frente à pressão da esquerda e da situação de mal estar social que ameaçava explodir (CAPPONI, 2009, p.52)⁴⁴.

Sua família, apesar de ser antifascista, devia manter boa relação com pessoas públicas que apoiavam o fascismo até para a própria segurança e para não serem perseguidas, por isso o assunto dentro de casa e o fato de admitir ser antifascista eram um pouco restritos até perto dos filhos, pois tinham medo de deixarem vazarem algum comentário ou informação sobre suas opiniões. Com a maturidade das filhas, seus pais passam a se abrir mais para o assunto. No trecho abaixo Carla relata como era essa relação com apoiadores fascistas e a recepção em sua casa:

Desde que nos mudamos para Foro Traiano os nossos pais criaram o hábito de receber alguns de seus amigos em casa para discutir, escutar música e tomar um chá. Neste chá que acontecia uma vez ao mês, sempre de sábado, participavam frequentemente alguns membros do círculo “Mulheres profissionais, artistas e formadas” de Maria Luisa Fiume, algumas entre elas parte da alta hierarquia fascista e a mamãe não podia não convidá-las (CAPPONI, 2009, p. 52)⁴⁵.

Além de conhecer pessoas pró-fascismo, na adolescência, Carla também conheceu pessoas antifascistas, como Nicola Bombacci, figura que, segundo ela, era ambígua, pois era o único ex-parlamentar comunista que vivia com alguma regalia mesmo sem esconder sua posição comunista. Ele também não sofria as

⁴⁴ Tradução nossa de “*La conoscenza di quell’episodio lasciò in noi un segno, e cominciammo a chiedere ai nostri genitori notizie sulle origini della scelta fascista fatta dal re e voluta anche dai liberali: le ragioni di quella scelta ci erano incomprensibili. Mio padre le spiegava dicendo che l’onorevole Giolitti si era illuso di poter riprendere in mano la situazione; (...) era convinto che Mussolini fosse il male minore di fronte alle pressioni della sinistra e alla situazione di malessere sociale che minacciava di esplodere*” (CAPPONI, 2009, p. 52).

⁴⁵ Tradução nossa de “*Da quando ci eravamo trasferiti a Foro Traiano i nostri genitori avevano preso l’abitudine di ricevere alcuni loro amici in casa per discutere, ascoltare musica e prendere il tè. A questi tè, che avvenivano una volta al mese, sempre di sabato, partecipavano spesso anche alcune socie del circolo ‘Donne professioniste, artiste e laureate’ della Maria Luisa Fiume; alcune tra loro facevano parte dell’alta gerarchia fascista e la mamma non poteva non invitarla*” (CAPPONI, 2009, p. 52).

restrições comuns não só aos comunistas, mas a todos, como viajar. Na época havia alguns militantes famosos como os citados por Carla: Carlo Scarfoglio, jornalista e escritor, Benedetto Croce e outros intelectuais que, mesmo não compartilhando das ideias de Mussolini, eram de certa forma, tolerados. A aparente tolerância a esses intelectuais acontecia por causa da notoriedade que tinham, eles também eram reconhecidos por realizarem uma crítica enérgica, porém corriam o risco iminente de retaliação (CAPPONI, 2009, p. 54).

Além de alguns figurões da época, sua família também se relacionava bem com judeus, inclusive um era o médico da família e “(...) continuou sendo mesmo quando as leis raciais vetaram aos judeus o exercício de qualquer profissão” (CAPPONI, 2009, p.54)⁴⁶. A essa altura a lei racial ainda não vigorava na Itália, mas, segundo Carla, não demorou a se estabelecer, entre 1937-38 os judeus começaram a ser perseguidos pelo estado fascista⁴⁷. Essa atitude de sua família demonstra que eles não tinham preconceito e não concordavam com a lei racial, seu pai acreditava que manter a amizade era uma ato de solidariedade e demonstração de aversão à decisão de segregar os judeus.

O que chama atenção na passagem em que Carla conta sobre as pessoas que frequentavam sua casa é quando fala de um amigo da família por quem ela tinha muito apreço e teve muita influência sobre sua escolha antifascista. Esse amigo é o engenheiro Baraffael, que saiu da Itália para a exploração de petróleo por volta de 1933, quando Hitler assume o poder na Alemanha e decreta a lei racial. Esse amigo é tão caro a Carla que ela o trata por “avô adotivo”. Mesmo não tendo mais notícias do amigo e nem podendo vê-lo depois de sua partida, esse personagem é um dos que merecem descrição física fazendo parecer que Carla ainda manteve uma proximidade com ele além de sua adolescência, pelo fato de a lembrança parecer tão fresca.

⁴⁶ Tradução nossa de “...restò anche quando le leggi razziali vietarono agli ebrei l'esercizio di qualsiasi professione” (CAPPONI, 2009, p. 54).

⁴⁷ As chamadas “leis para a defesa da raça”, ou simplesmente leis raciais, constituíam-se de uma série de procedimentos legais e foram aplicados na Itália de 1938 a 1944. Antes mesmo da promulgação de qualquer decreto, estudantes judeus foram afastados de escolas públicas e, em seguida à lei, judeus eram impedidos de trabalhar em dependências e empresas públicas, empresas e negócios judeus eram sequestrados. Muitos professores universitários foram perseguidos, afastados e exilados, alguns se refugiaram em outros países. Porém a mais grave consequência foi a perseguição, assassinato e deportação de judeus, como se constata nos episódios de Trieste (que deportou mais de setecentas pessoas) e do gueto de Roma (que deportou cerca de duas mil pessoas para Auschwitz), entre 1943 e 1944. Desde o início até o final da segunda guerra, contudo, a Itália manteve mais de trinta campos de concentração ou de trânsito para outras prisões europeias.

Carla toca num episódio importante sobre a política fascista que é a política expansionista que causa a Guerra da África. Esse assunto aparece na obra como um tópico do segundo capítulo. A guerra foi em 1935 e faz parte da política de Mussolini para agregar territórios ao seu domínio. O governo fez uma ótima propaganda pela expansão do país e promessa de melhoria aos camponeses e de emprego ao povo, tanto que alguns jovens estavam determinados a ajudar o país neste empreendimento fascista. Esse episódio Carla acompanhou, pois tinha um primo que foi recrutado para a batalha, na ocasião o primo se apresenta por conta própria e parece empolgado:

Talvez tivéssemos subestimado esta parte da história que estávamos vivendo se não estivéssemos envolvidos diretamente com a partida do nosso primo Amleto, chamado para conquistar o “espaço vital”. Passou em Roma já vestido de atirador de elite, feliz por ir à África e convencido de que se trataria de uma breve aventura: quando voltou, estava ferido e estava desmoralizado pelo que tinha visto lá. Nós vivemos aquela experiência seguindo-a pelo *Domenica del Corriere*, onde Achile Beltrame ilustrava na cobertura as ações vitoriosas dos nossos soldados. Considerávamos aquele empreendimento “uma agressão a um povo livre e soberano”, assim nos dizia papai, e descobríamos naquelas ilustrações toda a violência de um confronto ímpar entre um exército provido de armas mortais, uma aviação que se vangloriava de ser a melhor do mundo e um povo que, para defender a própria soberania, tinha um exército mal organizado, privado de aviação e de armas modernas. Descobríamos a ferocidade de uma guerra impetuosa e afirmávamos a injustiça do colonialismo no qual Mussolini chegava por último. O que mais nos golpeou foi descobrir que a guerra era conduzida contra a população civil. Um miserável empreendimento que custou o sacrifício e o heroísmo inútil de muitas jovens vidas de soldados, iludidos a conquistar com facilidade a terra de um povo orgulhoso da própria cultura e zeloso da própria liberdade (CAPPONI, 2009, p. 55)⁴⁸.

Todas essas informações, desde seus questionamentos sobre o fascismo, foram relatados no segundo capítulo da obra. Com o título de *L'ombra della guerra* (A sombra da guerra), ela recorda muitos episódios históricos que aconteceram

⁴⁸ Tradução nossa de “*Avremmo forse sottovalutato questa parte della storia che stavamo vivendo se non fossimo stati coinvolti più direttamente dalla partenza di nostro cugino Amleto, chiamato a conquistare lo “spazio vitale”. Passò da Roma già vestito da bersagliere, felice di andare in Africa e convinto che si sarebbe trattato di una breve avventura: quando tornò, era stato ferito ed era demoralizzato da quello che aveva visto laggiù. Noi vivemmo quell’esperienza seguendola sulla Domenica del Corriere, dove Achile Beltrame illustrava in copertina le azioni vittoriose dei nostri soldati. Consideravamo quell’impresa “un’aggressione a un popolo libero e sovrano”, così ci diceva il babbo, e scoprivamo in quelle illustrazioni tutta la violenza di un scontro impari tra un esercito fornito di armi micidiali, un’aviazione che vantava di essere la migliore del mondo e un popolo che, per difendere la propria sovranità, aveva un esercito mal organizzato, privo di aviazione e di armi moderne. Scoprivamo la ferocia di una guerra di rapina e affermavamo l’ingiustizia del colonialismo al quale Mussolini arrivava buon ultimo. La cosa che più ci colpì fu scoprire che la guerra era condotta anche contro la popolazione civile. Una sciagurata impresa che costò il sacrificio e l’eroismo inutile di molte giovani vite di soldati, illusi di conquistare con facilità la terra di un popolo orgoglioso della propria cultura e geloso della propria libertà”* (CAPPONI, 2009, p. 55).

durante os vinte anos de governo fascista e que foram decisivos para a vida da população italiana, como a própria guerra contra a Etiópia, na África, crise econômica, greves das fábricas e fome na Itália. Ela também menciona a ascensão do nazismo na Alemanha e a consequente aliança com a Itália, bem como o tema da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), pois houve a intervenção de vários países da Europa, inclusive da própria Itália, que apoiava o ditador Francisco Franco contra o povo espanhol; o primo Amleto, o mesmo da guerra da África, foi mandado para a Espanha, mas desta vez não como voluntário.

A relação da Guerra Civil Espanhola com Carla, ou o que faz a narradora acompanhar o conflito na Espanha, é o caráter popular que ele teve. Ela acompanhava as notícias da Espanha precariamente na rádio censurada pelo fascismo. Mais tarde, na Resistência, ela vai trabalhar ao lado de pessoas que foram para a Espanha ajudar a população na luta contra a ditadura, como Giacomo Pellegrini enviado pelo PCI ao lado de Celeste Negarville e Scotti (CAPPONI, 2009, p. 61). A Guerra Civil Espanhola serviu como espelho e experiência para os italianos. Esses acontecimentos também ajudaram Carla a construir sua própria visão a respeito do fascismo, tomando atitudes e posicionamento contrários a ele, muito embora sua família também tivesse a posição contrária e incentivasse o antifascismo de Carla, talvez ainda não pudessem imaginar sua militância.

Mesmo entendendo os riscos de se envolver com pessoas ligadas ao fascismo, Carla era uma garota no mínimo provocadora, que usava de uma suposta ingenuidade para se divertir às custas de quem apoiava e queria contar vantagem do envolvimento com o fascismo. No trecho abaixo acompanhamos o início da história em que, durante uma de suas férias, ela está obstinada a dar uma lição em quem agia com tal descaramento. Em sua narrativa ela relata que tentava parecer uma garota sem pretensões para o garoto que se demonstrava arrogante. A revolta acontece principalmente porque o tal garoto é um soldado que volta da guerra na Espanha ostentando suas conquistas:

Hávamos conhecido um jovem em licença por convalescença e descobrimos que era um veterano da Espanha, fanático fascista que à noite vinha frequentemente ao Kursaal em um colete de linho branco. Se vangloriava de empreendimentos heroicos, de fuzilamento de comunistas (...). Carregava sempre consigo uma pesada corrente de ouro com um crucifixo e um grosso anel brilhante (...) além do precioso Omega com pulseira de ouro. Exibir com tanta ostentação os seus "bens de guerra" nos irritava muito, mesmo porque não tinha vergonha de afirmar que eram

“recordações da Espanha” e, para nós, tocar no assunto da Espanha era como enfiar uma faca na carne. Assim, juramos a nós mesmas que na primeira ocasião o faríamos pagar e a ocasião não demorou a se oferecer (CAPPONI, 2009, p. 63)⁴⁹.

A vingança de Carla sobre a prepotência do soldado fascista não tarda a acontecer, pois segundo ela, o rapaz dá várias chances para isso acontecer, então ela conclui a história dando uma lição no moço e fazendo-o perder um dos presentes que ostentava. Nos trechos, está presente a ironia da narradora quando se refere aos pertences trazidos da Espanha como “recordações” e, fazendo referência às experiências do conflito, grifado por ela entre aspas como “belíssimas” experiências, pois sabemos que não é o que ela realmente acredita que seja:

Nos afastamos a uma certa distância da costa, demos vários mergulhos na água, em seguida nos colocamos a conversar convidando-o a contar as histórias “belíssimas” experimentadas por ele na Espanha. Perguntamos-lhe se era verdade que as coisas bonitas que levava eram “bens da guerra” e ele confirmou. Admiramos muito o anel e lhe pedimos para nos deixar ver: Flora colocou nela e depois passou para mim, enquanto me escorava com o anel no dedo, fingi perder o equilíbrio. Com um grito deixei cair a joia na água me apoiando com as mãos no assento para não cair (CAPPONI, 2009, p. 63)⁵⁰.

Depois disso, o rapaz tenta recuperar sua joia mergulhando e procurando, mas é inútil. Carla ainda debocha dele, dizendo que não fazia diferença, já que era uma das “conquistas de guerra”, portanto, não teria gastado nada. O jovem soldado ficou indignado, e as meninas nunca mais voltaram a vê-lo. Para a jovem Carla, esta é uma situação excitante, e é como se iniciasse seus trabalhos de sabotagem aos fascistas naquele momento. Novamente, o discurso leva o leitor a associar o comportamento juvenil à atividade adulta, como resultado de um amadurecimento.

⁴⁹Tradução nossa de *“Avevamo conosciuto un giovane in licenza di convalescenza e scoprimmo che era un reduce della Spagna, fanatico fascista che la sera veniva spesso al Kursaal in orpelli di lino bianco. Si vantava di imprese eroiche, di fucilazioni di comunisti (...). Portava sempre una pesante catena d’oro con un crocefisso e un grosso anello brillante (...) oltre a un prezioso Omega con bracciale d’oro. Exhibire con tanta ostentazione il suo “bottino di guerra” ci irritava molto, anche perché non aveva vergogna di affermare che erano “ricordi della Spagna” e, per noi, toccare il tasto della Spagna era come infilarci un coltello nelle carni. Così, giurammo a noi stesse che alla prima occasione gliel’avremmo fatta pagare e l’occasione non tardò a offrirsi”* (CAPPONI, 2009, p. 63).

⁵⁰Tradução nossa de *“Ci portammo a una certa distanza dalla riva, facemmo vari tuffi in acqua, poi ci mettemmo a chiacchierare invitandolo a raccontarci le storie “bellissime” da lui vissute in Spagna. Gli chiedemmo se era vero che le belle cose che portava erano “bottino di guerra” e lui lo confermò. Ammirammo molto l’anello e gli chiedemmo che ce lo facesse vedere: Flora se lo infilò poi lo passò a me e io, mentre mi pavoneggiavo con l’anello al dito, finì di perdere l’equilibrio. Con un grido lasciai cadere il gioiello in acqua appoggiandomi con le mani al sedile per non cadere* (CAPPONI, 2009, p. 63).

Logo que volta para Roma dessas mesmas férias, Carla e sua família se deparam com o que já se previa, a perseguição aos judeus; “(...) expulsão de todos os judeus dos escritórios públicos, das escolas, universidades e a proibição de exercer qualquer profissão e mesmo qualquer comércio” (CAPPONI, 2009, p. 64)⁵¹. Para a família de Carla isso era um verdadeiro absurdo e eles continuavam mantendo contato com amigos judeus. O médico da família, que continuava prestando serviço a eles, não podia nem mesmo assinar as receitas dos remédios.

Nesta época, durante o inverno, o pai de Carla estava ausente, pois foi transferido para exploração petrolífera na Albânia. A transferência foi uma espécie de punição pela recusa a um convite para sua inscrição no partido fascista, já que o chefe do governo havia dado a chance de se filiarem aqueles que eram combatentes merecedores da primeira guerra. Além de recusar, o pai de Carla responde dizendo que a única associação a que aderiria é a dos “*Uomini di azione cattolica*” (Homens da ação católica) (CAPPONI, 2009, p. 64). Essa situação é marcante para Carla, pois influencia na relação familiar. A família passa o ano de 1938 com o pai longe e a mãe tentando trazê-lo de volta, e para isso acaba se filiando ao partido por influência de amigos, mas escondido de seu marido. Quando seu pai retorna e descobre como conseguiu a transferência, o casal discute de uma forma que, segundo Carla, nunca havia acontecido antes.

Por volta de 1939 começam a ser anunciadas as primeiras notícias sobre a expansão alemã com a invasão da Polônia e ameaça aos outros países. Na casa de Carla começa a se falar sobre a ameaça de uma segunda guerra e qual seria a posição da Itália nela, no momento, imprevista, porém já esperada por conta da simpatia que Mussolini sempre demonstrava pela dominação alemã. Carla e sua família se mudam de Roma para Atina em 1940, quando a ameaça começa a se aproximar. A escolha da mudança tem dois motivos: “(...) primeiro, que meu pai foi encarregado de começar uma série de pesquisas sobre os hidrocarbonetos nas montanhas de Abruzzo; segundo, porque estávamos em guerra e ele queria nos afastar da cidade por medo dos bombardeios” (CAPPONI, 2009, p. 66)⁵². A partir daí

⁵¹ Tradução nossa de “...l'espulsione di tutti gli ebrei dagli uffici pubblici, dalle scuole, dalle università, e la proibizione di esercitare qualsiasi professione e persino qualsiasi commercio” (CAPPONI, 2009, p. 64).

⁵² Tradução nossa de “...la prima, che mio padre era stato incaricato di avviare una serie di ricerche sugli idrocarburi nelle montagne abruzzesi; la seconda, che eravamo in guerra e lui voleva allontanarci dalla città nel timore dei bombardamenti” (CAPPONI, 2009, p. 66).

Carla vê a guerra de perto e o medo de algum bombardeio iminente durante uma viagem de trem é presença constante.

Logo no início da guerra o pai de Carla morre. A notícia é bem marcante e mais uma vez aparece a detalhista narradora Carla, narrando como foi dada a notícia desde o momento em que ela e seus irmãos são acordados de repente com a informação de que seu pai sofrera um acidente na mina e seu estado era grave. Os filhos são levados ao seu encontro e, no caminho, durante uma parada, apenas Carla é avisada de que na verdade seu pai já estava morto e é dela a responsabilidade de contar aos seus irmãos. Neste momento da narrativa é interessante a maneira como Carla conta. A narração é mais detalhada, contando passo a passo desde a chegada de um engenheiro e um inspetor do partido fascista de madrugada em sua casa, a notícia propriamente dita, até o cortejo fúnebre. A ocasião é clara para Carla, porém ela se lembra de que foi um momento tão conturbado que sua memória falha ao lembrar sobre o caminho que percorreram para chegar até seu pai:

Não eram nem seis da manhã quando bateram na porta. Corri para abrir, ansiosa, e me deparei de frente com o engenheiro Visocchi e, atrás dele, Valiani, o inspetor dos fascistas que tinha nos ajudado a trazer meu pai de volta da Albânia. Assim que entraram, nos disseram que havia acontecido um acidente com nosso pai na mina e que mamãe o havia alcançado em Morniano: nós deveríamos ir rapidamente com eles para ver papai no hospital. (...) Estávamos tão desorientados e pensativos que não perguntamos nem mesmo para onde estávamos sendo levados: não lembro quais estradas pegamos nem quais cidades atravessamos, recordo apenas que em certo ponto Piero se sentiu mal e que nos fez parar (...). Flora o levou até um pinheirinho para fazê-lo caminhar e acalmar do mal estar que o carro ou talvez a angústia lhe tivesse provocado. O engenheiro Visocchi, que tinha me agarrado pelo braço prendendo-me ao carro, esperou que os meus irmãos se distanciassem para me dizer que meu pai já estava morto e que cabia a mim encontrar o modo e o momento mais oportuno para anunciá-lo aos meus irmãos. Embora eu tivesse pensado o pior, a inexorabilidade daquela notícia me deixou presa à consternação e fui invadida por um tremor interno e uma sensação de mal estar físico; o próprio Visocchi, percebendo a minha palidez, procurou me encorajar, mas naquele mesmo momento Flora se aproximava de nós com Piero que a seguia pulando sobre a grama. Piero subiu no carro e na minha vez segurei Flora pedindo-lhe para não dar sinal de desespero porque não queria assustar Piero, mas por aquele preâmbulo ela já havia entendido (CAPPONI, 2009, p. 37)⁵³.

⁵³ Tradução nossa de “*Non erano ancora le sei quando suonarono alla porta. Corsi ad aprire, e mi trovai di fronte l’ingegner Visocchi e, dietro lui, Valiani, l’ispettore dei faci che ci aveva aiutato a far ritornare mio padre dall’Albania. Appena entrati, ci dissero che era successo un incidente a nostro padre in miniera e che la mamma lo aveva raggiunto a Morniano: noi avremmo dovuto andare subito con loro in macchina per raggiungere papà all’ospedale. (...) Eravamo talmente disorientati e penserosi che non chiedemmo neppure dove fossimo diretti: non ricordo quali strade predemmo né*

A angústia da morte de seu pai e a pressão que ela passa ao tentar encontrar uma forma de contar sobre morte aos irmãos provoca em Carla um silencioso mal estar, em que ela não encontra palavras para dar tal notícia, uma característica do trauma que acabara de passar.

Era de seu pai que vinha a principal fonte de renda da família. Quando ele falece, a família volta a Roma com a situação econômica precária e algumas dívidas, então sua mãe decide vender alguns vasos etruscos e um relógio de pêndulo, que lhes renderam algum dinheiro. Esta fase da vida de Carla é delicada, a família não tinha uma renda fixa e passaram por um difícil inverno à procura de trabalho, porém não tinham qualificação. Carla teve alguns empregos antes de encontrar um em que utilizou sua qualificação de datilógrafa e se tornou fixa no local em que começou para substituir sua irmã que havia se casado. Carla conta bastante sobre sua experiência de trabalho e como se sentia insegura e perdida achando que o modo com que fora educada influenciou na sua falta de sistematização e disciplina para o trabalho.

Esses são os relatos e confissões que Carla faz no segundo capítulo que se constitui de uma introdução da Guerra de modo geral, antes da experiência italiana. No mesmo capítulo ela inclui também as experiências pessoais no fascismo italiano, bem como a morte do seu pai e a primeira reviravolta em sua vida, terminando com um tom de maturidade e crescimento da narradora nesta fase da vida, representando a passagem da autora para o mundo adulto. O capítulo termina com passagens emocionantes da lembrança da morte de seu pai e momentos reflexivos com sua mãe. O fato que desencadeou o episódio começa em casa: ao passar pela lareira ela vê sua mãe queimar algumas cartas da época de namoro, ela a repreende com o argumento de que estaria destruindo a memória de seu pai e, por

quali paesi attraversammo, ricordo solo che a un certo punto Piero si sentì male e che ci fermammo (...) Flora lo portò verso una pinetina per farlo camminare e calmare il malessere che la macchina e forse anche l'angoscia gli avevano procurato. L'ingegner Visocchi, che mi aveva afferrato per il braccio trattenendomi vicino alla macchina, attese che i miei fratelli fossero distanti per dirmi che mio padre era già morto e che spettava a me trovare il modo e il momento più opportuni per annunciarlo ai miei fratelli. Malgrado avessi pensato al peggio, l'inesorabilità di quella notizia mi lasciò in preda alla costernazione e fui invasa da un tremore interno e da un senso di malessere fisico; lo stesso Visocchi, accortosi del mio pallore, cercò di farmi coraggio, ma proprio in quel momento Flora ritornava verso di noi con Piero che la seguiva saltellando tra l'erba. Piero salì in macchina e a mia volta Trattenni Flora pregandola di non dare segno di disperazione perché non volevo spaventare piero, ma già da quel preambolo lei aveva capito" (CAPPONI, 2009, p. 67).

consequência, de sua família. Há uma discussão entre as duas, pois a visão de sua mãe é diferente: aquelas memórias diziam respeito apenas ao casal, portanto, agora era ela quem determinava o que fazer com as memórias.

Realmente, cada um tem sua forma de lidar com a memória pessoal. O que para Carla poderia ser o apagamento da memória, para sua mãe era um modo de libertação do sofrimento, porém suas memórias permaneciam com ela. As últimas frases do capítulo fazem referência ao seu pai. Carla reproduz uma fala de sua mãe que relembra o caráter do marido enquanto as lembranças queimam: “Era um grande sonhador e em todos esses anos me fez viver no sonho. Vocês também devem a ele os primeiros anos da felicidade de vocês” (CAPPONI, 2009, p. 74)⁵⁴.

O terceiro capítulo começa a tratar da guerra, das resoluções dentro da Itália e da Resistência. A inspiração é uma reminiscência das perdas que aquela época trouxe:

A guerra dispersou nossos companheiros de escola, os amigos das férias e aqueles que tinham capturado o nosso coração: aqueles na Grécia, aqueles no mar, aqueles na URSS. A perda mais dolorosa foi aquela dos meus amigos judeus, e deles sobrou um sentimento perene de vazio (CAPPONI, 2009, p. 75)⁵⁵.

Neste capítulo, intitulado *Estate 1943* (Verão de 1943), podemos ter uma prévia de que a situação só pioraria para a Itália e sua relação com a guerra. É nesta fase que as resoluções sobre a posição da Itália se estabelecem e ela é invadida e constantemente atacada pela Alemanha. Antes de adentrar nos fatos, Carla descreve sua rotina doméstica e de trabalho, principalmente durante o inverno rigoroso em que ela assumia as atividades pesadas ou que lidavam com água gelada, como nos serviços de lavanderia. Para poupar sua mãe, já idosa, do sofrimento, Carla se antecipava e fazia esses trabalhos bem cedo, antes de sua mãe.

As cidades se encontravam em crise e desorganizadas, a população sofria com a falta de alimentos e a má distribuição deles. Carla conta que dormiam com

⁵⁴ Tradução nossa de “Era un grande sognatore e in tutti questi anni mi ha fatto vivere nel sogno. Anche voi gli dovette i primi anni di felicità della vostra infanzia” (CAPPONI, 2009, p. 74).

⁵⁵ Tradução nossa de “La guerra disperse i nostri compagni di scuola, gli amici delle vacanze e quelli che avevano catturato il nostro cuore: chi in Grecia, chi in mare, chi in URSS. La scomparsa più dolorosa fu quella dei miei amici ebrei, e di loro mi è rimasto un sentimento perenne di vuoto” (CAPPONI, 2009, p. 75).

batatas debaixo da cama e consideravam este alimento precioso, mas mesmo tendo pouco em sua casa, elas mantinham o instinto assistencial. Foi assim quando se deparou com uma jovem no cinema. Logo ela percebe que a moça estava com péssimo semblante e não conseguia se sustentar na poltrona. A certa altura ela aborda a moça que acaba revelando que não comia desde a noite anterior e saiu de casa por ter sido agredida pelo pai. Carla ajudou como pôde, alimentou a jovem, levou-a para sua casa, deu banho e roupa. Ao levar a garota de volta para casa, convencida por sua mãe, percebe a precariedade do lugar onde a moça morava. A fome e o descaso com a população já não podiam mais ser velados pelo governo.

Neste período, uns meses antes da queda do fascismo, além do problema da perseguição aos judeus, também houve perseguição aos jovens, que eram convocados a se alistar no exército fascista. Esses motivos levavam muitas pessoas a tentar se camuflar, se esconder e até trocar de identidade. Nas ocasiões em que Carla se depara com situações como estas, ela ajuda até os desconhecidos, na rua ou também levando-os para sua casa a fim de protegê-los, mesmo antes de entrar para a Resistência. É o que acontece quando aparece na sua casa um policial desertado pelo comando alemão, muitos nessa ocasião fugiram por conta das prisões e deportações. Sua mãe e ela ajudam o rapaz a mudar de roupa, tirando o uniforme para não ser reconhecido, e posteriormente na fuga (CAPPONI, 2009, p. 115).

Outra manifestação da boa vontade de Carla durante a guerra foi num período de tensão, entre a queda do fascismo e o armistício, quando vai visitar sua irmã para buscar alimentos e se depara com uma situação dentro do trem em que está. O trem é parado por policiais para revista, pois na ocasião era necessário um documento para locomoção, Carla tinha o documento, e um garoto judeu e sem a concessão recorre a ela. A narradora conta que se arrisca e faz o menino passar por seu irmão dando seus dados e inventando uma idade aproximada, o feito é concluído a contento e os dois seguem viagem (CAPPONI, 2009, p. 91). Esses gestos que Carla faz questão de recordar, e recorda com muito apreço, servem para ilustrar o seu caráter solidário e sua percepção sobre as dificuldades da época. Ela parecia ter consciência de que a situação não era agradável para ninguém que vivia sob aquele sistema e devia fazer algo, mesmo que fosse difícil e arriscado para ela. A narrativa, que retoma o fato ocorrido muitos anos antes da composição do relato,

reconforta a narradora e determina os episódios de sua educação interior, que justificam as atitudes tomadas durante a Resistência.

Antes de entrar para a Resistência, Carla mantinha uma vida cultural regular em Roma, e um de seus *hobbies* era ir ao cinema. Em 1943 Carla Capponi assistia em um cinema de Roma a pré-estreia da obra cinematográfica *Ossessione* (Luchino Visconti, 1943), considerada por muitos a primeira obra neorrealista. O filme foi recomendado por uma vizinha que ajudara na montagem do filme do então jovem diretor Luchino Visconti. Segundo ela, a obra cinematográfica foi acolhida com risos e deboches na sala cheia de belíssimas e bem vestidas senhoras e autoridades uniformizadas, ela se considerava a única naquela sala de cinema capaz de aplaudir o filme (CAPPONI, 2009, p.78). Pudemos notar, pelas reações descritas por Carla nas salas de cinema, que de início o neorrealismo não tinha tanta aprovação do público, pois os espectadores preferiam ver nas telas a representação da alta sociedade e cenas com bastante *glamour*. O novo modelo de cinema inaugurado por *Ossessione* começa a representar o proletário e a realidade dele, bem como as regiões mais pobres do país. O neorrealismo italiano surge da mobilização dos diretores de cinema da época, contra o governo, pois queriam mostrar a realidade da Itália. O cinema dessa época, principalmente as obras produzidas logo após o fim da Segunda Guerra, tanto ajuda a visualizar a devastação no país como denuncia a barbárie.

Como o capítulo enfatiza os acontecimentos do verão de 1943, é oportuno para que Carla conte sobre a recepção e consequência do anúncio do oito de setembro, a queda do fascismo e todos os desdobramentos da situação italiana que resultaram na sua decisão em entrar para a Resistência. Uma sucessão de acontecimentos culmina no oito de setembro e os católicos, comunistas e socialistas já começaram a se organizar logo após a data. Em 14 de julho de 1943 acontece o primeiro bombardeio, em San Lorenzo, um bairro de Roma. Carla ajuda na recuperação das vítimas até dia 25 do mesmo mês, mesmo dia em que recebe a notícia da queda do fascismo e todos na cidade comemoram na Praça Veneza.

No trecho a seguir, podemos ilustrar a euforia e imprecisão da ocasião. Logo após esse episódio, Carla é convidada a ceder sua casa para uma reunião dos católicos:

Em casa foram vários telefonemas para os amigos, e começamos a enfrentar as primeiras reflexões porque, passada a euforia, nos recordamos que ainda estávamos em guerra, que os alemães estavam na nossa casa e que o futuro era uma incógnita angustiante (CAPPONI, 2009, p. 80)⁵⁶.

Como já sabemos, por conta da revisão histórica que fizemos no primeiro capítulo, a partir daí, assume o General Badoglio com a decisão da continuação da guerra e ele fica no poder por quarenta e cinco dias.

Os membros integrantes que restaram na cidade ordenaram que os antifascistas que saíram durante o fascismo voltassem. As reuniões aconteciam na casa de Carla, como mencionamos. No início elas eram sigilosas até para a própria dona da casa. Carla ficava tocando piano, enquanto os comunistas se reuniam na sala de jantar. Lá eles discutiam o último número do jornal *L'unità*. A essa altura Carla continua trabalhando, mas se vê cada vez mais envolvida com o movimento, sua vida começa a ficar mais agitada em relação à primeira parte de seu livro, quando não tinha preocupações com seu sustento e de sua família e nem envolvimento com as questões políticas, e isso reflete em sua narrativa.

Antes, porém, de começar a Resistência efetivamente, Carla vai passar uns dias na praia. Ao conseguir dispensa no trabalho, ela vai de bicicleta até a praia, quando chega lá descobre que já não se pode mais tomar banho de mar. A caminho ela já percebe algo de estranho, como se tivesse a sensação de que o que era para ser um descanso se tornaria uma depressão, e a passagem também é bastante representativa, pois parece uma busca de Carla pela liberdade e paz que conseguia perto do mar e que agora já não pode ter mais. De fato, nesta ocasião na praia por algumas vezes ela é repreendida por alguns oficiais que tentam retirá-la dali de uma forma agressiva.

Em outra passagem em que Carla se ausenta de Roma está uma viagem que ela faz até Pesaro para visitar sua irmã e também conseguir mantimentos para sua família, é o único registro que faz sobre sua irmã depois que Flora se casa. No trem, alguém se arriscava falando abertamente sobre a libertação da Rússia, as repressões políticas na Europa e que era hora de dar um basta. Todos ficaram quietos, inclusive Carla que não se atreve a dar sua opinião. Ao chegar à cidade de sua irmã, é recepcionada pelo seu cunhado que é militar e, ao conversar com Flora,

⁵⁶ Tradução nossa de “*A casa fu tutto un telefonarsi con gli amici, e cominciammo ad affrontare le prime riflessioni perché, passata l'euforia, ci ricordammo che eravamo ancora in guerra, che i tedeschi erano in casa nostra e che il futuro era un'incognita angosciosa*” (CAPPONI, 2009, p. 80).

Carla percebe que há algo de estranho na vida daquele casal, nem Carla nem sua irmã mencionam, mas ela sente que possivelmente há diferenças no pensamento político do casal, por conta da tradição antifascista da família de Flora (CAPPONI, 2009, p. 90), esse é um dos únicos momentos da narrativa em que a narradora toca na relação entre sua irmã e o marido, demonstrando um certo incômodo.

O anúncio do armistício em oito de setembro aparece em um subtítulo e é um dos últimos tópicos do terceiro capítulo de *Con cuore di donna*. Carla recebe a notícia pela rádio, EIAR (*Ente Italiano per la Audizioni Radiofoniche*) na época, e o comunicado é dado pelo marechal Pietro Badoglio. De certa forma o armistício trouxe um otimismo de imediato, porém com previsões não tão positivas para o futuro, todos sabiam dos riscos daquela decisão:

Apesar do otimismo que o anúncio do armistício tinha nos transmitido, podíamos só formular previsões dramáticas para o futuro. Minha mãe não conseguia pegar no sono, pela experiência de uma guerra sofrida por quatro anos (CAPPONI, 2009, p. 96)⁵⁷.

Nesse momento algumas pessoas já saíam às ruas para pedir apoio da população. As pessoas eram convidadas a lutar com os combatentes e a essa proposta Carla responde prontamente:

(...) A um certo ponto ouvimos vozes subir da rua Magna Napoli e vimos aparecer um grupo de civis armados com fuzis no ombro, voltados para as nossas janelas: nos convidavam a descer para levar ajuda aos militares que combatiam. Àquele convite pensei que eu também poderia ser útil em um lugar onde se combatia: “Eu vou” disse à minha mãe. “Você está louca! Mas o que uma mulher vai fazer? Aquele convite é voltado aos homens” “Vou ver. Mulheres e homens serão úteis”. Alcancei o pequeno grupo e me foi dito que iriam à Ostiense, onde morava um deles que veio procurar ajuda (CAPPONI, 2009, p. 96)⁵⁸.

Carla se empolga com o convite e com a proposta de ajudar e de repente se coloca na luta. Um grupo seguia para a basílica de San Paolo, um grupo de

⁵⁷ Tradução nossa de “*Malgrado l’ottimismo che l’annuncio dell’armistizio ci aveva trasmesso, non potevamo che formulare previsioni drammatiche per il futuro. Mia madre non riusciva a prendere sonno, l’esperienza di una guerra sofferta per quattro anni*” (CAPPONI, 2009, p. 96).

⁵⁸ Tradução nossa de “(…) *A un certo punto, sentimmo voci salire da via Magna Napoli e vedemmo comparire un gruppo di civili armati con fucile a tracolla, rivolti alle nostre finestre: ci invitano a scendere per portare aiuto ai militari che combattevano. A quell’invito pensai che anch’io avrei potuto essere utile in un luogo dove si combatteva: <<Io vado>> dissi a mia madre. <<Ma sei matta! Ma che ci va a fare una donna? Quell’invito è rivolto agli uomini.>> <<Vado a vedere. Donne e uomini saremo tutti utili.>> Raggiunsi il gruppetto e mi dissero che erano diretti a Ostiense, dove abitava uno di loro che era venuto a cercare aiuto*” (CAPPONI, 2009, p. 96).

mulheres também seguiu até lá. O local parecia um pouco desorganizado, com militares e uma fila de soldados mortos trazidos e ali expostos. Enquanto algumas pessoas tentavam ajudar, alguns oficiais dispersavam a multidão dizendo que os alemães estavam chegando.

O quarto capítulo do livro leva o nome de *Roma città aperta e nascita dei GAP* (Roma cidade aberta e o nascimento dos GAP). Nele constam reproduzidos alguns documentos importantes como a proclamação feita pelo Feldmarciallo Kesserling em que sanciona dez ordens alemãs que vigorariam na Itália a partir de 11 de setembro de 1943, dia da proclamação. O texto é uma mensagem aos italianos informando que a partir de então o território italiano estava sob o domínio alemão e que as leis que vigorariam seriam as leis nazistas e quem as descumprisse seria julgado segundo as leis do fascismo.

Logo depois das regras está a reprodução do discurso de Concetto Marchesi, para o corpo acadêmico e aos estudantes de Padova para o ano letivo de 1943-1944, em que ele critica a situação do país dizendo que os homens destruíram a juventude e a pátria. No discurso ele aposta na juventude como força para a mudança e tenta motivar os estudantes a reagirem. “(...) façam ressurgir o vosso batalhão, liberem a Itália da infâmia, agreguem ao lábaro da vossa universidade a glória de uma nova decoração maior nessa batalha suprema pela justiça e pela paz no mundo” (MARCHESI *apud* CAPPONI, 2009, p. 106)⁵⁹. Os dois textos constituem uma forma de Carla documentar a história em seu livro e também de contrapor as duas formas de manifestos: a primeira em forma de ordens fascistas, a segunda em forma de discurso motivacional antifascista e estímulo para a luta.

Neste capítulo e a essa altura da História, a organização da Resistência em Roma está se consolidando, agora mais do que nunca Carla está envolvida com a militância, já é uma *partigiana* e escolhe seu nome de guerra: Elena. Quem lhe atribui este nome é Adele Bei, militante da Resistência feminina com quem Carla se relaciona e trabalha durante a Resistência. Adele escolhe o nome em um momento que não quer expor a verdadeira identidade de Carla, depois explica que pensou na mais bela mulher da Grécia.

⁵⁹ Tradução nossa de “... fate risorgere i vostri battaglione, liberate l'Italia dalla igominia, aggiungete al labaro della vostra università la gloria di una nuova più grande decorazione in questa battaglia suprema per la giustizia e per la pace del mondo” (MARCHESINI *apud* CAPPONI, 2009, p. 106).

Este curto capítulo dá conta da formação *partigiana*, as primeiras organizações do GAP, grupo do qual Carla participava, com projetos de ataques e uma espécie de treinamento para a luta. Eles já preparam uma ação que é uma tentativa de insurreição e provável ruptura do *front* para contato com os aliados, essa ação se denominava “*ora X*”.

Como sabemos, as reuniões das ações ocorriam na casa de Carla. Para terem a permissão para entrar, os *partigiani* usavam uma senha de ingresso: *arcangelo*. Segundo os membros do grupo, a senha ia bem para os católicos e comunistas, por ser representativo para os católicos e para os comunistas lembrava um porto da Europa Setentrional. Além das reuniões, organização das mulheres e uma espécie de depósito do jornal *L’Unità*, a casa de Carla também armazenou por um tempo as armas do GAP.

A primeira ação que a narradora recorda de ter organizado é o atentado contra o superintendente Caruso, representante fascista em Roma. A ação não chega a ser concluída, porém a função de Carla de descobrir a rotina do político, sim. Apesar de ser corajosa, Carla ainda não havia matado ninguém e essa sensação ela tenta definir. Parece que neste momento Carla chega a ponderar sobre a sua militância e, mesmo que ela pudesse escolher executar ou não sua ação, se sentiria culpada por não conseguir ajudar, mas por outro lado desponta uma característica da natureza humana em que ela demonstra responsabilidade por uma vida. Na ocasião ela não consegue completar a missão com o superintendente:

“[...] sentia nascer dentro de mim uma infelicidade, uma incerteza repentina, como se a minha personalidade se desdobrasse e eu me sentisse prisioneira de uma situação irremediável da qual não podia fugir, mesmo tendo escolhas e que eu mesma as determinasse” (CAPPONI, 2009, p. 111-112)⁶⁰.

Nesta fase de formação do GAP durante a Resistência, muitos procedimentos eram uma incógnita, o grupo ainda precisava de mais organização, planejamento, uma coisa para eles era certo: a forma de se protegerem seria atacando diretamente para desestruturar os representantes e as tropas dos exércitos inimigos, esse empreendimento deu certo e parece que o inimigo não esperava uma ação tão instantânea e direta.

⁶⁰ Tradução nossa de “... *sentivo nascere dentro di me un’infelicità, un’inceteza improvvisè, come se la mia personalità si sdoppiasse e io mi sentissi prigioniera di situazioni irremediabili alle qualli non potevo sfuggire, pur avendole scelte e determinate io stessa*” (CAPPONI, 2009, p. 111-112).

No trecho reproduzido abaixo percebemos as ações organizadas de forma que eles cumpram o objetivo de intimidar o inimigo que se mostra tão despreparado. Carla chega a comparar os fascistas com crianças desajeitadas, não querendo diminuir os pequenos com sua comparação. A menção que ela faz aos fascistas tem um tom zombeteiro e dá um certo humor à narrativa, deixando-a momentaneamente um pouco mais leve e demonstrando que os inimigos também não tinham tanta segurança e preparo:

O mês de outubro acabou e já se contavam os resultados da presença ativa dos GAP. Mais de trinta ações tinham forçado os fascistas a passar com prudência pelas ruas de Roma: muitos começaram a vestir um impermeável para se esconder e aqueles que não podiam fazer por motivos de serviço estavam a tal ponto armados com granadas, revólver, metralhadoras e cartucheiras penduradas, parecendo ridículos, desajeitados como crianças de máscara, não menos importante por causa da sua juventude (CAPPONI, 2009, p. 125)⁶¹.

Com os fascistas atentos e armados por conta dos ataques do GAP, os integrantes do grupo procuravam se proteger. Carla também tinha vontade de estar com o grupo ativamente nos ataques e não só como uma presença teatral para não despertar suspeitas de que o grupo está preparando alguma ação; sua pretensão era se armar para se proteger e atuar nas ações. No trecho abaixo, ela confessa a vontade de se armar e a subestimação da figura feminina pelo grupo. De certa forma essa subestimação estimula Carla a mostrar do que era capaz:

Eu também queria arranjar para mim uma arma que era constantemente negada pelos companheiros do GAP porque, segundo eles, nós mulheres devíamos nos limitar a mascarar a presença deles nos lugares dos ataques fingindo ser suas namoradas: estavam convencidos que, assim, corriam menos riscos (CAPPONI, 2009, p. 125)⁶².

Como consequência dessa negação, ela conta que conseguiu roubar uma arma em um ônibus. A arma era de um jovem da GNR (Guarda Nacional

⁶¹ Tradução nossa de *“Il mese di ottobre finì e già si contavano i risultati della presenza dei GAP. Più di trenta azioni avevano costretto i fascisti a girare con prudenza per le strade di Roma: molti cominciarono a indossare un impermeabile per nascondersi e quelli che non potevano farlo per motivi di servizio erano talmente armati di bombe a mano, revolver, mitra e cartucchiere a tracolla, da apparire ridicolo, goffi come bambini in maschera, non da ultimo per la loro giovinezza”* (CAPPONI, 2009, p. 125).

⁶² Tradução nossa de *“Anch’io volevo procurarmi un’arma che mi veniva costantemente negata dai compagni dei GAP perché, secondo loro, noi donne dovevamo limitarci a mascherare la loro presenza nei luoghi degli attacchi fingendo di essere le fidanzate: erano convinti che, così, avrebbero corso meno rischi”* (CAPPONI, 2009, p. 125).

Republicana) e assim detalha sua própria ação que desempenha sozinha, mesmo estando na presença de Bentivegna, correndo o risco de ser descoberta por algum oficial ou ser repreendida pelo GAP: “A multidão era tanta que aproveitei para me agitar o quanto fosse possível naquele pequeno forte de armas, de repente fui tentada pela ideia de passar a Beretta do seu cinturão para o bolso da minha jaqueta” (CAPPONI, 2009, p. 125)⁶³. A reconstrução desta cena nos causa uma certa tensão, pois a ocasião é arriscada e ela chega a ser vista por um passageiro e precisa ter firmeza para intimidá-lo até o ponto em que deve parar.

Neste capítulo, em meio às exposições da rotina e dos acontecimentos no GAP, há uma rápida passagem que nos contextualiza sobre a situação de Roma, lembrando que depois do anúncio do oitavo de setembro o partido fascista foi refeito e voltava a comandar o centro-norte da Itália. Roma também começava a receber muitos refugiados das outras cidades que sofriam mais com bombardeios e repressões nazistas. Roma, como sabemos, tinha acesso livre, portanto era mais fácil chegar até ali. O capítulo também recapitula as perseguições que se iniciaram logo após as ocupações quando os judeus eram levados para o gueto.

As primeiras ações com o GAP de grandes proporções, e a relação de Carla com o grupo são narradas no quinto capítulo, *Prime azioni con i GAP* (Primeiras ações com os GAP). Nele, Carla detalha os primeiros ataques do grupo, e quando ela expressa sua vontade de participar de ações ao invés de ser apenas colaboradora, estabelecendo contato e como informante, nesta ocasião ela é repreendida e estimulada a permanecer com suas atividades.

Alguns ataques organizados pelo grupo romano não saem como o esperado, como o ataque ao cinema Barberini que, na primeira tentativa, a ação não é concretizada e tem uma nova data para o ataque. O cinema foi escolhido, pois exibia grandes espetáculos prestigiados pela alta hierarquia nazista. A nova data para o ataque se estabelece, 18 de dezembro de 1943, e utilizariam o mesmo método de antes: “(...) a bicicleta, a bomba de fragmentação para detonar no lugar em meio aos militares que saíam do cinema” (CAPPONI, 2009, p. 146)⁶⁴. Os sucessos das ações

⁶³ Tradução nossa de “*La ressa era tale che ne approfittai per stringermi il più possibile a quel piccolo fortino di armi, e subito fui tentata dall’idea di far passare la Beretta dal suo cinturone alla tasca della mia giacca*” (CAPPONI, 2009, p. 125).

⁶⁴ Tradução nossa de “*...la bicicletta, e lo spezzone da innescare sul posto in mezzo ai militari che uscivano del cinema*” (CAPPONI, 2009, p. 146).

do GAP sempre geravam punições, antes deste primeiro grande ataque já existia o toque de recolher; depois do ataque, os horários do toque ficam ainda mais severos, as permissões para circular depois do horário estabelecido pelo toque de recolher ficariam inválidas, as circulações em zonas militares também ficaram restritas (CAPPONI, 2009, p. 149).

Neste capítulo a presença de Paolo, que é bastante recorrente na obra, é narrada de forma diferente daquela das ações, há uma ternura no modo de narrar. Paolo é o nome de batalha de Rosario Bentivegna. Eles começam a se aproximar na casa de Carla durante os encontros do GAP e se casam em 1944. O nome de Rosario, às vezes Paolo, é um dos que mais aparecem na narrativa, podemos perceber isso claramente, pois ele aparece em todas as ações com Carla e no índice de nomes no final do livro com muitas referências. Na conversa que aproxima o casal, ela descobre que o homem, protagonista de várias ações, é um apreciador de poesia e eles passam a trocar informações sobre os livros lidos. Chama atenção a forma sutil com que ela se refere a Rosario Bentivegna e a relação que tinha com ele. Na realidade, esse é o único momento em que ela sugere que há algum interesse pessoal entre eles, que ainda assim é disfarçado pelo interesse literário que os dois tinham em comum. Após isso eles sempre aparecem juntos em ataques e ocupados com os assuntos da Resistência:

Falávamos entre nós em voz baixa como dois apaixonados. Nos conhecíamos pouco, não sabíamos quase nada deste Paolo que, no dia em que chegou na nossa casa, meu irmão tinha confundido com um policial por causa do chapéu que usava na cabeça. Com o passar do tempo me falou do seu amor pela poesia: soube assim que, além da paixão política e o antifascismo, tínhamos em comum também o gosto pela poesia e pela narrativa isso deixava sua companhia mais agradável (CAPPONI, 2009, p. 135)⁶⁵.

Com o grupo já formado e cada um ciente de suas atividades, o GAP e os outros grupos antifascistas sempre levaram muito a sério o papel de cada um dentro do grupo e também a sua descrição. Parte da formação do GAP bem como o retrato da família de Carla é mostrada no meio do capítulo com fotografias da formação do

⁶⁵ Tradução nossa de *“Parlavamo tra noi sottovoce come due innamorati. Ci conoscevamo poco, non sapevo quasi nulla di questo Paolo che, il giorno in cui era arrivato a casa nostra, mio fratello aveva scambiato per un poliziotto a causa del cappellaccio che portava in testa. Per passare il tempo mi parlò del suo amore per la poesia: seppi così che, oltre alla passione politica e all’antifascismo, avevamo in comune anche il gusto della poesia e della narrativa e questomi rendeva la sua compagnia più gradevole”* (CAPPONI, 2009, p. 135).

grupo, dos pais e da irmã da autora. Também encontramos nessas fotos a Roma de 1943 nas datas mais importantes como o 25 de julho e 9 de setembro, um dia depois do anúncio do armistício e ainda fotos de civis combatentes, camponeses sendo fuzilados, cópia de circulares nazistas e do jornal *L'Unità* e também os informes e fotos de objetos utilizados no atentado a via Rasella, como o carro de mão. Esses materiais presentes na obra funcionam na narrativa como ilustrações documentais.

O episódio do cinema Barberini teve consequências e como resposta o grupo ataca o corpo de guarda alemão Regina Coeli. Durante este ataque Paolo e Carla deram cobertura a Giovanni (Mario Fiorentini), sempre presente nas ações importantes. A ação acontece no mesmo formato do cinema e o resultado são cinco mortos e muitos feridos. Os alemães reagem impedindo o uso de bicicleta em Roma e aumentando o horário do toque de recolher, restringindo a circulação na cidade a partir das 19h. Desse modo as autoridades tentavam inibir as movimentações e a organização do grupo, levando a população a pensar que esses ataques eram de natureza terrorista.

O fim do capítulo é marcado pelo final de 1943 e a virada para o próximo ano. Carla aproveita a ocasião para fazer um pequeno balanço daquele período fortuito:

Assim o ano acabava. Um ano trágico que tinha mudado a minha vida e tinha sido denso de fatos extraordinários e terríveis. A guerra havia tornado cruel o conflito, mas havia uma esperança que se insinuava na alma, sugerida pelos eventos, e era que a queda da ditadura nazista seguiria um breve prazo em relação ao fascismo, ocorrido em 25 de julho. As primeiras derrotas, na África e em Stalingrado, assinalavam o início deste irrestringível evento. Não pensávamos que levaria dois anos antes do fim da guerra: os Aliados estavam bloqueados em Cassino, mas a esperança do rompimento daquele frente nos dava coragem e determinação para agir (CAPPONI, 2009, p. 154)⁶⁶.

Muitos membros do grupo passaram o ano novo na casa de Carla, e sua mãe preparou uma modesta confraternização e, embora tenham tido uma trégua, depois da virada do ano as perseguições e prisões voltam a acontecer. As esperanças de ano-novo são deixadas um pouco de lado quando se tem a notícia de que um padre

⁶⁶ Tradução nossa de “*Così l'anno finiva. Un anno tragico che aveva cambiato la mia vita ed era stato denso di fatti straordinari e terribili. La guerra aveva incrudelito il conflitto, ma c'era una speranza che s'insinuava nell'animo, suggerita dagli avvenimenti, ed era che il crollo della dittatura nazista avrebbe seguito a breve termine quello del fascismo, avvenuto il venticinque luglio. Le prime disfatte, in Africa e a Stalingrado, avevano segnato l'inizio di questo inarrestabile evento. Non pensavamo che ci sarebbero voluti ancora due anni prima della fine della guerra: gli alleati erano bloccati a Cassino, ma la speranza della rottura di quel fronte ci dava coraggio e determinazione ad agire*” (CAPPONI, 2009, p. 154).

e depois alguns membros foram presos sob acusações de espionagem, tráfico de armas e por refugiar fugitivos e desertores militares do exército.

Com a entrada do novo ano as tropas aliadas desembarcam em Anzio e avançam em direção ao norte. Anzio era um lugar com poucos nazistas, então as tropas puderam permanecer ali por algum tempo. Os aliados pretendiam avançar no fronte de Cassino, chegar a Roma e lá liberar a cidade, proteger das destruições a sua infraestrutura e dos saques as obras de arte. Na época, além da cidade em si, a cultura também sofreu muitos prejuízos. Os antifascistas do CLN se dispuseram a ajudar e até a trabalhar juntos com os aliados a fim de uma insurreição que intimidasse e acabasse de vez com a opressão alemã.

3.3 A clandestinidade, as ações *partigiane* e a liberação de Roma

Há um capítulo em que trata do desembarque dos aliados em Anzio no início de 1944, intitulado *In clandestinità* (Na clandestinidade). Nele Carla e alguns companheiros entram em clandestinidade total, como ela denomina, pois já era consideravelmente clandestina. Ela precisou se distanciar de Roma e até sua mãe entra em clandestinidade parcial por desconfiarem do uso de sua casa para as conspirações. Logo no início do capítulo, ela conta uma situação de ataque liderada por ela. Nesta ocasião, Carla e Paolo colocaram bombas em um edifício na rua Po, o endereço era uma pensão ocupada pelo Comando territorial alemão. Outros membros também ajudavam dando cobertura.

Além deste ataque, o que também pode ser um destaque no capítulo, pois é um episódio muito bem detalhado por Carla, é a fuga de dois dirigentes socialistas e outros companheiros que totalizaram sete prisioneiros. A ação é bem sucedida e a história tem um tópico no meio do capítulo, assim como as ações relevantes, o tópico recebe o nome de *Fuga di Pertini e Saragat*.

Com todo esse empenho dos militantes nas ações é inevitável a exposição, mesmo que sem intenção. O cerco começa a se fechar para Carla pois, em meio a muitas prisões e perseguições aos *partigiani*, ela precisa entrar na clandestinidade total e até se ausentar. Carla precisa se despedir de sua família e relembra disso com emoção. A emoção é transparente na obra parecendo um sentimento bastante presente. A construção do relato preserva e enaltece o sentimento que o sustenta:

Não tive coragem de dizer a ela que estava para entrar na clandestinidade plena. As novas tarefas me impunham regras severas: não me era permitido contatos com a família e quem sabe por quanto tempo deveria ficar longe dos meus sem poder dar notícias a eles (CAPPONI, 2009, p. 174)⁶⁷.

Esta é uma fase bastante complicada para Carla, além de precisar se ausentar, ela se preocupa com a falta de comida em sua casa. Por conta da escassez de alimentos, na hora das refeições, eles deviam ser divididos, porém ela chega a não se alimentar para deixar comida para seu irmão e sua mãe. Nesta fase da narrativa ela volta a dar ênfase à sua vida em família, antes de voltar a relatar as ações *partigiane*. Essas reminiscências aparentam ser mais dramáticas para Carla do que as lutas na Resistência. Pois como o próprio nome diz, era preciso resistir, mas quando o assunto é sua família, ela acaba hesitando. Ela sempre opta pelo bem estar de sua família em detrimento seu, porém é uma época em que a carestia está presente em todos os lugares, e Carla já não contava mais com seu salário, defasado em razão das constantes faltas. Além disso, o senso de assistência da família era tanto que houve um tempo, durante a Resistência, que eles passaram a alojar refugiados de Cassino, e isso aumentava ainda mais os gastos.

Parece que quando ela anuncia a clandestinidade total tudo fica mais sensível na sua vida familiar e isso se reflete na narrativa. Por exemplo, o convívio com seu irmão, que poucas vezes é mencionado, mas na passagem que reproduziremos a seguir há um momento de confraternização entre os dois, uma aproximação que depois vai ser afastada pela clandestinidade. Neste momento, na narrativa, há uma aproximação entre ela e seu irmão, dando uma sensação de aconchego. Eles parecem esquecer os problemas de dentro e fora da casa, mas o incômodo da época é logo lembrado pela mãe que quebra essa atmosfera:

Acompanhei Piero à cama. Passando pela sala de visitas, me aproximei do piano e fui tomada por um irresistível desejo de tocar: não o tocava há dois meses. Piero quase como se entendesse meu desejo, se adiantou e o abriu. Ele tirou a tampa, se sentou e, pressionando o pedal da surdina, começou a executar uma série inglesa de Bach que eu lhe tinha ensinado. Mamãe chegou depressa, convencida de que eu estivesse tocando, e fechou violentamente o piano: “Vocês estão loucos! Se ouve tudo”. “Mamãe! Os marchesi são antifascistas” replicou Piero. Ela então nos explicou que tinha

⁶⁷ Tradução nossa de “*Non ebbi il coraggio di dirle che stavo per entrare in piena clandestinità. I nuovi compiti mi imponevano regole severe: non mi era permesso mantenere contatti con la famiglia e chissà per quanto tempo sarei dovuta restare lontana dai miei senza poter dare loro notizie*” (CAPPONI, 2009, p. 174).

medo da família que morava no andar de cima, porque um dos filhos tinha aderido ao exército de Graziani e andava por aí se exibindo com o distintivo de encarregado das armas (CAPPONI, 2009, p. 176)⁶⁸.

Sobre a clandestinidade total, quando Carla começa a se afastar um pouco de Roma e sua casa passa a ser menos frequentada, ela conhece uma nova base de operações que Paolo a leva para conhecer, em Centocelle, lugar que até então ela desconhecia. O lugar, segundo ela, é um apartamento pequeno de apenas um cômodo em que ficavam os materiais de ataque. Ela explica que Centocelle era um distrito criado pelos fascistas para abrigar as famílias que foram desalojadas do centro histórico de Roma quando o governo decidiu criar duas ruas: a rua do Império, destinada às paradas militares, e a rua da Conciliazione, que dava acesso à Piazza San Piero. A missão do GAP em Centocelle era bloquear a passagem nas estradas em que eles tinham acesso para retardar reforços de armas e homens dos exércitos nazistas no distrito. Nesta ação Carla descreve as sensações e o clima que a atingem naquele dia. Ela está preparada para a ação e, apesar do frio, tenta se manter concentrada, mas percebe que está ali apenas para ajudar carregando as armas e isso a deixa irritada:

O céu estava estrelado. Soprava um vento norte leve que nos gelava o rosto e as mãos; coloquei a direita no bolso, em meio aos cartuchos, para esquentá-la temendo não conseguir disparar com as mãos geladas. Ao redor havia uma grade quietude e se ouvia um zumbido de fundo que não conseguia explicar porque não podiam ser insetos; no grande silêncio percebíamos mesmo a batida do nosso coração. (...) Paolo fez sinal para nos manter prontos com as armas apontadas aproximadamente à altura do painel de instrumentos, no meio dos faróis. Ele e Vittorio tinham a metralhadora e compreendi que me mantinham de reserva: com aquele fuzil era como se levasse as armas sobressalentes, os bolsos cheios de cartuchos. Fui surpreendida pela raiva e decidi: “Agora faço vocês verem que eu também sei fazer a minha parte” (CAPPONI, 2009, p. 180-181)⁶⁹.

⁶⁸ Tradução nossa de “*Accompagnai a letto Piero. Passando per il soggiorno, mi avvicinai al pianoforte e fui presa dall’irresistibile desiderio di suonare: non lo toccavo da due mesi. Piero, quasi avesse capito il mio desiderio, mi precedette e lo aprì; tolse il copritastiera, si sedette e, pigliando il pedale della sordina, cominciò a eseguire una suite inglese di Bach che gli avevo insegnato. Giunse di corso mamma, convinta che fossi io a suonare, e chiuse violentamente il piano: <<Siete pazzi! Si sente tutto>>. <<Mamma! I marchesi sono antifascista>> replicò Piero. Lei ancora ci spiegò che temeva la famiglia che abitava al piano superiore, perché uno dei figli aveva aderito all’esercito di Graziani e andava in giro pavoneggiandosi con la divisa carica di armi*” (CAPPONI, 2009, p. 176).

⁶⁹ Tradução nossa de “*Il cielo era stellato. Tirava una tramontana leggera che ci gelava viso e mani; misi la destra in tasca, in mezzo ai caricatori, per scaldarla nel timore di non riuscire a sparare con le mani gelate. Intorno c’era una grande quiete e si udiva solo un ronzio di fondo che non riuscivo a spiegare perché non potevano essere insetti; nel gran silenzio percepivamo persino il battito del nostro cuore. (...) Paolo lo fece segno di tenersi pronti con le arme puntate all’incirca all’altezza del cruscotto, nel mezzo dei fari. Lui e Vittorio avevano il mitra e compresi che mi tenevano di riserva: con quel fucile era come se portassi le armi di ricambio, le tasche piene di caricatori. Mi venne*

Podemos perceber que o final do parágrafo não corresponde à expectativa que criamos quando começamos a lê-lo, pois esperamos que ela participe da ação como ela mesma nos faz acreditar, e ela também acredita, quando conta que se preparava para atirar. Essa reconstrução tenta criar a mesma expectativa da época dos acontecimentos e, provavelmente, também deseja despertar no leitor a mesma sensação de frustração ou decepção vivida pela narradora na época.

Na época em que o grupo começa a se esconder fora do centro de Roma, em Centocelle, o trabalho dos inimigos naquela área também é intensificado. Os ataques começam a acontecer lá e a destruição da cidade leva a vários outros problemas, como, por exemplo, de higiene. No trecho abaixo Carla descreve o caos em que se encontra a cidade. A informação é importante, pois nos fornece um panorama da situação chocante em que a população vivia em Centocelle:

Por conta dos bombardeios a cidade perdia a funcionalidade dos serviços, e viver escondido se tornava sempre mais difícil. Se lavar era um luxo permitido a poucos privilegiados nas residências dos quarteirões ocupados pelos comandos alemães; frequentemente faltava água para beber, os insetos infestavam também as casas da burguesia, a sarna se difundia por Roma (...). O odor nauseante do medicamento era percebido entre os viajantes, nos banheiros públicos e nas filas para a distribuição dos gêneros racionados. Estávamos todos magríssimos, pálidos, as roupas começavam a cair, os sapatos tinham o solado já várias vezes refeitos, e havia quem usava ainda em pleno inverno tamancos de madeira (CAPPONI, 2009, p. 184)⁷⁰.

No capítulo sete se intensificam as atividades do GAP em Roma, bem como as prisões nos campos de concentração; na ocasião alguns militantes do grupo são presos. A partir de março de 1944 e durante o mês inteiro o grupo se manifesta contra as prisões por meio de ataques a lugares estratégicos que contêm um grande número de tropas alemãs.

rabbia e decisi: <<Ora vi faccio vedere che anch'io so fare la mia parte>>" (CAPPONI, 2009, p. 180-181).

⁷⁰ Tradução nossa de *"Per i bombardamenti la città perdeva la funzionalità dei servizi, e vivere nascosti diveniva sempre più difficile. Lavarsi era un lusso permesso a pochi privilegiati nelle residenze dei quartieri occupati dai comandi tedeschi; spesso mancava l'acqua per bere, gli insetti infestavano anche le case della borghesia, la scabbia si era diffusa per Roma (...). L'odore nauseante del farmaco era avvertito fra i viaggiatori, nei bagni pubblici e nelle file per la distribuzione dei generi razionati. Eravamo tutti magrissimi, pallidi, gli abiti cominciavamo a caderci addosso, le scarpe avevanola suola già più volte rappazzata, ribattuta da chiodi, e c'era chi portava ancora in pieno inverno zoccoli di legno"* (CAPPONI, 2009, p. 184).

Ao longo do capítulo intitulado “*Ventitré marzo, via Rasella*” (Vinte e três de março, via Rasella), ela conta os detalhes das ações de março daquele ano, uma a uma. O título do capítulo se refere ao seu grande feito enquanto *partigiana*, que a faz ser lembrada até hoje, o ataque à via Rasella, ao qual ela dá uma atenção particular. O evento se tornou famoso e contraditório na época em que ocorreu, pois as consequências foram atrozes e a opinião pública se dividiu quanto ao mérito do GAP e a resposta dos alemães culminou na chacina de Ardeatine.

Antes de relatar sobre a via Rasella, Carla relembra das prisões que aconteceram entre setembro de 1943 e março de 1944. Inclusive retoma as prisões nos *larger* e convocações para trabalhos sob o comando alemão, na Itália ou na Alemanha, que não foram correspondidos. Essas convocações negadas pela população também ocasionaram outras perseguições e prisões, e isto é assunto para uma espécie de introdução no capítulo antes de começar a narrar os ataques do GAP de grandes proporções, como o de via Claudia, da Piazza Montedoro, Piazza San Piero, Via Cheren, que aconteceram antes do ataque de via Rasella.

Cada ataque recebe um subtítulo com o nome e data de cada ação, a primeira, que vamos considerar, é a introdução, recebe o nome de *I grandi rastrellamenti: viale Giulio Cesare* (As grandes limpezas: rua Giulio Cesare) e se trata em específico das prisões do mês de março de 1944, quando setecentos homens foram levados para os quarteirões militares da rua citada. Aparentemente empolgada com a narrativa, Carla conta como as mulheres se manifestaram diante daquela situação e também sobre sua participação, que lhe fez ficar frente a frente com os oficiais inimigos.

Com tantos ataques e ações do grupo contra os nazistas, é claro que haveria repercussão e retorno dos inimigos. Os nazistas humilhados devolveram as investidas com muita repressão. A autora trata sobre o assunto no capítulo intitulado *Repressione* (Repressão).

Principalmente depois do episódio da via Rasella, os oficiais nazistas perseguiram muitos militantes e também civis e os condenaram à morte. É aqui que encontramos o evento da chacina Ardeatine, que já mencionamos. O anúncio da repressão por conta do atentado à via Rasella acontece no dia 25 de março, dia seguinte ao atentado. Carla reproduz a informação que dizia que a ordem já havia sido executada. Frente à notícia de repressão e falta de notícia sobre quem e quantos teriam sido mortos naquela ocasião e também sobre como teria sido o

fuzilamento, é inevitável a ansiedade e angústia de Carla, sensação que ela reproduz na narrativa anos depois de tê-la vivido:

Era como se nos tivesse caído em cima a cidade inteira e nos abatemos em uma angústia mais dilacerante do que aquela da espera. Ao comunicado não seguia comentário algum, nem se davam explicações a respeito da modalidade do fuzilamento. Nenhuma palavra sobre quem tinham fuzilado: homens escolhidos entre os prisioneiros ou escolhidos ao acaso entre os recolhidos dos dias precedentes ao nosso ataque? Saímos para comprar os jornais: *il Messaggero* e *Il Giornale d'Italia* reportavam o comunicado, mas não publicavam os nomes dos fuzilados nem se mencionava a categoria de pessoas escolhidas para aquela que a nós pareceu de repente não tanto um fuzilamento, mas um verdadeiro massacre (CAPPONI, 2009, p. 239)⁷¹.

Depois dos muitos acontecimentos do mês de maio, mulheres começaram a se organizar em manifestações no mês de abril contra a redução da ração entregue diariamente. Houve várias manifestações diárias com caráter de protesto pacífico, e, na narrativa o episódio recebe o nome de *L'assalto ai forni* (A ofensiva aos fornos), pois aconteceram em frente aos estabelecimentos onde se entregavam os alimentos. A narradora aproveita para falar de outras organizações e manifestações comandadas por mulheres. Por exemplo, as mulheres da organização clandestina de assistência às famílias dos encarcerados e escondidos. Carla narra passo a passo os protestos até chegar à efetiva decisão das mulheres em assaltar o depósito em que ficavam a farinha e os pães⁷². Aparentemente, ela não está envolvida diretamente na ação, mas a acompanha de alguma forma e dá alguns detalhes de um dos assaltos em que as mulheres invadem um depósito e são surpreendidas pela guarda alemã, que espancou as mulheres “como se matam os animais no matadouro” (CAPPONI, 2009, p. 246)⁷³. A farinha que ficou caída no chão se misturou ao sangue derramado das mulheres. Carla tem a sensibilidade de citar o nome de cada uma das mulheres lembradas por ela na intenção de nunca esquecer-las.

⁷¹ Tradução nossa de “*Era come se ci fosse caduta addosso l'intera città e piombamo in un'angoscia più lacerante di quella dell'attesa. Al comunicato non seguiva alcun commento, né si davano spiegazioni in merito alle modalità della “fucilazione”. Non una parola su chi avevano fucilato: uomini scelti tra i carcerati o scelti a caso tra i rastrellati dei giorni precedenti il nostro attacco? Uscimmo a comperare i giornali: il Messaggero e Il Giornale d'Italia rimportavano il comunicato, ma non pubblicavano i nomi dei fucilati né si accennava alla categoria di persone scelte per quella che a noi apparve subito non tanto una fucilazione, ma una vera strage*” (CAPPONI, 2009, p. 239).

⁷² Em *Roma città aperta* (Roberto Rossellini, 1945), a personagem Pina participa de uma dessas ações, presenciada pelo padre don Pietro, episódio que conta inclusive com a solidariedade de um oficial da polícia local. A cena acontece imediatamente antes do famoso diálogo entre Pina e don Pietro, em que ela lhe confessa que está grávida.

⁷³ Tradução nossa de “*come si ammazzano le bestie al mattatoio*” (CAPPONI, 2009, p. 246).

O capítulo em que trata das repressões se passa no período entre março e maio de 1944. Nesta fase os exércitos nazistas, mesmo estando desgastados, fecham ainda mais o cerco e acabam prendendo um membro do GAP que trai o grupo divulgando nomes até que todos os seus membros sejam descobertos. Carla encaixa esses dois temas, a traição e a descoberta, no capítulo oito, pois acontecem, em relação temporal, em seguida às repressões de março e também porque a delação rendeu resultados trágicos ao grupo. Após a delação, não demora muito e o esconderijo do grupo é descoberto, forçando uma fuga. O capítulo termina com alguns membros, inclusive Carla, fugindo e descobrindo outra estratégia de Resistência, a das montanhas.

Portanto, no capítulo nove, *Palestrina: la guerra sui monti* (Palestrina: a guerra nas montanhas), Carla conta sua experiência depois que foge para Palestrina, localizada na mesma região de Roma, Lácio. Antes disso ela é alojada em um apartamento de pessoas com quem seu grupo mantinha ligações. Lá ela passa algumas dificuldades por não conhecer o funcionamento do local. Ela, que já não se alimentava direito em Roma, passa alguns dias sem comer e quase sem se comunicar. Estilisticamente, ela inicia o capítulo como se fosse uma continuação do oitavo capítulo, em que finaliza conhecendo uma professora de mais de cinquenta anos, que fora companheira de Gramsci, esta mesma mulher é a que acompanha Carla ao apartamento e tenta tranquilizá-la.

Palestrina é uma comuna da província de Roma e está localizada ao pé do Monte Ginestro. No episódio da Palestrina, emerge o contexto social da cidade em boa parte do texto, bem como a situação e papel do lugar na luta *partigiana*. O local também se organizou logo após o oito de setembro, porém o único diferencial em relação à cidade de Roma é que sua frente *partigiana* era organizada pelo CLN. Lá existiam poucos recursos para lutar contra os alemães e os resistentes utilizavam o esquema de sabotagem, se refugiavam nas montanhas. A Palestrina também recebia prisioneiros e refugiados russos:

A formação tinha poucas armas. Os prisioneiros russos foram infligidos nas emboscadas tramados pelos alemães. Usavam levar o parábélum no ombro, sob a jaqueta, sempre pronto para o uso. Dante também tinha a sua metralhadora e andava de shorts curtos cor cáqui, parecia pertencer a uma divisão colonial inglesa; os outros camponeses estavam armados de fuzis e em geral tinham o mau hábito de voltar para casa depois de cada confronto,

colocando em risco a família e eles mesmos (CAPPONI, 2009, p. 274-275)⁷⁴.

Enfim, antes da conclusão da obra, Carla dedica o décimo capítulo à liberação de Roma em 4 de julho de 1944, contando os últimos dias da Resistência. Um pouco antes da liberação Carla não se encontrava em Roma e ainda ajudava em outros ataques. Chama atenção a forma como ela narra sua sensação de insatisfação ao ter de tirar a vida de uma pessoa em uma ação. Ao longo de todo o seu relato, percebemos a sua fibra, mas também a sua preocupação em fazer sua decisão parecer tão perversa para ela mesma, principalmente em alguns casos isolados como este que transcrevemos abaixo. Ela explica que há diferença quando o inimigo se torna um indivíduo, de quando a ação é ampla e os inimigos não são especificados. Com o fim da guerra em Roma, da Resistência e, conseqüentemente, da narrativa, percebemos o cansaço da narradora, reflexo da representação que revive o tempo passado e da sensação do presente, pelo esforço de trazer de volta todas as lembranças e de organizá-las:

Depois do ataque à colina de Monache não conseguia dormir. A noite sobre nós nos fechava um cenário de ruínas e de silêncios, sob uma cúpula coberta de bilhões de estrelas. Estava cansada. (...) Repensava no rosto assustado do soldado surpreendido ao dormir entre o trigo, o momento gasto entre a intersecção dos nossos olhares e a morte que talvez tenha lido nos meus olhos. Estava caído em meio ao trigo e eu agora me atormentava por aquele rapaz ao qual tinha negado o direito à vida. Me sentia diretamente responsável apenas quando o “inimigo” perdia a sua abstração e recuperava o aspecto físico do indivíduo: quando ao contrário atacávamos um comboio de soldados armados na escuridão da noite ou, na fúria do confronto, perdia o conhecimento da minha ação como ato individual e me sentia participante de uma reação legítima e coletiva; depois, daquela memória não me restava nem dor nem sentimento de culpa (CAPPONI, 2009, p. 287)⁷⁵.

⁷⁴ Tradução nossa de “*La formazione aveva poche armi. I prigionieri russi se le erano procurate negli agguati tesi ai tedeschi, dei quali avevano indossato divise e scarpe, oltre alle armi. Usavano portare il parabellum a tracolla, sotto la giacca, sempre pronta all’uso. Anche Dante aveva il suo mitra e girava in calzoni corti color cachi, sembravano appartene a una divisa coloniale inglese; gli altri contadini erano armati di fucili e in genere avevano la brutta abitudine di tornarsene a casa dopo ogni scontro, mettendo a rischio la famiglia e loro stessi*” (CAPPONI, 2009, p. 274-275).

⁷⁵ Tradução nossa de “*Dopo l’attacco a colle dele Monache non riuscivo dormire. La notte sopra di noi ci chiudeva in uno scenario di rovine e di silenzi, sotto una cupola trapunta da miliardi di stelle. Ero stanca. Distesi a terra accanto a me c’erano i due russi, il capitano Michele, molto malato, e Boris, che russavano fragorosamente. Ripensavo al volto spaventato del soldato sorpreso a dormire tra il grano, all’attimo trascorso fra l’incrociarsi dei nostri sguardi e la morte che forse aveva letto nei miei occhi. Era caduto in mezzo al grano e io ora mi tormentavo per quel ragazzo a cui avevo negato il diritto alla vita. Mi sentivo direttamente responsabile solo quando il “nemico” perdeva la sua astrezza e riconquistava l’aspetto fisico dell’individuo: quando invece attaccavamo un convoglio di soldati armati nel buio della notte o, nella furia dello scontro, perdevo cognizione del mio agire in*

No último capítulo, ela finaliza o relato de seus dias na Resistência *partigiana* com a vitória de Roma, a libertação em julho de 1944 e sua volta para casa. A libertação da cidade foi um processo que começou nos arredores com a reunião de todas as vertentes antifascistas, e levando à insurreição de Roma juntamente com a chegada dos aliados. O período é bastante conturbado, a insurreição gerou muitos confrontos e durante um bombardeio Carla é atingida no braço por estilhaços de uma bomba. Durante sua recuperação, ela é acometida por uma gripe e começa a expelir sangue, desencadeando uma tuberculose, prejudicando um pulmão, cujas sequelas durariam até o final de sua vida. No dia 4, os aliados ultrapassam o fronte e finalmente os exilados em outras cidades, como Carla e o grupo, puderam voltar. De acordo com a descrição de Carla, a maioria apresenta aspectos de torturados, mas eles já podem usar seus nomes verdadeiros, e ela se enche de esperança ao poder organizar e publicar o primeiro número do *L'unità* fora da clandestinidade.

A volta para casa e o reencontro com sua mãe são momentos emocionantes, as duas se abraçam e se emocionam. A mãe de Carla faz uma observação sobre seu aspecto físico, que está só “pele e osso”. Carla aproveita a sensação nostálgica e positiva para reconstruir as expectativas que fomentavam aqueles dias:

(...) o futuro não era um muro contra o qual praguejar, uma prisão de espírito e de carne, mas uma janela, finalmente aberta, espaçada sobre o mundo, e tudo estava naquele espaço imenso a esperar que recomeçassemos a voar. Como nos sonhos de criança, quando voava sobre o jardim, sobre o repolho da horta, sobre as rosas e as glicínias (CAPPONI, 2009, p. 306)⁷⁶.

A conclusão de Carla é curta, mas cheia de outras histórias. Ela recorda mais episódios em que se envolvem crianças que foram vítimas dos acontecimentos. É como se na conclusão ela fizesse uma reflexão a partir daquilo tudo que contou. Ela ainda coloca personagens como protagonistas das pequenas reminiscências que recorda, citando alguns deles, fazendo jus aos participantes, ela não quer que eles

quanto gesto individuale e mi sentivo partecipe di una reazione legittima e collettiva; poi, di quella memoria non mi restavano né dolore né sentimenti di colpa” (CAPPONI, 2009, p. 287).

⁷⁶ Tradução nossa de “...l'avvenire non era un muro contro cui imprecare, una prigione dello spirito e della carne, ma una finestra che, finalmente aperta, spaziava sul mondo, e tutto era in quello spazio immenso ad attendere che ricominciassimo a volare. Come nei sogni di bambina, quando volando sopra il giardino, sopra i cavoli dell'orto, sopra le rose e i glicini” (CAPPONI, 2009, p. 306).

passem em branco, consciente de que a oportunidade de retomar os fatos precisa dar créditos aos verdadeiros participantes, agentes da micro-história:

Muitos protagonistas não recordados, também caros companheiros como Vittorio Mallozzi, Alberto Marchesi, Luciano Lusana, o jovem Massio Gizio, Romualdo Chiessa, Ferdinando Agnini. As mulheres, muitas para nominar e não cometer injustiça para todas as outras que preencheram os cárceres de Regina Coeli e da rua Tasso. A história delas dariam sozinhas uma publicação. Não posso citar nomes, são tantos os heróis, mais de mil. Mas daqueles dois meninos que desavisados desafiaram os alemães quero narrar a última aventura vivida como um jogo (CAPPONI, 2009, p. 307)⁷⁷.

Depois disso, narra a aventura dos dois meninos que ela promete no excerto acima.

Neste capítulo de análise de *Con cuore di donna*, colocamos em evidência os aspectos da memória particular da autora e sua relação com o todo, também pudemos observar o caráter literário da narrativa de teor testemunhal que Carla aprende a desenvolver no decorrer de sua obra.

Durante toda a sua autobiografia, Carla se atenta em narrar os fatos tal como eles aconteceram, em alguns momentos, faz uma reflexão sobre o papel da Resistência, parece não ser necessário dar explicações, pois esse fenômeno já era considerado de suma importância para a história popular italiana. Porém em seus momentos raros de debate consigo mesma, na obra, a autora reflete sobre a morte e sua relação com ela na infância. Carla relembra que o tema era um assunto quase não mencionado de forma explícita, mas sim apenas por meio de hipérboles do tipo “sono eterno”, “passou para a vida melhor”, “veio a faltar”, “voou no céu”, “alcançou a paz eterna” (CAPPONI, 2009, p. 24). Diante dessas confissões, pudemos perceber que a forma de lidar com a morte mudou com o passar dos anos, pois ela relata que na realidade a morte é o desfazer do corpo, é a redução a poucos pedaços e depois ao nada. Assim ela admite que “A ideia do nada, portanto, não nos era clara, não

⁷⁷ Tradução nossa de “*Troppi protagonisti non ricordati, anche cari compagni come Vittorio Mallozzi, Alberto Marchesi, Luciano Lusana, il giovane Massio Gizio, Romualdo Chiesa, Ferdinando Agnini. Le donne, trope per nominare alcune senza faz torto a tutte le altre che riempiono le carceri di Regina Coeli e di via Tasso. Le loro storie meriterebbero da sole una pubblicazione. Non posso fare nomi, sono tanti eroi, più di mille. Ma di quei due bambini che ignari sfidarono i tedeschi voglio narrare l'ultima avventura vissuta come un gioco*” (CAPPONI, 2009, p. 307).

sabíamos materializá-la e não nos preocupava” (CAPPONI, 2009, p. 24)⁷⁸. Ela tem que aprender a lidar com a morte mesmo mantendo sua sensibilidade, como percebemos no final da narrativa.

O estilo narrativo de Carla é bastante enxuto, de quem não quer perder tempo e vai direto ao assunto. Porém considera importante fazer uma introdução focando sua juventude nos vinte anos do fascismo e sua caminhada antes de entrar para a Resistência, mesmo contendo informações importantes sobre o período do vintênio fascista, fazendo desta fase um mote explicativo para a sua escolha antifascista.

A autobiografia de Carla é bastante esclarecedora no que toca à história da Resistência envolvendo sua vida pessoal e a escolha antifascista. Na maior parte da narrativa, ela se atém à intervenção fascista na sua vida particular. São poucas as considerações que faz sobre sua vida particular sem envolver o fascismo e principalmente depois de entrar para a Resistência, quando as observações familiares diminuem, talvez pelo fato de estar tão envolvida com o grupo e ter rompido os laços com a família na época para tentar protegê-la.

Apesar de não ser uma escritora nata, e essa ser sua primeira experiência contando seus relatos, Carla não se antecipa, ela narra com os detalhes que consegue recuperar anos depois dos acontecimentos, e consegue fazer um desfecho narrativo esperado, não antecipando esse desfecho no decorrer do relato, ou seja, ela cria no leitor a expectativa que pode ser observada em várias passagens, como no caso em que encontra o livro sobre Matteotti ou quando conta a respeito do seu medo de estar sendo perseguida durante a Resistência, enquanto pessoas estavam sendo recolhidas. A narrativa recria as condições do ambiente, deixando transparecer um certo medo, e depois termina o episódio com a descoberta de que quem a seguia era alguém do grupo que na verdade a defendia:

Eu caminhava tranquila percorrendo as ruas que levavam à praça Vittorio e no entanto refletia: “Se era alguém da polícia não era necessário o bilhete; talvez não quisesse ser descoberto me seguindo até a minha casa”. Tinha a boca e a garganta secas, procurei onde tivesse uma fonte funcionando e vi uma fila de homens e mulheres com frascos e garrações na espera para pegar água. (...) Na praça Vittorio o jardim estava devastado. Próximo às estrelas dos Mistérios tinham construído uma espécie de abrigo com lâminas e telhas e as crianças brincavam no mesmo espaço em frente aquele refúgio improvisado. (...) Me aproximei e me sentei sobre um pedaço de revestimento abandonado no canteiro de flores. Esperei Spartaco por um

⁷⁸ Tradução nossa de “*L’idea del nulla, poi, non ci era chiara, non sapevamo materializzarla e non ci riguardava*” (CAPPONI, 2009, p. 24).

longo tempo. (...) Estava ficando tarde e eu estava ansiosa; me desloquei, andando, e notei que na calçada embaixo das árvores que três grandes caminhões de alemães circundavam o jardim. Não era prudente ficar ali.(...) vi Spartaco e Guglielmo virem ao meu encontro sorrindo, e logo me informaram que depois de minha liberação nas primeiras horas da tarde houve um confronto com a GNR. (...) informei-lhe que tinha cansado bastante para me desvincilhar de um “policia” que me seguia, certamente por ordem do oficial, mas Spartaco me assegurou: se tratava de um companheiro, encarregado de assegurar que eu não fosse seguida. Assim a história teve um desfecho cômico (CAPPONI, 2009, p. 204-205-206)⁷⁹.

A obra como um todo contradiz o que Carla pensava no prefácio, que sua autobiografia seria um mero saudosismo de quem já está velha e pretende contar suas fábulas. Sua obra também é uma homenagem a quem esteve ao seu lado e não pôde deixar suas memórias. Essa homenagem ela faz de forma honrada, pois valoriza a memória, dá os créditos aos companheiros e sabe contar com detalhes. Sua linguagem é simples, com descrições que são úteis para a narrativa, e não exagera nem se demora demais.

Percebemos que foi fundamental para Carla a presença de pessoas ajudando-a na recomposição de suas memórias, incentivando-a a tocar em assuntos que jamais ousara relembrar, como uma presença de ajudantes no processo de composição do livro, ressaltando o valor da reconstrução da memória pelo fator coletivo, sendo estimulada por ele. Outro exemplo que comprova esse aspecto coletivo é a própria consciência de Carla de que sua narração conteria memória de outras pessoas e de certa forma as homenagearia.

Concluimos, a partir das memórias de Carla, que a Resistência em Roma foi curta, porém cruel e impactante com muitos casos de confronto direto entre os militantes e militares. Sua liberação foi conquistada primeiro pela proximidade com o sul e o acesso das tropas anglo-americanas, mas principalmente pelo trabalho dos

⁷⁹ Tradução nossa de “*Cammino tranquilla percorrendo le strade che portavano a piazza Vittorio e intanto riflettevo: “Se era uno della polizia, non aveva bisogno del biglietto; forse non voleva farsi scoprire a seguirmi fino all’abitazione”. Avevo la bocca arida, la gola secca, cercai dove fosse una fontanella funzionante e vidi una fila di uomini e donne con fiaschi e damigiane in attesa per prendere l’acqua. (...) A piazza Vittorio il giardino era devastato. Vicino alle stele dei Misteri avevano costruito una specie di ricovero con bandoni e onduline e i bambini giocavano nello stesso spazio antistante quel refugio improvvisato. (...) Mi avvicinai e mi misi seduta sopra un pezzo di travertino abbandonato nell’aiuola. Aspettai a lungo Spartaco. (...) Si stava facendo tardi ed ero in ansia; mi spostai, passeggiando, e notai che sul marciapiede sotto gli alberi che circondavano il giardino erano fermi tre grossi camion tedesche. Non era prudente restare lì. (...) vidi Spartaco e Guglielmo venirmi incontro sorridendo, e subito mi informarono che dopo il mio rilascio nelle prime ore del pomeriggio c’era stato uno scontro con le GNR. (...) Lo informai che avevo faticato non poco per sganciarmi da un “poliziotto” che mi seguiva, certamente per ordine dell’ufficiale, ma Spartaco mi rassicurò: si trattava di un compagno, incaricato proprio di assicurarsi che non fossi seguida. Così la storia prese un rivoltò comico” (CAPPONI, 2009, p. 204-205-206).*

grupos que tentavam desestruturar as tropas inimigas. Por ser a capital, a cidade de Roma precisava ser preservada, porém, apesar da brevidade do tempo, a Resistência em Roma foi mais ativa e mais sangrenta por conta do perfil do grupo e do modo como atuavam, como pudemos confirmar com Giorgio Bocca (1995), no nosso primeiro capítulo, devido aos ataques diretos com bombas e armas de fogo.

4. *Diario Partigiano*: o cotidiano de Ada Gobetti na Resistência em Turim

4.1 *La donna è una piuma al vento*

Neste capítulo, temos como objetivo nos aprofundar na vida de Ada Gobetti enquanto militante e seu trabalho na Resistência em Turim, narrado por ela no *Diario Partigiano*. A narrativa de Ada é fruto de anotações quase que diárias, feitas em inglês durante a ocupação alemã na Itália. Elas são escritas em outro idioma para dificultar a compreensão, caso caísse em mãos erradas. Ela começa a sistematização em datas logo depois do oito de setembro, mais precisamente no dia 13 de setembro de 1944, porém faz uma introdução, escrita posteriormente, em que aborda os dias que antecederam o dia treze, portanto o início dos trabalhos do grupo *partigiano*. Aliás, sempre que necessário, a autora faz recuperações de memória em esquemas de introduções nas entradas dos dias.

Ada Prospero (1902-1968), seu nome de solteira, era filha de Olimpia Biacchi e Giacomo, um comerciante de frutas que migraram para Turim na metade do século XIX. Ada se torna Gobetti após se casar com o jornalista político, Piero Gobetti, e inclui o sobrenome Marchesini em 1937 quando se casa com Ettore Marchesini, técnico da EIAR. Na edição mais recente do *Diario*, há uma referência a ela como Ada Gobetti Marchesini Prospero.

Segundo a mini-biografia escrita por Francesca Tosi, para o site *Enciclopedia delle donne*, antes da Resistência, na década de 1920, Ada Gobetti já era uma pessoa bastante conhecida no meio intelectual. Desde muito nova frequentava a academia, mesmo sem estar matriculada, estabelecendo contato com os intelectuais da época e é dessa forma que conhece Piero Gobetti, com quem se casa em 1923. Em 1925, entra para o curso de Filosofia e se dedica aos estudos literários, pedagógicos e de tradução. Seus trabalhos estão entre professora e tradutora de inglês. É nesta década que colabora com a recém-inaugurada revista *La Rivoluzione Liberale*, de 1922, e em seguida com a revista literária *Il Baretto*, 1924, ambas idealizadas por Piero Gobetti.

Depois da perda de seu primeiro marido, morto pelo fascismo em 1926, mesmo tendo ficado muito abalada, Ada decide voltar para seu trabalho como tradutora encorajada pelo amigo, Benedetto Croce. Em 1928 assume o cargo de

professora de inglês, em 1941 participa da fundação do *Partito d'Azione* e em 1943 entra para a Resistência com seu filho Paolo e seu segundo marido.

Após a libertação, além de se dedicar à política, trabalha em projetos pedagógicos e, com várias parcerias, consegue fundar meios de publicações como a revista *Educazione Democratica* (Educação Democrática), de 1953 e *Giornale dei Genitori* (*Jornal dos Pais*), de 1959. Em 1956 adere ao PCI e em 1961 funda o “*Centro Studi Piero Gobetti*” (Centro de Estudos Piero Gobetti), que até hoje é referência em preservação da cultura e história italiana. Ada também publicou obras literárias como *Storia del gallo Sebastiano*, 1940, com o pseudônimo de Margute, e *Cinque bambini e tre mondi*, 1953, essas obras possuem teor infanto-juvenil e incentivam a autonomia e o senso crítico do público infantil.

Dentre os escritos de Ada no pós-guerra estão os pedagógicos: *Non lasciamoli soli. Consigli ai genitori per l'educazione dei figli*, 1958; *Dai quattro ai sedici anni: guida ai libri per ragazzi*, 1960; *Vivere insieme. Corso di educazione civica per le scuole medie e secondarie inferiori*, 1960; *Educare per emancipare – Scritti pedagogici 1953-1968*, 1982. Devemos recordar também que após a Resistência, Ada ganhou medalha de prata pelo seu valor militar e foi nomeada vice-prefeita de Turim⁸⁰.

A revista eletrônica britânica, *The Spectator*, atribui a Ada a qualidade de ser “A mulher que inventou a Resistência italiana”. A reportagem, de Ian Thompson (2014), faz um breve panorama sobre a vida da autora, ressaltando sua relação próxima com Italo Calvino, seu trabalho na Resistência com seu filho Paolo, seu casamento com Piero Gobetti e a popularidade de sua casa na Rua Fabro em Turim, uma espécie de ponto de concentração do movimento. O artigo destaca que o *Diario Partigiano* é um importante documento histórico e tem a intenção de divulgar sua tradução recente para a língua inglesa⁸¹.

4.2 Um testemunho das lutas *partigiane*

⁸⁰Informações retiradas de: <<http://www.encyclopediadelledonne.it/biografie/ada-gobetti/>>. Acesso em 02/05/2016.

⁸¹Informações retiradas de: <<http://www.spectator.co.uk/2014/11/partisan-diary-by-ada-gobetti-review/>>. Acesso em 16/08/2016.

O *Diario Partigiano* foi publicado pela primeira vez em 1956. A edição sobre a qual faremos a análise foi publicada em 2014, com uma introdução do ensaísta Goffredo Fofi, nota do escritor Italo Calvino e posfácio da também *partigiana* Bianca Guidetti Serra. Fofi introduz a obra revelando a motivação de Ada em publicar seu diário e as condições em que foram escritas. Ele também tece comentários sobre a trajetória de Ada e suas relações com amigos, com Piero e sobre a formação do partido. Quanto à obra de Ada, ele enaltece seu senso democrático e não deixa o livro cair no sentimentalismo e até aponta a presença de certo humorismo.

O fenômeno da Resistência aconteceu muito rápido e logo se alastrou pelo país e, segundo Goffredo Fofi, um amigo pessoal de Ada, Benedetto Croce, teria confessado no final da guerra que não conseguiu se dar conta do que significou concretamente o fenômeno da Resistência *partigiana*, certamente se referindo à grandiosidade do movimento. Considerando esta confissão, Ada decide escrever a partir de suas anotações. Como não poderia faltar, Fofi faz referência ao caráter de escritora e pessoa notável tanto na vida pessoal quanto na política:

Narradora apaixonada e sincera, Ada Gobetti oferece nestas páginas um quadro real e preciso dos aspectos fundamentais que caracterizaram a Resistência italiana (...). Ada Gobetti foi um personagem notável do seu tempo, antes e depois da Resistência. Viúva de Piero Gobetti, pensador e político que o fascismo fez morrer muito jovem aos vinte e cinco anos, foi ao lado dele colaboradora inteligente das suas lutas e suas iniciativas (...) sua casa em Turim se transformou no ponto de referência para tantos antifascistas velhos e jovens que, em plena clandestinidade, se encontravam com ela para discutir e amadurecer os temas da luta contra a ditadura. (...) Ada Gobetti não foi uma “política” no sentido profissional que se acabou por dar a esta palavra. O seu compromisso era um empenho de vida baseado nos princípios sólidos democráticos e sobre um ímpeto de solidariedade humana com os oprimidos, por um mundo de “justiça e liberdade” concretas (FOFI *apud* GOBETTI, 2014, p. V/VI)⁸².

⁸² Tradução nossa de *“Narratrice appassionata e sincera, Ada Gobetti offre in queste pagine un quadro reale e preciso degli aspetti fondamentali che hanno caratterizzato la Resistenza italiana (...) Ada Gobetti è stata un personaggio notevole del suo tempo, prima e dopo la Resistenza. Vedova di Piero Gobetti, pensatore e politico che il fascismo fece morire giovanissimo a venticinque anni, era stata al suo fianco collaboratrice intelligente delle sue lotte e delle sue iniziative (...) la sua casa torinese divenne il punto di riferimento per tanti antifascisti vecchi e giovani che, in piena clandestinità, si ritrovavano da lei per discutere e maturare i temi della lotta contro la dittatura. (...) Ada Gobetti non fu una <<politica>> nel senso un po’ professionale che si è finito col dare a questa parola. Il suo impegno era un impegno di vita, basato su solidi principi democratici e su uno slancio di umana solidarietà con gli oppressi, per un mondo di <<giustizia e libertà>> concrete”* (FOFI *apud* GOBETTI, 2014, p. V/VI).

Essas considerações de Fofi são frequentemente lembradas na fortuna crítica da autora, é comum ler essas qualidades sobre ela. Nota-se que é uma pessoa generosa, inteligente e de fibra, que ajudou na Resistência até a libertação.

Sobre o diário, o ensaísta e crítico italiano faz uma análise de seu conteúdo e de Ada como narradora, qualificando a obra como sendo mais apaixonante do que muitos romances, enaltecendo seu caráter literário e sua competência:

As páginas do *Diario* descrevem admiravelmente o valor (e, quando há, também os limites e contradições) destas figuras notáveis e desconhecidas, que nos vêm condicionadas com um calor e uma vivacidade cativante. E quando os fatos são mais trágicos, quando a onda do sentimento está para assumir o controle, a narradora procura não deixá-lo transparecer, de não deslizar nunca no sentimentalismo. (...) Há também outra qualidade a qual recorre se torna um recurso para fugir dos perigos da retórica, e é um genuíno senso de humor, um humor afetuoso, nunca destrutivo, do qual se serve para representar mais exatamente situações e personagens através das pequenas particularidades ou manias, frequentemente mais evidente nos momentos de repouso e não aqueles da ação. (...) Este *Diario Partigiano*, mais apaixonante do que tantos romances, é portanto um quadro fiel dos dois anos da Resistência antifascista oposta ao agressor e aos seus colaboradores pelo povo italiano e pelos partigiani, que do povo foram os mais autênticos representantes (FOFI *apud* GOBETTI, 2014, p. VIII/IX)⁸³.

Na introdução do *Diario*, o autor aborda a formação do *Partito d'Azione* e o pós-guerra, quando os partidos antifascistas se desmembram e a direita assume o poder estabelecendo a volta do conformismo e do conservadorismo, afinal, o fascismo, que era o grande inimigo, já havia sido combatido. Ele constata ainda que a Resistência tinha como base a revolução, portanto foi adiante em várias frentes de batalha: guerra de libertação nacional, guerra civil e guerra social de classe (FOFI *apud* GOBETTI, 2014, p. XI).

A nota de Italo Calvino presente nesta edição de 2014 foi publicada como nota do editor na primeira edição do *Diario* e comprova os mesmos aspectos que

⁸³ Tradução nossa de “*Le pagine del Diario descrivono ammirevolmente il valore (e, quando ci sono, anche i limiti e le contraddizioni) di queste figure note e ignote, che ci vengono rese con un calore e una vivacità trascinati. E quando i fatti sono più tragici, quando l'ondata del sentimento sta per prenderei il sopravvento, la narratrice cerca allora di non lasciarsene trasportare, di non scivolare mai nel sentimentalismo. (...) Ha anche un'altra dote alla quale far ricorso per sfuggire ai pericoli della retorica, ed è un genuino senso dell'umorismo, un umorismo affetuoso, mai destruttivo, di cui serve per rendere più esattamente situazione e personaggi attraverso le loro piccole particolarità o manie, spesso più evidenti nei momenti del riposo che non in quelli dell'azione. (...) Questo Diario Partigiano, più appassionante di tanti romanzi, è dunque un quadro fedele dei due anni della Resistenza antifascista opposta all'agressore e ai suoi collaboratori dal popolo italiano e dai partigiani, che del popolo furono i più autentici rappresentanti*” (FOFI *apud* GOBETTI, 2014, p. VIII/IX).

Goffredo Fofi abordou na introdução, enaltecendo a sensibilidade de Ada, comprovando seu instinto materno ao mencionar o fato de lutar ao lado de seu filho, Paolo, na época com dezoito anos. Calvino é rápido nas suas considerações e faz um breve apanhado da vida de Ada antes, durante e depois da Resistência.

O posfácio de Bianca Guidetti Serra certifica que o *Diario* supera o seu tempo, apesar de retratar uma história de mais de setenta anos e há sessenta de sua primeira publicação, ele deve ser revisitado “pelos velhos amigos, colaboradores, companheiros de aventura” (SERRA *apud* GOBETTI, 2014, p. 421). Uma das características do *Diario* que Serra evidencia é o caráter memorialístico em que estão associadas a reconstrução e motivação da memória. É como se Serra afiançasse o diário de Ada e estivesse presente nele por ter participado da luta *partigiana* como organizadora dos grupos de defesa. Assim ela também recorda episódios marcantes e afirma que a obra de Ada é grandiosa no sentido que envolve a história de muitos militantes, fazendo da obra um projeto amplo que contém a memória de vários personagens que ecoam na obra, inclusive as da própria Bianca, revelando aspectos da memória coletiva descritos por Halbwachs (2006), percebidos também por Carla Capponi:

Assim o *Diario* é uma narrativa em coro. Basta dizer que envolve, com um simples toque ou mais amplamente, mais de 300 personagens entre os quais também alguns inimigos. Mas não há dúvida, o mais extraordinário dos personagens é ela mesma: Ada, ainda assim tão alheia a qualquer protagonismo (SERRA *apud* GOBETTI, 2014, p. 425-426)⁸⁴.

Ada Gobetti, assim como Carla Capponi, inicia seus relatos com uma dedicatória a todos os amigos de forma bastante sensibilizada. Ela respeita como seus amigos todos os que passaram pela sua vida, pois considera amizade a “(...) simples relação humana de se sentir único entre muitos – me pareceu o significado íntimo, o sinal da nossa batalha” (GOBETTI, 2014, p. 01)⁸⁵, e foi o que motivou a luta. Em sua obra, ela leva em conta a forma de reviver e relembrar os vários amigos que se foram e os que sobreviveram.

⁸⁴ Tradução nossa de “*Così il Diario è un racconto corale. Basti dire che coinvolge, con un semplice tocco o più diffusamente, oltre 300 personaggi fra i quali anche alcuni nemici. Ma, non c’è dubbio, il più straordinario dei personaggi è lei stessa: Ada, pur così aliena da ogni protagonismo*” (SERRA *apud* GOBETTI, 2014, p. 425-426).

⁸⁵ Tradução nossa de “*...semplice rapporto umano del sentirsi uno con uno tra molti – m’è parso il significato intimo, il segno della nostra battaglia*” (GOBETTI, 2014, p.01).

Em meio às anotações feitas durante a Resistência, contendo marcação de dias, meses e às vezes os lugares em que ela se encontra, nos deparamos com intervenções de uma revisão posterior feita aparentemente para a edição. Os *flashbacks* posteriores estão presentes ao longo de toda a obra e funcionam como ganchos que uniformizam a obra e preenchem lacunas, e também caracterizam as observações de uma visão amadurecida daqueles dias, na maior parte do tempo eles introduzem as entradas para os dias, sendo uma forma também de divisão da obra. A literatura feita por Ada Gobetti pode ter sido refletida, retrabalhada e aprimorada para a melhor compreensão da realidade, assim como foi sistematizado por Seligmann-Silva (2003) sobre a literatura de testemunho como representação do real.

O relato de Ada se inicia com um desses depoimentos não datados em que ela reconstrói a sua memória. Como suas anotações começam no dia 13 de setembro de 1944, portanto cinco dias após o armistício, ela admite que deve começar a recordar o início de tudo e, contextualizando o leitor. Ela, então, retrocede três dias e relembra o dia 10 de setembro, quando se depara com as tropas alemãs:

Acredito que devo começar o meu relato daquele momento – perto das 4 da tarde do dia 10 de setembro de 1943 - em que, quando com Paolo, Ettore e Lisetta eu estava distribuindo panfletos na esquina da rua Cernaia e avenida Galileo Ferraris, e vi, com olhos incrédulos, passar uma fila de automóveis alemães (GOBETTI, 2014, p. 03)⁸⁶.

Esta é a forma como Ada inicia seu relato, fazendo suas primeiras considerações e nos confessando suas impressões sobre as últimas resoluções da época. Nessa introdução às suas anotações, ela faz algumas considerações do que acontecia no particular de sua vida em relação ao movimento antifascista influenciado pela desorganização do governo e aliança com os anglo-americanos. Regredindo um pouco mais, ela recorda os dias amenos dos quarenta e cinco dias badoglianos e a primeira queda do fascismo, em que seus amigos voltaram do exílio, e o grupo pôde retomar as discussões sobre política.

Passada essa euforia e o anúncio do armistício e, em seguida, os ataques alemães, o trabalho dos grupos se intensifica. O fragmento abaixo ainda é a

⁸⁶ Tradução nossa de “*Credo di dover incominciare il mio racconto da quel momento – verso le 4 del pomeriggio del 10 settembre 1943 – in cui, mentre con Paolo, Ettore e Lisetta stavo distribuendo manifestini all’angolo di via Cernaia e corso Galileo Ferraris, vidi, con occhi increduli, passare una fila d’automobili tedesche* (GOBETTI, 2014, p. 03).

recuperação inicial da memória da autora e exprime as resoluções ainda confusas do armistício:

Aquele dia, então, quando vi passar os automóveis alemães, tive subitamente a sensação de que as férias tivessem acabado. Não que me desse conta, nem parcialmente, da realidade da situação. Continuava, ao contrário, a raciocinar com o mesmo otimismo insensato e inocente: os automóveis alemães traziam certamente alguns parlamentares; as propostas estariam repelidas; Turim estaria defendida (GOBETTI, 2014, p. 04)⁸⁷.

Nos excertos acima, em que ela narra dos dias 10 a 12 de setembro, podemos observar a narrativa de Ada antes de suas anotações. Ela recorda a reação popular que era de insegurança e dúvida, tentando entender o que estava acontecendo, obtendo informações com os antifascistas que entregavam panfletos à população, uma forma de divulgar e informar sobre a situação do país. As decisões do grupo devem ser tomadas rapidamente; desfazer-se de documentos, dispersar o grupo, mobilizar pessoas, eram decisões tomadas por eles, pois sabiam que em pouco tempo voltariam a ser alvos de perseguições. Neste momento ela se preocupa com Paolo, seu filho, que mesmo sendo sempre alvo das preocupações de Ada, luta ao seu lado na Resistência até o final, inclusive correndo muitos riscos. O paradeiro de Paolo é numa caserna à procura de armas.

Quando Ada inicia os relatos oriundos de suas anotações, informa ao leitor, por meio de uma epígrafe, as condições em que foram anotadas suas memórias. O fato de possuir uma versão prévia em inglês para camuflar o diário reforça o caráter subterrâneo/clandestino de suas memórias, noção explicada por Pollak (1989):

Durante todo o período da luta clandestina, escrevi toda noite, numa minúscula agenda, apontamentos concisos em um inglês obscuro, quase cifrado, que me permitem não apenas reconstruir os fatos hoje, mas também reviver a atmosfera e o estado de espírito daqueles dias (GOBETTI, 2014, p.12)⁸⁸.

⁸⁷ Tradução nossa de *“Quel giorno dunque, quando vidi passare le automobili tedesche, ebbi improvvisa la sensazione che la vacanza fosse finite. Non che mi rendessi conto, ne anche parzialmente, della realtà della situazione. Continuavo anzi a ragionare col solito stolto incosciente ottimismo: le automobili tedesche portavano certo dei parlamentari; le proposte sarebbero state repinte; Torino si sarebbe difesa”* (GOBETTI, 2014, p. 04).

⁸⁸ Tradução nossa de *“Per tutto il periodo della lotta clandestina scrissi ogni giorno sera, su una minuscola agenda, scheletrici appunti in un inglese criptico, quasi cifrato, che mi permettono oggi non solo di ricostruire i fatti, ma anche di rivivere l’atmosfera e lo stato d’animo di quei giorni”* (GOBETTI, 2014, p. 12).

A partir desta pequena contextualização, Ada começa a narrativa em forma de diário, datando 13 de setembro de 1944 como o primeiro dia. Além de anotar os acontecimentos diários, quando é conveniente, ela fornece informações sobre as condições climáticas ou algo que tornasse possível reconhecer o período do dia ao qual ela está se referindo e também para criar uma perspectiva narratológica, por exemplo, “(...) estava escuro ainda e a chuva jorrava” (GOBETTI, 2014, p. 12)⁸⁹.

Neste dia, na metade de setembro, depois que as tropas se instalaram, os italianos receberam a notícia de que os homens estavam sendo recrutados para o exército. Ada recebe a notícia de uma colaboradora dos *partigiani*, Anna Jarre, que informa que os alemães haviam levado todos os homens de Chiomonte. Ettore e Paolo precisavam se precaver e estavam preparados para se esconder nos bosques, se locomoviam com cautela e às vezes com identidade falsa, no caso de Paolo.

Podemos perceber pelas anotações que a Resistência em Turim aconteceu aos poucos, porém a intenção de se fazer o movimento era certa desde o início. É evidente a tentativa de serem discretos e também de estarem armados. O grupo tenta se manter informado sobre o que acontece nas outras cidades quanto à formação *partigiana*. No trecho abaixo acompanhamos as primeiras operações em relação aos encontros do grupo. As manobras ainda são cautelosas, mas observamos a vontade de Ada de ampliar os trabalhos:

15 de setembro. Esta manhã Ettore também desceu a Turim e voltou ao trabalho. Me parece útil conservar o máximo possível os aspectos da vida normal.

À tarde tivemos a primeira reunião segundo o acordo feito antes de nos deixar, a noite do dia 10. Estava Silvia, proveniente da Val Pellice. Parece que lá em cima as coisas vão bem, que se estavam formando algumas bandas <<Justiça e Liberdade>>. A tradição valdese do vale é vantajosa para a organização de uma possível guerrilha. Mas é preciso fazer algo também na cidade: como, não se vê ainda claro (GOBETTI, 2014, p. 13)⁹⁰.

O movimento da Resistência é marcado pela insegurança da clandestinidade, portanto é importante que se mantenha a rotina. A própria Ada Gobetti define a

⁸⁹ Tradução nossa de “...era buio ancora e pioveva a dirotto” (GOBETTI, 2014, p. 12).

⁹⁰ Tradução nossa de “15 settembre. Stamane è sceso a Torino anche Ettore ed è tornato al lavoro. Mi sembra utile conservare il più possibile gli aspetti della vita normale./ Nel pomeriggio abbiamo avuto una prima riunione secondo l'accordo preso prima di lasciarci, la sera del 10. C'era Silvia, proveniente della Val Pellice. Pare che lassù le cose vadan bene, che se sian formate delle bande <<Giustizia e Libertà>>. La tradizione valdese della valle giova all'organizzazione d'una possibile guerriglia. Ma bisogna far qualcosa anche in città: come, non si vede ancor chiaro” (GOBETTI, 2014, p. 13).

estratégia como tática da normalidade, quando deve ir à escola para aplicar teste a alunos de alemão, mesmo alegando que não sabia o idioma. Também lembra que deve-se tomar cuidado com o que se conversa, mesmo num meio antifascista, pois qualquer discurso pode se tornar perigoso se mal interpretado, principalmente nesse início de tensão.

Logo após a declaração do armistício, os soldados italianos ficaram sem ordens de combate por conta de não se saber mais quem era o inimigo. Alguns desses soldados esperavam pelas ordens de Badoglio, pois não queriam seguir as determinações alemãs. Isso tudo Ada explica, para mostrar que está atenta a esses soldados, que podem ser úteis, já que muito provavelmente as ordens de Badoglio não chegariam. O trecho que se segue nos dá informações relevantes sobre os soldados. Nele podemos perceber a capacidade de Ada para compreender a movimentação dos soldados e a atenção para uma possível aproximação. No mesmo trecho, ela tem a sensação de comoção e quase lamento pela liberação da Sardenha e da Córsega. A lamentação passageira é justamente por não estar no Sul, próximo aos lugares liberados, principalmente porque, em Turim, seu filho corre mais perigo, por conta da idade e pela cidade ainda não ser liberada. Ele possui identidade falsa, mas mesmo assim Ada não julga convincente. Também percebemos no início da passagem a cautela para que os meninos não sejam vistos:

21 de setembro. Esta manhã com Paolo e Gianni subimos a Cervetto. Nem em Mattie nem ao longo da estrada notamos algo de particular. Chegamos ao topo, deixei Paolo e Gianni a certa distância e descí até o hotel. Mas a precaução era inútil. Sob o parreiral havia dois soldados com o objetivo de fabricar uma pipa à filhinha do taberneiro. Tentei interrogá-los discretamente: sim, eram da IV Armata, não queriam ir com os alemães, estavam prontos para combater, mas esperavam as ordens de Badoglio, que de certo viria por rádio. E os seus companheiros? Sabiam onde estavam? Não, realmente não sabiam; estavam todos dispersos. Parece, porém, que do outro lado do vale foram recolhidos aos milhares. Há, pois, um certo padeiro, atrás da tabacaria, em Borgone, que mantém as linhas de tudo. Anotei mentalmente e voltei para os meninos, muito desanimada; mas aqueles pensaram rápido em prosseguir subindo à Balmetta onde podia haver alguém.

De fato, havia outros, otimamente organizados no refúgio, muito menos tolos e, portanto, muito menos discursivos. Pouco depois, porém, se desabotoaram. Um que parecia o chefe falou obscuramente de requerimentos de mulas, de metralhadoras enterradas. Dava a impressão de que estivessem coligados com alguém em Bussoleno. Não conseguimos arrancar nada preciso; mas já é importante saber que existe no vale organização mesmo que rudimentar: é nela que é preciso chegar.

Deixamos Balmetta, paramos um momento em um prado. Era uma jornada esplêndida e parecia impossível que não se estivesse fazendo uma excursão. Depois voltamos para casa atravessando as colinas.

Esta noite a rádio anunciou a liberação da Sardenha e da Córsega. Ouvimos, com profunda comoção, o discurso de Croce. E pensar que, se tivéssemos ido a Sorrento em julho, provavelmente teríamos ficado; e a essa hora estaríamos “liberados”, e Paolo não estaria em perigo. Mas estes são pensamentos inúteis (GOBETTI, 2014, p. 14-15)⁹¹.

Esses primeiros momentos da Resistência serviram também para obter informações como: os lugares mais e menos seguros, pessoas da convivência cotidiana nas quais se podia confiar ou “recrutar”, como o jovem médico, Ferdinando Ormea, que ajudou a estabelecer alguns contatos. Nesse início da narrativa, e do movimento, observamos uma pequena agitação de outros grupos atuantes, como os “rebeldes” do trecho abaixo. A passagem é uma continuação da anterior em que a narradora sai em busca de informações de organização, algo que pudesse ajudar, enfim, uma forma de reconhecer o terreno, que, por mais que já fosse conhecido, estava em mãos inimigas:

24 de setembro. De Susa, com a bicicleta de Silvana, fui a Bussoleno, onde não encontrei nada; mas à metade do caminho, entre Bussoleno e Bruzolo, bem em frente a San Giorio, está um poste de alta tensão derrubado e os alemães em volta atarefados em coloca-lo de pé. O meu coração começou a bater forte: então os “rebeldes” estavam cumprindo atos de sabotagem. Animada pela nova esperança, continuei a minha procura em Bruzolo e em Borgone: fingindo ser a desolada irmã de um disperso, interroguei todos os padeiros, todas as tabacarias, todos. Por outro lado, enquanto voltava um pouco desiludida, me convenci sempre mais que as bandas eventuais não podem ser colocadas naquele lado arido, descoberto, sem recursos. Será

⁹¹ Tradução nossa de “*21 settembre. Stamane con Paolo e Gianni siam saliti al Cervetto. Né a Mattie né a lungo la strada notammo nulla di particolare. Giunti in cima, lasciai Paolo e Gianni a qualche distanza e scesi all'albergo. Ma la precauzione era inutile. Sotto il pergolato c'erano due soldati intenti a fabbricare un aquilone per la figlioletta dell'oste. Cercai discretamente d'interrogarli: sí, erano della IV Armata, non volevano andar coi tedeschi, erano pronti a combattere, ma aspettavano gli ordini di Badoglio, che certo si sarebbero avuti per radio. E i loro compagni? Sapevano dov'erano? No, veramente non lo sapevano; s'erano tutti dispersi. Pare però che sull'altro versante della valle se ne siano raccolti, a migliaia. C'è poi un certo panettiere, dietro il tabaccaio, a Borgone, che tiene le file di tutto. Annotai mentalmente e me ne tornai dai ragazzi, alquanto scoraggiata; ma quelli pensarono subito di proseguire salendo alla Balmetta dove poteva esserci qualcuno.*

C'erano altri tre infatti, ottimamente organizzati nel rifugio, assai meno insipienti e quindi assai meno discorsivi. Dopo un poco però si sbottonarono. Uno che pareva il capo parlò oscuramente di muli requisiti, di mitragliatori sepolti. S'ebbe l'impressione che fossero collegati con qualcuno a Bussoleno. Non riuscimmo a tirar fuori nulla di preciso; ma è già importante sapere che c'è nella valle una pur rudimentale organizzazione: è a questa che bisogna arrivare.

Lasciata la Balmetta, ci fermammo un momento in prato. Era una giornata splendida e pareva impossibile che non si stesse semplicemente facendo una gita. Poi tornammo a casa attraverso i colli.

Questa sera la radio ha annunciato la liberazione della Sardegna e della Corisca. E abbiamo sentito, con commoção profunda, il discorso di Croce. E pensare che, se fossimo andati a Sorrento nel luglio, probabilmente ci saremmo rimasti; e a quest'ora saremmo <<liberati>>, e Paolo non sarebbe in pericolo. Ma questi sono pensieri inutili” (GOBETTI, 2014, p. 14-15).

mais lógico procurá-las na outra parte que é uma região rica em bosques, de granjas, de pastagens (GOBETTI, 2014, p. 15)⁹².

No mês de outubro de 1943, ela age principalmente na averiguação de interessados, no estabelecimento de contatos e na organização de grupo: foram fixados acordos com ingleses, comunistas, enfim, entusiastas de todos os tipos. Paolo estava muito decidido e agiria rápido. Para ele, segundo Ada, o melhor era começar sabotando pontes e ferrovias a fim de deixar lugares obstruídos para a passagem de tropas inimigas. O garoto e sua mãe viam essa possibilidade desde os quarenta e cinco dias badoglianos, quando ouviam os alemães passarem de trem, vindos da França (GOBETTI, 2014, p. 16).

Assim como Carla Capponi e tantos outros participantes da Resistência, Ada também tinha seu nome de batalha, Maria Salvi, apenas por prudência, pois como ela afirma: “Para que serve se todos me conhecem? E depois, se digo o meu verdadeiro nome, qualquer desconfiança cai; e também do ponto de vista da polícia, a minha verdadeira identidade tem suas vantagens” (GOBETTI, 2014, p. 19)⁹³.

A vontade de começar as sabotagens é amadurecida, o grupo logo começa a traçar planos e a buscar meios para concretizá-los. O processo para colocar o plano em prática requer tempo. A narradora registra as intenções do movimento e a procura de um lugar propício para explodir, como uma ponte, por exemplo, inviabilizando a passagem dos alemães. Na metade de novembro de 1943 os primeiros ataques começam a acontecer. Sobre essa explosão ela relata o processo de reuniões, escolha do ponto exato, das pessoas, e dá detalhes das conclusões. Paolo está sempre presente em algumas ações e é inevitável a preocupação de Ada. Ela também demonstra vontade de participar, mas é advertida e reconhece que no momento é melhor que estivesse na retaguarda (GOBETTI, 2014, p. 29). No parágrafo final correspondente ao dia 16 de novembro de 1943, Ada resume o que

⁹²Tradução nossa de “24 settembre. Da Susa, con la bicicletta di Silvana, sono andata a Bussoleno, dove non ho trovato nulla; ma a metà strada, tra Bussoleno e Bruzolo, proprio davanti a San Giorio, ecco un palo dell’alta tensione abbattuto e i tedeschi in torno affaccendati a rimmetterlo in piedi. Il mio cuore s’è messo a battere forte: dunque i <<ribeli>> ci sono se compiono atti di sabotaggio. Animata da nuova speranza, ho continuato le mie ricerche a Bruzolo e a Borgone: fingendomi la desolata sorella d’un disperso, ho interrogato tutti i panettieri, tutti i tabaccai, tutti quelli che incontravo. Non ho saputo nulla, e son convinta che non c’è nulla. D’altra parte, mentre me ne tornavo indietro un poco delusa, mi son convinta sempre di più che le bande eventuali non possono essersi collocate su quel versante arido, scoperto, senza risorse. Sarà più logico cercarle dall’altra parte ch’è una regione ricca di boschi, di grange, di pascoli” (GOBETTI, 2014, p. 15).

⁹³Tradução nossa de “A che serve se tutti mi conoscono? E poi, se dico il mio vero nome, ogni diffidenza cade; e anche dal punto di vista della polizia, la mia vera identità ha dei vantaggi” (GOBETTI, 2014, p. 19).

pretende o grupo e como serão realizadas as ações naquele período. No trecho aparece a figura de don Foglia, um capelão de Val Susa que participa do movimento:

Ele [Paolo] também me falou com entusiasmo de don Foglia, me narrou as aventuras das inspeções nas pontes (Volante, surpreendido pelos militares da guarda, saiu da situação espiritualmente, abaixando depressa as calças e fingindo estar envolvido em uma necessidade natural), me inteirou sobre o programa dos próximos dias. Irá a Mattie para encontrar os homens de Ugo que guiará no meio dos bosques evitando a cidade. Pernoitarão em Losa ou em Frais e no dia seguinte chegarão no ponto em Exilles em que don Foglia pegará os homens para levá-los à ponte. Paolo voltará: lhe agradaria participar do golpe, mas acha que não será possível, porque, combinando ao mesmo tempo o transporte das famosas armas de Frais a Susa, haverá a necessidade dele aqui. (GOBETTI, 2014, p 30)⁹⁴.

Em diversos momentos Ada nos dá sinais de uma estilística versátil, com boas descrições e sutilezas de ironia que deixam o texto mais leve, mesmo em se tratando de tempos difíceis. Na realidade, a passagem é composta da atualização dos próximos golpes, precedendo o trecho apresentado anteriormente. Alguns integrantes do grupo se reúnem e recebem a presença de convidados de Susa, políticos que devem participar da reunião. Os elementos ainda não são conhecidos e quando chegam parecem bem caricatos tentando se disfarçar e isso beira o cômico para Ada e um amigo:

Estava-se discutindo (...) quando chegou Barberis ofegante, me advertindo que estavam chegando os amigos de Susa, os elementos políticos dos quais tinha me falado. E de fato, poucos minutos depois, olhando pela janela, vimos vir pela estrada um curioso cortejo: dez ou doze pessoas que demonstravam não estar juntos, embora formando um grupo grande. E, de propósito mesmo, todos vestidos lugubrememente de preto (apenas um, mais jovem, tinha uma jaqueta aberta clara) e com algumas anomalias físicas estranhas: um tinha uma bandagem no olho, um outro uma grande verruga na testa, um terceiro um princípio de papa. E vinham lentamente; e havia quem parava para contemplar a paisagem, quem se abaixava para procurar alguma coisa (cogumelos ou violetas?) nas folhas secas ao pé da estrada. Por fim as crianças que estavam brincando na trilha interromperam o jogo ficaram de boca aberta ao vê-los. Certamente atrás de cada janela da aldeia havia alguém que observava, atônito e preocupado. Se fossem os famosos

⁹⁴Tradução nossa de “Anche lui [Paolo] m’ha parlato com entusiasmo di don Foglia, mi ha narrato le avventure dell’ispezione ai ponti (Volante, sorpreso dai militari di guardia, se l’era cavata spiritosamente, abbassandosi in fretta i calzoni e fingendosi intento a un bisogno naturale), mi ha precisato il programma dei prossimi giorni. Andrà a Mattie a incontrare gli uomini di Ugo che guiderà attraverso i boschi evitando i paesi. Perneranno alla Losa o al Frais e il giorno dopo raggiugeranno un punto sopra Exilles in cui don Foglia prenderà in cosegna gli uomini per portarli al ponte. Paolo tornerà indietro: gli piacerebbe partecipare al colpo, ma pensa che non sarà possibile, perchè, combinandosi contemporaneamente il trasporto delle famose armi dal Frais a Susa, ci sarà qui bisogno di lui” (GOBETTI, 2014, p. 30).

espíões dos quais se espalham boatos estaríamos perdidos; mas por sorte não são.

Observando a estranha procissão, Sergio e eu trocamos olhares e não sabíamos se ríamos ou chorávamos (GOBETTI, 2014 p. 25-26)⁹⁵.

A cena continua com Ettore recebendo os recém-chegados, seguido do discurso de um dos membros, o que para um dos amigos de Ada é inoportuno e até engraçado. Nas palavras de Ada eles teriam vindo, a principio para “fazer discursos nostálgicos (...) a visita até mim devia ser essencialmente uma peregrinação sentimental” (GOBETTI, 2014, p. 26)⁹⁶. Apenas depois das manifestações emotivas é que são feitas as resoluções da reunião e o que surpreende Ada e seu amigo é a dedicação que eles têm em cumprir seu papel: “aqui estava um jovem louco que tranquilamente, implacável, colocava diante deles, tarefas precisas” (GOBETTI, 2014, p. 27)⁹⁷.

No mês de novembro de 1943 há um período em que faltam as anotações diárias, isso acontece ao longo da obra, mas há razões mais específicas nesse período. Entendemos que nesta fase suas atenções se voltaram ao grupo, à organização de operações, e ao seu filho que participou das ações. Quando sente que falta uma parte na narrativa, e é necessário preencher as lacunas, ela o faz e nos assegura que se recorda perfeitamente. Ela recompõe a narrativa a partir de 17 de novembro. Aquele dia ela tenta realizar sua rotina regular, o que é difícil, pois está preocupada com o filho, que sai para sua primeira ação e as condições climáticas não são favoráveis. A neve não parava de cair, o que poderia comprometer o sucesso da ação. Paolo, muitas vezes, é o principal motivo do

⁹⁵Tradução nossa de *“Si stava discutindo (...) quand’ecco arrivare Barberis ansante, ad avvertirmi che stavan per giungere gli amici di Susa, gli elementi politici di cui m’aveva parlato. E infatti, pochi minuti dopo, guardando dalla finestra, vedemmo venir su per la strada un curioso corteo: dieci o dodici persone che ostentavano di non essere insieme, pur costituendo un gruppo cospicuo. E, manco a farlo apposta, tutti vestiti lugubrememente di nero (uno solo, più giovane, aveva una giacca a vento chiara) e con delle strane anomalie fisiche: uno aveva una benda sull’occhio, un altro una grossa natta sulla fronte, un terzo un principio di gozzo. E venivan su piano piano; e chi si fermava a contemplare il paesaggio, e chi si chinava a cercar qualcosa (funghi o violete?) nelle foglie secche ai lati della strada. Persino i bambini che stavan giocando sul sentiero interrompero il gioco e rimasero a bocca aperta a guardarlo. Certo dietro ogni finestra della borgata c’era qualcuno che osservava, stupito e preoccupato. Se ci fossero le famose spie di cui si vocifera si starebbe freschi; ma per fortuna non ci sono./ Osservando la strana processione, Sergio e io ci scambiammo uno sguardo; e non sapevamo se piangere o ridere”* (GOBETTI, 2014, p. 25-26).

⁹⁶Tradução nossa de *“far dei discorsi nostalgici (...) la visita a me doveva esser essenzialmente um pellegrinaggio sentimentale”* (GOBETTI, 2014, p. 26).

⁹⁷Tradução nossa de *“ecco um giovane forsennato che tranquillamente, implacabile, poneva dinanzi a loro compiti precisi”* (GOBETTI, 2014, p. 27).

silêncio de Ada, é recorrente a lacuna na narrativa do diário quando seu filho vai para alguma ação, ou passa por algum apuro.

Ada passa um longo tempo insistindo na angústia e preocupação com o filho e chega a reconhecer que suas inquietações tenham sido excessivas, mas naqueles dias ela só se tranquilizou depois de prometerem que a levariam ao encontro de Paolo: “Agora, repensando, entendo como pode parecer excessiva este meu desespero (...). Eu estava obsecada pelas hipóteses mais terríveis e mais absurdas” (GOBETTI, 2014, p. 32)⁹⁸. Quando recebe notícias dele, por meio de um dos cabeças da ação, ela se tranquiliza, mesmo sem vê-lo, e isso se reflete no seu estado de ânimo nos momentos seguintes e na própria narrativa.

Conforme esses sentimentos a afetam, ela transforma suas sensações em imagens usando o clima para expressar seu estado de espírito. Naqueles dias o tempo estava fechado e nevava muito, um inverno típico. No instante que tem notícias de Paolo, a sua atmosfera se transforma em primavera. Essa é uma característica recorrente no texto de Ada, muitas vezes ela utiliza as estações do ano para imprimir seu estado de ânimo: o inverno sempre vem acompanhado de um estado de ânimo tenso, às vezes triste, e a primavera inverte a atmosfera e trazendo esperança: “Meu Deus! Então estava vivo e não muito longe. Fechei os olhos: em volta não havia mais neve, mas prados floridos abaixo do céu todo azul” (GOBETTI, 2014, p. 35)⁹⁹. As ausências de Paolo também acontecem periodicamente, seja para uma ação ou para se refugiar. Em todos os momentos que isso acontece, percebemos uma narradora aflita mesmo com os assuntos do cotidiano, sua inquietação continua até que Paolo volte e ela reconheça seus excessos de preocupação. Suas chegadas são sempre um alívio:

[...] eu tive a alegria de recolocar Paolo na sua cama, como se não fosse um partigiano e um atravessador de montanhas, mas a criança do passado. (...) Como quem acabou de sair de um longo túnel escuro, ainda não posso acreditar na maravilhosa realidade do sol (GOBETTI, 2014, p. 267-268)¹⁰⁰.

⁹⁸Tradução nossa de “*Ora, ripensandoci, capisco come possa apparire eccessiva questa mia disperazione (...). Le ipotesi più terribili e più assurde m’ossessionavano*” (GOBETTI, 2014, p. 32).

⁹⁹Tradução nossa de “*Dio mio! Era vivo e non molto lontano. Chiusi gli occhi: intorno non c’era più neve, ma prati fioriti sotto un cielo tutto azzurro*” (GOBETTI, 2014, p. 35).

¹⁰⁰Tradução nossa de “*...io ebbi la gioia di rimboccare Paolo nel suo letto, come se non fosse un partigiano e un valcatore di monti, ma il fanciullo d’un tempo. (...) Come chi, appena uscito da una lunga galleria oscura, ancor non possa credere alla meravigliosa realtà del sole*” (GOBETTI, 2014, p. 267-268).

As vantagens de se escrever um diário é poder relatar nele os dias mais atípicos que se contrapõem aos mais comuns, por exemplo, em um segmento de dias entre os meses de novembro e dezembro, em que podemos perceber a diversidade entre um dia e outro relatados. No diário, também é possível expor as impressões e sentimentos que a diarista viveu naquele momento, contrastando as cenas em um espaço curto de tempo, por exemplo, em 28 de novembro de 1943, relatado como um dia calmo e pacífico de modo que, para quem vivia num estado de exceção, parecesse viver na normalidade, a autora até tem tempo para se distrair lendo, vendo imagens em um estereoscópio antigo (GOBETTI, 2014, p. 44). E diante da realização desses atos, tão raros nessa época, ela reflete sobre as perdas que estão vivendo em relação às aquisições positivas do passado:

A tarde transcorreu pacificamente. Paolo me mostrou alguns estereoscópios de Paris e eu li para ele Paul Fort. Mas como tudo isso parece longe! Os estereoscópios, feitos pelo tio, são dos primeiros anos do '900; mas talvez não seja daquele tempo a civilização que amamos e que nos ficou no coração como uma nostalgia incurável? E tudo isso não está morto, morto para sempre, em junho de 1940, morto porque devia morrer? (GOBETTI, 2014, p. 44)¹⁰¹.

Poucos dias depois, essa atmosfera branda passa, e as notícias ruins começam a chegar entre o fim de novembro e a entrada de dezembro: uma emboscada surpreende o chefe dos rebeldes de Susa, o qual consegue escapar a nado, mas os outros integrantes que o acompanhavam foram mortos. No dia seguinte, mais prisões e golpes aconteceram muito próximos aos membros, revelando que certamente teria havido alguma denúncia. Uma bomba cai perto da casa onde o grupo está reunido e Ada pensa sobre esse ataque e sobre como seria irônico se essas pessoas, que vivem correndo riscos em combates, morressem esmagadas sob os escombros (GOBETTI, 2014, p. 45).

Dezembro de 1943 é um mês marcado por um inverno cruel e por muitas notícias que desestabilizam o grupo. Por conta das prisões e mortes, eles precisam reagir e voltar a se organizar. Diante de todos os contratemplos, Ada Gobetti dá atenção a uma declaração de um casal *partigiano* que decide ficar noivo. Isso a

¹⁰¹Tradução nossa de “*Il pomeriggio è trascorso pacificamente. Paolo m’ha mostrato delle stereoscopiche di Parigi e io gli ho letto Paul Fort. Ma come tutto questo sembra lontano! Le stereoscopiche, fatte dallo zio, son dei primi anni del ‘900; ma non è forse di quel tempo anche la civiltà che abbiamo amata e che ci è rimasta in cuore come un’inguaribile nostalgia? E tutto questo non è morto, morto per sempre, nel giugno 1940, morto perché doveva morire?*” (GOBETTI, 2014, p. 44)

deixa muito emocionada, pois, para ela, essa atitude é corajosa e, nascendo em meio aos perigos da opressão daquela época, demonstra um sinal de esperança. O casal é Vittorio Foa e Lisetta Giulia, e representam a perspectiva de um futuro para a juventude italiana. Em meio a essa interrupção positiva de Ada, dezembro é um mês conturbado, os *partigiani* tentam fazer contatos arriscados com ingleses no Centro-Sul, na tentativa de fazer alianças e garantir o avanço das tropas. A virada do ano de 1943 para 1944 é de comemoração pelo sucesso de uma ação *partigiana* que culminou na explosão de uma ponte em Arnodera, uma aldeia no norte de Turim, no dia seguinte ao aniversário de dezoito anos de Paolo (GOBETTI, 2014, p. 54).

Este mês também é importante para a experiência de Ada e sua contribuição para o movimento: ela é convidada para organizar as mulheres, tarefa que não a agrada de início, como ela confessa no diário: “...teria recusado, sem dúvida, se Mario, por alguma obscura razão política, não tivesse dito que deveria aceitar” (GOBETTI, 2014, p. 44)¹⁰². Porém, ao longo do diário ela demonstra simpatia e se empenha no projeto de conscientização das mulheres, o que gera resultados positivos para o movimento, pois o que começa com a intenção simplória de transmitir noções políticas do movimento às mulheres se transforma em engajamento e emancipação feminina. Durante as passagens, Ada demonstra animação com o empenho das mulheres que, se eram ignorantes em matéria de política no início, ficam empenhadas de tal maneira que chegam a ser um grupo consolidado com suas próprias reivindicações, além de serem capazes de produzir conhecimento com as produções das revistas femininas:

10 de dezembro. Hoje veio até mim uma mulher comunista falar sobre a organização feminina da qual deverei me ocupar. (...) A organização se chama “Grupo de defesa da mulher e para a assistência aos combatentes da liberdade”. Não me agrada; em primeiro lugar é muito longo; e depois por que “defesa” da mulher e “assistência” etc? (...) li o esboço de um panfleto que os Grupos deveriam distribuir; e o tom me pareceu justo. Não se fala absolutamente de direitos femininos, como se poderia pensar com a palavra “defesa”; ao contrário, se busca explicar às mulheres simples o significado da nossa guerra e como, enquanto mulheres, poderão colaborar (GOBETTI, 2014, p. 50-51)¹⁰³.

¹⁰²Tradução nossa de “...avrei senz’altro rifiutato se Mario, per una qualche oscura ragione politica, non m’avesse detto che dovevo accettare” (GOBETTI, 2014, p. 44).

¹⁰³Tradução nossa de “10 dicembre. Oggi è venuta da me una donna comunista a parlarimi dell’organizzazione femminile di cui dovrò occuparmi. (...) L’organizzazione si chiama <<Gruppi di difesa della donna e per l’assistenza ai combattenti della libertà>>. Non mi piace; in primo luogo è troppo lungo; e poi perché <<difesa>> della donna e <<assistenza>> ecc? (...) ho letto l’abbozzo d’un manifestino che i Gruppi dovrebbero diffondere; e il tono m’è parso giusto. Non vi si parla affatto di diritti femminili, come poteva far pensare la parola <<difesa>>; si cerca invece di spiegare

Ada Gobetti possuía tal maturidade e emancipação que não via necessidade em se criar um grupo para defender as mulheres e também não via com bons olhos a tal assistência aos combatentes, e esses termos, a princípio, faziam com que a representação feminina no grupo parecesse secundária. O tema do feminismo, aparentemente, não estava em pauta para Ada e sim a luta de igualdade era de suma importância. Antes de coordenar o grupo feminino, ela se questionava se havia realmente uma questão feminina, com toda a situação em que vivia o país. Para a autora, homens e mulheres deveriam estar unidos por um bem comum, talvez porque ela fosse uma mulher independente e já tivesse se ocupado de questões femininas na juventude.

Depois que se propõe a trabalhar com os grupos de defesa das mulheres, a primeira reunião acontece no apartamento de uma das integrantes, Irma Zampini, representante do partido liberal, apesar de o grupo ser de inclinação comunista. Logo de início, Ada confessa que sua impressão é de que o grupo já está tomando forma (GOBETTI, 2014, p. 83). No decorrer das reuniões, as mulheres trabalham na produção de um jornal voltado para os grupos das mulheres, o jornal deve se chamar "*Noi donne*" (Nós mulheres), e obviamente, Ada manifesta sua opinião no diário: "Realmente o nome não me entusiasma, mas aceitei sem dúvida quando me disseram que já foi o nome de um jornal feminino na Espanha, durante a revolução, e na França" (GOBETTI, 2014, p. 126)¹⁰⁴. Paralelamente a este empenho, Ada continua auxiliando nos trabalhos do movimento como a elaboração de documentos, pois, segundo ela, se especializou em falsificar a assinatura do engenheiro Giuglini, para documentos de trabalhadores da Fiat (GOBETTI, 2014, p. 126).

O grupo de defesa das mulheres é de origem comunista, e ainda não há muito interesse das outras vertentes ideológicas em formar um grupo como este. Porém, já que se formou um grupo destinado às mulheres, Ada pensa em sustentar essa ideia de formar um CLN feminino, mantendo a independência partidária e uma união com as outras linhas ideológicas, assim como são os *partigiani*, no entanto o grupo de defesa preferiu manter as mulheres do grupo restritas ao comunismo.

alle donne semplice il significato della nostra guerra e come, in quanto donne, possano collaborarvi" (GOBETTI, 2014, p. 50-51).

¹⁰⁴Tradução nossa de "*Veramente il nome non mi entusiasma, ma l'ho accettato senz'altro quando m'han detto ch'è stato già il nome d'un giornale femminile in Spagna, durante la rivoluzione, e in Francia*" (GOBETTI, 2014, p. 126).

Nesses mesmos moldes também surgiu o movimento *Giuventù d'azione* (Ação jovem).

Ao longo da obra podemos observar que a narradora nunca deixa de dar informações sobre o andamento do grupo das mulheres. Outros jornais foram formados pelos grupos, um deles sob o título de “*La nuova realtà*” (A nova realidade). Na opinião de Ada, o jornal exprimia a vontade da nova realidade que homens e mulheres queriam criar para o amanhã, ou seja, aproximava o desejo de ambos os sexos.

A autora se mostra cada vez mais envolvida e admirada com a evolução das mulheres e vê, assim, o valor efetivo de seu trabalho. Até no momento da liberação o grupo está presente, e as mulheres merecem uma consideração feita por Ada nos momentos finais da Resistência:

25 de abril. (...) Cada uma das minhas mulheres sabe onde deve ir, com quem fazer contato, o que fazer. Aquelas que têm, por sua vez, responsabilidades organizativas ou de grupo, encontraram hoje as suas adeptas e, na última reunião, ocorrida esta noite na casa de Natalia, relataram a mim os resultados. Parece que tudo vai bem. Não há bairro ou organização em que não tenhamos a nossa representante. Um enxame de garotas munidas de bicicletas fará as comunicações; no caso deplorável de os inimigos explodirem as pontes sobre o Po, Mila Montalenti dispõe de um barco com o qual atravessaríamos o rio: e assim nem o Oltrepo ficará isolado (GOBETTI, 2014, p. 399)¹⁰⁵.

Em janeiro de 1944 começam as repressões mais rígidas do inimigo. Também em Turim começaram as “limpezas” feitas em forma de recrutamento, investigando as casas e os moradores. Isso deixa Ada preocupada com seu filho e com os demais jovens do grupo, por isso precisa extinguir as provas que escondia em sua casa. Uma série de acontecimentos culmina na visita de oficiais, como: a pressão do diretor, na escola em que trabalhava, incitando os funcionários a informar o ano de nascimento de seus filhos, ao qual ela responde que tem um filho nas condições de ser recrutado, mas não informa o local de seu paradeiro. Depois, ainda é intimada para prestar esclarecimentos sobre a existência e a localização de

¹⁰⁵Tradução nossa de “*25 aprile. (...) Ognuna delle mie donne sa dove deve andare, con chi mettersi a contatto, che cosa fare. Quelle che hanno alla loro volta responsabilità organizzative o di gruppo han radunato oggi le loro adeptes e nell’ultima riunione tenutasi questa sera in casa di Natalia m’han riferito i risultati. Pare che tutto vada bene. Non c’è quartiere, organizzazione in cui non abbiamo la nostra rappresentante. Uno sciame di ragazze munito di biciclette provvederà ai collegamenti; nel deprecato caso che i nemici facessero saltare i ponti sul Po, Mila Montalenti dispone d’una barca con cui attraversare il fiume: e così neanche l’Oltrepo rimarrà isolato*” (GOBETTI, 2014, p. 399).

seu filho, respondendo firmemente que não sabe sobre seu paradeiro (GOBETTI, 2014, p. 68).

Eles ficam em estado de alerta, principalmente, depois de um telefonema de Ettore com uma frase codificada que significaria que algo estaria errado, esta frase era sempre utilizada para momentos como este. “A tia Ada estava mal” (GOBETTI, 2014, p.59), este era o código para alertar o grupo. No final do mês de janeiro a casa de Ada recebe a visita dos militares. A família não está totalmente desavisada, a visita é arriscada, mas a família demonstra segurança. Era de manhã e Paolo ainda estava dormindo, ele corria mais perigo na casa, por ter acabado de completar dezoito anos. Os momentos narrados na obra são aflitivos, e o efeito do texto é capaz de contagiar até mesmo o leitor. Algumas ruas estavam bloqueadas, e não dariam acesso, caso fosse preciso fugir. Graças ao atraso de Paolo no banho, ele consegue se safar:

Assim que [Paolo] entrou no banho chamaram na porta. Corri para abrir: eram dois clássicos policiais (...). Ettore, intervindo, levou um ao seu quatinho, aterrorizando-o com a sua desordem sem precedente. Eu introduzi o outro no estúdio. (...) No quatinho próximo a cozinha havia várias malas, usadas geralmente para o transporte de impressos clandestinos, que pareceu interessá-lo muito; mas naturalmente não tinha nada dentro. – Vazias. – comentei com ironia percebida apenas por mim. (...) Saindo pelo corredor, vi Ettore que, depois de ter mostrado ao outro agente o quarto de Paolo, dizendo “quarto de dormir”, abria a porta do banheiro, anunciando tranquilamente: - E aqui está o banheiro. – Muito bem - disse o agente, (...) o banheiro não é em direção à porta e, por isso, não tinha visto que dentro tinha alguém. (...) quando ficamos sozinhos, com alívio e uma grande vontade de rir, nos perguntamos se devíamos agradecer a estupidez dos agentes, a impassibilidade de Ettore, ou a indiferença estúpida minha e de Paolo (GOBETTI, 2014, p. 63)¹⁰⁶.

Depois, a narradora percebe que foi melhor ter confiado no instinto e no modo como as coisas se resolveram, pois concluiu que, se Paolo tivesse saído de casa, ele teria sido abordado pelos oficiais, pois só havia um único caminho, o mesmo que os policiais tomaram.

¹⁰⁶Tradução nossa de “*Era appena entrato nel bagno quando suonarono alla porta. Corsi ad aprire: erano due classici poliziotti (...) Ettore, sopravvenuto, ne portò uno nel suo stanzino, terrorizzandolo col suo inaudito disordine. Io introdussi l'altro nello studio. (...) Nello stanzino preso la cucina c'erano varie valigie, usate di solito per il trasporto della stampa clandestina, che parvero molto interessarlo; ma naturalmente dentro non c'era nulla. – Vuote. – commentai con ironia a me sola percettibile. (...) Sbucando nel corridoio, vidi Ettore che, dopo aver mostrato all'altro agente la stanza di Paolo, dicendo <<stanza da letto>>, spalancava la porta del bagno, annunciando tranquillamente: - E qui c'è il bagno. – Benissimo – disse l'agente (...) il bagno non è in direzione della porta e non aveva perciò neanche visto che dentro c'era qualcuno. (...) rimasti soli, con sollievo e una gran voglia di ridere, ci chiedemmo se dovevamo ringraziare la stupidità degli agenti, o l'impassibilità di Ettore, o la stolida indifferenza mia e di Paolo*” (GOBETTI, 2014, p. 64).

Com os jovens sendo coagidos a se apresentarem, a saída que a família encontrou foi o afastamento do rapaz e de outros garotos, enviando-os para Val Germanasca, localizada próxima às montanhas de Turim, no início do mês de março de 1944. Mesmo sabendo que seria para se prevenir do recrutamento compulsório, o momento da separação gera um abatimento por conta das circunstâncias. Ada se convencia de que o refúgio era um bom lugar. Os refugiados andavam armados, deliberadamente, sem se preocuparem com a fiscalização e, por conta do lugar ser na região montanhosa e de difícil acesso, eles viviam livremente. Para Ada, que acompanha a viagem e conhece o lugar na ocasião, o clima em que viviam as pessoas era de normalidade, e não aparentavam ter medo, e esta era a verdadeira liberdade (GOBETTI, 2014, p. 75).

Porém, na metade do mês, chega a notícia de que Germanasca estava em estado de alerta, a única notícia que chega é a de que o vale teria sido atacado, e até o momento não se sabiam as condições. A conclusão vem na entrada seguinte, em que ela recupera os dias que deixou passar por conta de sua apreensão e busca por notícias de Paolo e o que teria acontecido em Germanasca. Realmente, os alemães haviam atacado o lugar e os arredores: foram com um caminhão com armas, rádio e um canhão. Além de passar informações, neste espaço de recomposição da memória, ela faz algumas reflexões sobre a morte, compartilhamento da dor e sobre a fé, relacionado ao empenho *partigiano*. A autora expõe seus pontos de vista por conta das vidas que se arriscaram constantemente, em especial a de um jovem, Davide, que acaba sendo morto, e pelas incertezas que a falta de informação lhe causaram.

Ao contar sobre sua volta à Germanasca, ela relembra que os alemães haviam dominado a área e recupera o clima do dia e a atmosfera de morte, diferente do que encontrou quando esteve lá anteriormente. Sua volta ao local acontece, para ver como está a situação depois dos ataques e, principalmente, para encontrar seu filho ou obter informações sobre ele. As informações que consegue são de que os *partigiani* poderiam estar atrás das montanhas, e que haviam combatido muito. Apesar de estar aflita com o desaparecimento e ver que não é seu filho que está morto, a imagem não causa alívio, mas sim solidariedade a cada mãe e a cada filho que se sacrifica pela luta. Em muitos momentos, no decorrer do diário, quando se depara com companheiros mortos, principalmente jovens, Ada faz alguma nota remanescente, em demonstração de apoio e gratidão àquelas vidas.

Ela se mostra tão inconsolável com a situação que não reconhece o sentido na beleza das violetas, que nasciam na virada da estação, como se nascer uma vida nova fosse inútil naqueles tempos: “(...) Mas por que, por que nascem ainda as violetas nesta terra? Para que servem?” (GOBETTI, 2014, p. 90)¹⁰⁷. Ela ainda lembra que nesse momento, para quem tem fé, pode ser reconfortante, quando vê escrito na fachada de um templo: “Eu sou a ressurreição e a vida”. Para ela essas palavras poderiam ser alentadoras, mesmo que não literalmente, então ela faz sua interpretação particular daquelas palavras, evidenciando o ideal *partigiano*:

Mas havia naquelas palavras um conforto, mesmo sem querer tomar o sentido literal. O que sustentava os homens que naquela hora combatiam e morriam naquele vale, na Itália, no mundo, se não a fé em algo superior às suas vidas individual e circunstancial – algo que alguns chamavam de Deus e outros de pátria, e outros liberdade e justiça social e democracia – mas que era ainda fundamentalmente algo em que se podia sacrificar a própria vida mortal por que havia nela uma certeza de eterna ressurreição? (GOBETTI, 2014, p. 91-92)¹⁰⁸.

Ada retorna às suas anotações no diário depois que seu filho volta para casa, terminando seu empenho de encontrá-lo bem, e voltando ao seus trabalhos de costume. Ela fica satisfeita com a volta dele, mas não menos incomodada com as vidas perdidas nesse episódio. Ela volta a escrever no mês seguinte, abril.

A metade do ano de 1944 é marcada por prisões e fugas ameaçando a clandestinidade do grupo, pois a ação dos alemães estava cada vez mais enrigecida. Em certos momentos o grupo é pego de surpresa e precisa fazer uma reorganização rápida, alguns planos precisam ser reelaborados e a casa de Turim não pode ser mais usada como refúgio e para reuniões, alertadas por um bilhete que dizia: “a tia Ada estava mal”, desta vez não se podia ir ao encontro dela, pois estava com uma doença contagiosa, justamente para evitar as visitas em Turim. Essa falta de um ponto de referência deixa Ada inquieta. E a essa altura Paolo dirigia sua primeira sabotagem de grande proporção: explodir os postes de uma ferrovia. (GOBETTI, 2014, p.156).

¹⁰⁷Tradução nossa de “*Ma perché, perché nascono ancora le viole su questa terra? A che servono?*” (GOBETTI, 2014, p. 90).

¹⁰⁸Tradução nossa de “*Ma c’era in quelle parole um conforto, anche a non volerle prendere in senso letterale. Che cosa sosteneva gli uomini che in quell’ora combattevano e morivano in quella valle, nell’Italia, nel mondo se non la fede in qualcosa di superiore alla loro vita individuale e contingente – qualcosa che alcuni chiamavano Dio e altri patria, e altri libertà e giustizia sociale e democrazia – ma ch’era pur sempre fundamentalmente qualcosa a cui si poteva sacrificare la propria vita mortale poiché c’era in essa una certezza d’eterna resurreizione?*” (GOBETTI, 2014, p. 91-92).

A resposta a tantas sabotagens acontece logo. Algumas casas passam a ser alvo de observações e correm o risco de serem queimadas enquanto outras são efetivamente incineradas. Parece que, ao tratar deste assunto no diário, ela tenta produzir um contraste na narrativa, construindo uma imagem do céu cuidando para que esta imagem seja melhor do que a cena das casas queimando diante de seus olhos, uma contradição quase irônica, pois enquanto o céu está intacto e perfeito, a terra está em ruínas:

7 de agosto. O sol se pôs depois de ter brilhado o dia todo, sereno e indiferente, sobre o mundo e no céu; incontáveis estrelas floresceram. Mas línguas de fogo ainda se erguem dos casebres destruídos, com súbitas erupções de faíscas; nuvens densas de fumaça ainda entristecem as copas verdes das árvores; e em toda parte se demora, estagnado, o odor pungente do incêndio. Paira sobre todo o silêncio fora do comum um súbito crepitar de chamas, um lamento animalesco, um choro de criança que irrompe de repente, fazendo estremecer o coração. O país, ferido e dilacerado, não dorme; como um doente, depois de uma grave crise, cochilou por um momento, mas os seus membros abalados foram percorridos por dolorosos espasmos.

Olho em volta. A minha casa está intacta; nas paredes estão pendurados os quadros e as fotografias do tempo feliz; ali estão os livros, as flores. E ainda não consigo me dar conta do milagre (GOBETTI, 2014, p. 167)¹⁰⁹.

Para Ada a escala de valores muda durante a Resistência, pois percebe que a luta pela sobrevivência é maior que qualquer trabalho intelectual, quando sua reflexão chega a esse ponto: ela deve escolher, entre suas coisas e aquelas que lhe seriam mais úteis e de extrema urgência. O cerco parece se fechar para os *partigiani*, os oficiais alemães foram até a casa de Ada e a revistaram; com sorte ela consegue livrar todas as pistas que teria de Paolo, mas seu diário é apreendido, porém ela consegue ludibriar o inimigo com sucesso. Toda essa situação causa mal-estar e, percebendo o perigo iminente, ela já não vê utilidade no trabalho intelectual em tempos de guerra. O tom é de revolta, na realidade pode-se perceber que são palavras ditas no momento de desespero, quando deve escolher entre as coisas que seriam necessárias ou não:

¹⁰⁹Tradução nossa de “7 agosto. È tramonto il sole dopo aver brillato per tutto il giorno, imperturbato e indifferente, sul mondo e nel cielo; e son fiorite le stelle, innumerevoli. Ma ancora guizzi di fuoco si levano dai casolari distrutti, con eruzioni improvvise di scintille; ancora nubi dense di fumo intristiscono le chiome verdi degli alberi; e ovunque indugia, stagnante, l’acre odore dell’incendio. Grava su tutto un silenzio innaturale che un improvviso crepitar di fiamme, un lamento di bestia, un pianto di bimbo rompono a tratti, facendo trasalire il cuore. il paese, ferito e straziato, non dorme; come un malato, dopo una grave crisi, s’è per un momento assopito, ma le sue membra sconvolte sono ancora corse da fremiti dolorosi./ Mi guardo attorno. La mia casa è intata; alle pareti sono appesi i quadri e le fotografie del tempo felice; ci sono i libri, i fiori. E ancora non so redermi conto del miracolo” (GOBETTI, 2014, p. 167).

Eu também pensei que deveria tentar salvar qualquer coisa: as roupas de inverno, os sapatos, as cobertas. (...) Me vieram às mãos os volumosos manuscritos da tradução dos *Ensaio*s de Bacon e da correspondência Senior-Tocqueville (...) Mas hoje os abandonei sem nostalgia. “Não servem mais para nada – pensei. – Se escaparmos de tudo isso, farei outras coisas. O que me importa?”. Melhor colocar a salvo um par de meias de lã, talvez sirva, uma caixa de carne ou de leite condensado! Como se deslocou nesses meses a escala dos valores! Ontem o fruto do meu trabalho intelectual me parecia importante e precioso: hoje as coisas que contam são aquelas que servem às necessidades fundamentais da vida, a proteger do frio, a salvar da fome (GOBETTI, 2014, p. 171-172)¹¹⁰.

Na segunda metade do ano de 1944 começam a chegar informações de que algumas regiões, inclusive a França, estavam sendo liberadas, as notícias animadoras eram emitidas pela rádio Londres. As liberações eram consequência da luta *partigiana* e também do avanço dos aliados que conseguiram ultrapassar a Linha Gótica. Com exemplos de sucesso e liberações, o grupo de Turim se sente mais disposto a atacar o inimigo. E essa é uma época em que acontecem vários ataques da parte dos *partigiani*, pois eles contam com a desestabilização do inimigo, que vinha caindo em várias regiões, porém sofrem com respostas duras e ordens restritivas, como a proibição do uso da bicicleta. É só no mês de novembro que a casa de Ada volta a ser frequentada por muitas pessoas e para encontros do grupo.

No fim do ano de 1944, Ada, sua família e mais alguns companheiros estão a caminho da França, eles saem de Meana no dia 30 de dezembro. Durante o inverno de 1944-45, o diário fica desfalcado no que se refere às datas. A temporada na França não tem uma sequência de dias, porém, ela relata o tempo que esteve lá posteriormente. O trajeto feito é bastante complicado e cheio de imprevistos. Eles precisam tomar cuidado com as ameaças, principalmente porque atravessaram a fronteira clandestinamente, o caminho era complicado e com montanhas congeladas. O tempo que passou na França, incluindo os trajetos de ida e volta, são passagens muito bem trabalhadas pela autora, demonstrando aspecto de

¹¹⁰Tradução nossa de “*Anch’io pensai che avrei dovuto cercare di salvar qualcosa: gli indumenti invernali intanto, le scarpe, le coperte. (...) Mi vennero tra le mani i voluminosi manoscritti della traduzione dei Saggi di Bacone e del carteggio Senior-Torcqueville. (...) Ma oggi li abbandonai senza rimpianto. <<Non servono proprio a niente, - pensai. – Se usciremo da tutto questo, farò altre cose. Che cosa me ne importa?>> Meglio mettere in salvo un paio di calze di lana, magari rattoppate, una scatola di carne o di latte condensato! Come s’è spostata in questi mesi la scala dei valori! Ieri il frutto del mio lavoro intellettuale mi pareva importante e prezioso: oggi le cose che costano son quelle che servono ai bisogni fondamentale della vita, a riparar dal freddo, a salvar della fame” (GOBETTI, 2014, p. 171-172).*

posterioridade, de quem teve a oportunidade de elaborar melhor seu texto, refinando sua escrita, mesmo que ainda tenha característica de relato.

No país vizinho ficam hospedados em Grenoble, onde Ada se depara com a diversidade cultural que já conhecia e pela a qual demonstra muita simpatia, porém percebe rapidamente diferença na liberdade de expressão, algo que não tinham na Itália; a fartura de alimentos e o acesso fácil à cultura – teatro, cinema, exposições de arte – esses aspectos, que para os franceses podiam ser comuns, a deixam impressionada. “...era como um milagre poder comprar livremente jornais em que se liam notícias que poderiam ser estampadas apenas clandestinamente por nós” (GOBETTI, 2014, p. 305)¹¹¹.

Além disso, esta espécie de exílio na França, que durou pouco mais de um mês, foi bastante produtiva para a experiência *partigiana*: o grupo teve encontros com *partigiani* exilados e estabeleceram contatos com companheiros e intelectuais de grupos franceses que ajudariam, de certa forma, na luta italiana e uma série de outras aventuras e desventuras. Ada narra cada uma delas, mas trata de resumir em um parágrafo como um balanço de sua experiência no país vizinho, que detalha ao longo de sua narrativa. Percebemos que na França o grupo ostenta a sensação de liberdade da qual tanto sentiam falta na Itália:

[Foi] uma longa série de jornadas que se seguiram, ora alegres, ora tristes, ora serenas, ora ansiosas, mas todas dominadas por um curioso senso de irrealidade: como se não fôssemos realmente nós aquelas pessoas que habitavam Rochambeau, saíam pelas ruas de Grenoble, falavam com tanta gente, mas outros, que víamos viver com um senso de destaque, velado apenas de interesse, como se a nossa íntima essência vital permanecesse longe, do outro lado dos Alpes (GOBETTI, 2014, p. 307)¹¹².

Já de volta à Itália, no ano de 1945, e, conseqüentemente, retornando às anotações, Ada e sua família voltam ao modelo de vida italiano. Nos últimos dias do mês de fevereiro ela diz ter notado que o propósito do movimento talvez tenha mudado e não é mais o de intimidar aos poucos o inimigo, mas havia uma manifestação de preparo para uma possível insurreição. O grupo demonstrava força,

¹¹¹Tradução nossa de “...era come um miracolo poter comprare liberamente giornali in cui si leggevan notizie che da noi potevano esser stampate solo clandestinamente” (GOBETTI, 2014, p. 305).

¹¹²Tradução nossa de “... una lunga serie de giornate che se susseguirono, ora alegre, ora tristi, ora serene, ora ansiose, ma dominate tutte da um curioso senso d'irrealità: come se non fossimo veramente noi quelle persone che abitavano al Rochambeau, uscivano per le vie di Grenoble, parlavano con tanta gente, ma altri, che vedevamo vivere con un senso di distacco, velato appena d'interesse, come se la nostra intima essenza vitale fosse rimasta lontana, al di là delle Alpi” (GOBETTI, 2014, p. 307).

organização e certeza, já o inimigo demonstrava pânico e desespero percebidos por meio dos excessos que cometia. Os fascistas chegam a se disfarçar de *partigiani* e se camuflam em casas de operários e agridem pessoas ao menor sinal de perigo.

Entre os meses de março e abril, acontecem muitos encontros organizativos. Paolo tem uma febre que não baixa desde que estiveram na França, mas um fato muito importante foi uma pequena reunião entre representantes da futura administração comunal. Ada, que seria vice-prefeita, representaria o Partito d'azione, os outros eram socialistas, comunistas e democristianos. Ela explica que o representante comunista estava ausente, também desabafa que se sente insegura com a responsabilidade de resolver os problemas que surgirão e assegurar os interesses do povo: ela tenta discutir sobre os problemas dos desalojados, dos prisioneiros políticos que voltariam e a situação das famílias das vítimas. A certa altura, se abate quando percebe que talvez esses não sejam os mesmos interesses dos representantes. Em tom de brincadeira, um dos representantes vira-se para Ada, e lança uma ironia: “- Mas olha só as ideias revolucionárias que colocou na cabeça a nossa Ada! Ah, ah, cabecinha bizarra! Não acreditava que fosse tão bizarra!” (GOBETTI, 2014, p. 391)¹¹³. Ela confessa que sai da reunião se sentindo desencorajada e humilhada.

O final do diário marca o fim da Resistência e vitória *partigiana* em Turim em 25 de abril de 1945 com a chegada dos aliados no dia seguinte, sendo que no meio do mês as organizações estavam bastante avançadas, além disso os operários se organizaram em greves e toda a população começou a aderir ao movimento. Segundo Ada, os alemães não tinham tropa para conter as manifestações. No dia anterior ao da liberação, a narradora descreve os preparativos para as comemorações depois da liberação: todos levariam bandeiras vermelhas, símbolo do movimento GL. O dia da liberação, descrito no diário, parece iniciado com certa empolgação, pelo fato de ser a insurreição total, e ter a presença das mulheres que ela havia preparado. Porém, no final do relato do dia 25, ela declara que seu estado de ânimo era como se estivesse anestesiada, como se soubesse que, por mais que seu país estivesse liberado, a luta continuaria, como se intuisse os impasses depois que o movimento de Resistência se desfizesse e cada partido se reorganizasse no seu interior, assim ela tenta manter a serenidade:

¹¹³Tradução nossa de “- *Ma guarda un po' che idee rivoluzionarie s'è messa in testa la nostra Ada! Ah, ah, testolina bizarra! Non ti credevo così bizarra!*” (GOBETTI, 2014, p. 391).

É estranho, não me sinto minimamente excitada: nem ansiedade, nem preocupação, nem exaltação: estou extraordinariamente lúcida e tranquila. Mas é exatamente essa calma quase inconsciente o indício que sinaliza para mim a aproximação dos momentos mais graves (GOBETTI, 2014, p. 399)¹¹⁴.

Antes de finalizar sua obra, ela faz uma última entrada, como uma conclusão, em que tece considerações após reler seu diário, portanto são observações e reflexões sobre os dias que antecederam a liberação, inclusive explicando que sua falta de entusiasmo no dia 25 era por conta da espera de soluções conclusivas que definissem os próximos passos e o que esperava para o futuro. Ela até comenta as resoluções posteriores à insurreição e o fim da Resistência, pois a conclusão é datada em 28 de abril de 1949.

No dia seguinte, 26, ainda pairavam os sintomas de apreensão e estado de alerta, pois os alemães continuavam no local, um pouco mais discretos, apesar da notícia de que eles haviam ido embora, e os *partigiani* saíam armados e continuavam praticando pequenos golpes.

Sobre o fim da Resistência, para Ada é como se fosse a conclusão de um sonho. Era tudo aquilo de maior importância que ela prezava, pois representou a união das pessoas por um ideal, que agora se afastariam pelos mais diversos interesses:

Sim, tinha sido belo: aquele acordo, aquela cooperação, aquele estar, aquele trabalhar junto, aquele esquecer-se de si mesmo em todos os outros, aquele sentir-se parte de um todo. Agora, ao contrário, voltavam-se a ser indivíduos singulares, isolados, cada um com tendências, responsabilidades, ambições diversas. Era triste, mas era a realidade: e era preciso afrontá-la com coragem (GOBETTI, 2014, p. 413)¹¹⁵.

Esta conclusão é como se Ada se despedisse da Resistência e já se colocasse em outra luta: pelos ideais populares, contra a vaidade de quem lutaria pelo poder no pós-guerra. Segundo ela, não se podia deixar cair na normalidade,

¹¹⁴Tradução nossa de “È strano, non mi sento minimamente eccitata: nè ansia, nè preoccupazione, nè esaltazione: son straordinariamente lucida e tranquila. Ma è proprio questa calma quasi inconsciente il sintomo che segna per me l'avvicinarsi dei momenti più gravi” (GOBETTI, 2014, p. 399).

¹¹⁵Tradução nossa de “Sì, era stato bello: quell'accordo, quell'intesa, quell'essere, quel lavorare insieme, quel dimenticare se stessi in tutti gli altri, quel sentirsi parte di un unico tutto. Ora invece si ridiventava individui singoli, isolati, ognuno con tendenza, responsabilità: e bisognava affrontarla con coraggio” (GOBETTI, 2014, p. 413).

aparentemente reconquistada, o ideal de solidariedade e fraternidade que nasceu em 10 de setembro deveria continuar. Intuitivamente, ela afirma que a próxima batalha não seria contra ideais tão evidentes quanto ao da Resistência: contra a violência e crueldade, mas contra coisas mais vagas e imprecisas (GOBETTI, 2014, p. 419).

4.3 Entre a autobiografia e o diário

A comparação entre as duas obras é oportuna, pois contém pontos que se assemelham, como: o tema da Resistência como recorte temporal, o fato de ambas as autoras aderirem ao movimento, a perspectiva narrativa ser feminina e alguns assuntos serem recorrentes nas duas obras. Entre esses assuntos há episódios comuns, por exemplo: a relação de proximidade com a morte, algumas reflexões feitas a partir disso e a mudança de visão quanto ao valor do alimento e do vestuário, em relação a coisas supérfluas ou mesmo ao próprio trabalho intelectual. Por outro lado, as obras possuem pontos divergentes com relação à estrutura, o espaço narrativo, a época em que cada obra é narrada e o grau de maturidade tanto da escrita/narrativa quanto da atuação na luta.

A autobiografia de Carla Capponi e o diário de Ada Gobetti são dois exemplos de obras que representam a Resistência italiana e que foram produzidas em contextos diferentes, porém a partir da memória de uma e anotações de outra, elas conseguiram reconstruir suas experiências de militantes. As obras retratam a história do movimento *partigiano* tendo as autoras como protagonistas, pois destacam seu trabalho no movimento e como o grupo agia. São testemunhas *superstis*, que vivenciaram e sobreviveram à experiência de combate. Cada uma possui sua forma de trazer a lembrança à tona, seu estilo narrativo e principalmente seu momento de narrar, visto que as obras têm um longo distanciamento temporal uma da outra.

Como sabemos, os relatos proporcionam panoramas da Resistência em espaços diferentes. Assim, podemos perceber a característica do movimento no Centro (Roma), comandado pelo GAP, e no Norte (Turim), comandado pelo CLN. As narrativas também exploram os modelos de Resistência adotados em cada lugar. Em *Con cuore di donna*, Carla Capponi não participa das ações de imediato, pois o

grupo de Roma tinha certas reservas quanto ao trabalho das mulheres no combate, existia um grupo de apoio paralelo, eles ainda mantinham segredo nas ações que seriam executadas, e essas ações eram de caráter direto, em locais de alojamento ou grande concentração de nazifascistas, com o intuito de agir na fonte dos exércitos. A Resistência em Roma foi mais curta, porém bastante enérgica, tanto que a população acreditava na hipótese de serem terroristas.

No *Diario Partigiano*, Ada Gobetti é uma participante ativa, porta-voz do grupo, popular e interada de decisões importantes. Em Turim a luta tinha caráter mais discreto, no sentido de que executavam ataques que tentavam sabotar o trabalho do inimigo, impedindo seu avanço por meio da explosão de pontes e ferrovias. Por ser localizado próximo às montanhas, o grupo buscava refúgio nesses lugares. Turim também teve grande apoio popular com as greves de operários e ajuda de aldeões, aspecto importante para a insurreição.

Com relação à estrutura das obras, cada uma tem seu formato particular, determinando o gênero e definindo cada obra. Capponi narra suas memórias mais de sessenta anos após os acontecimentos, oferecendo à narrativa a característica de gênero autobiográfico. Ela precisa reconstruir boa parte de sua memória sozinha, mas sempre com o argumento de que estava reconstruindo a memória de muitos outros combatentes. Assim, essa era uma forma de homenagear e preservar o trabalho dos companheiros que não puderam registrar suas memórias:

Entendi que esta era a ocasião útil para revelar pessoas e fatos dos quais fui testemunha, e gostaria de saber transmitir aquele clima no qual se desenvolveu grande parte da minha vida, reconstruí-lo para os outros para que se torne também a sua memória (CAPPONI, 2009, p. 08)¹¹⁶.

Nesse modelo narrativo é necessário que se faça um esforço memorialístico, por isso, há uma espécie de elucubração, como forma de incentivar a regressão, com os motivos que a levaram a repensar sua história, a apresentação da tradição de sua família e a prévia dos vinte anos de fascismo, período em que passou sua juventude e que também foi decisivo para suas escolhas. Podemos entender o contexto em que a Itália estava inserida e que a escolha de Carla foi por uma causa na qual acreditava. Portanto, nesta obra, a introdução é importante para mostrar as

¹¹⁶Tradução nossa de “*Ho capito che questa era l’occasione utile per rivelare persone e fatti di cui sono stata testimone, e vorrei saper trasmettere quel clima nel quale si è svolta gran parte della mia vita, ricostruirlo per gli altri affinché diventi anche per loro memoria*” (CAPPONI, 2009, p. 08).

motivações que ela teve para lutar. No que se refere à época da Resistência e o oito de setembro, ela detalha os ataques mais importantes de Roma, nos quais participou, e alguns fatos da época que de alguma forma a marcaram, como as decisões do governo, acontecimentos no grupo ou de sua vida pessoal: homens e mulheres que conheceu durante a luta, sua ausência durante a clandestinidade total.

A narrativa de Ada Gobetti sobre a Resistência é estruturada com registro de datas e, às vezes, com apontamento de locais, por isso deve ser designada como diário. Nele, Ada se restringiu à Resistência, porém, de forma bastante minuciosa, ela narra suas jornadas, quase que diárias. Em meio às anotações dos acontecimentos da Resistência, ações e organizações de grupo, ela desabafa suas impressões, opiniões e angústias do momento, imediatamente ou posteriormente.

Ada é uma narradora crítica, porém sensível. Por mais que saiba dos perigos de uma ação e da fúria do inimigo, ela não esconde sua aflição pelos riscos que seu filho ou qualquer companheiro de luta corre. As anotações foram importantes para documentar a Resistência e úteis para sua rememoração posterior, servindo como suporte e permitindo que a narradora pudesse completar os eventos que faltavam.

O desfecho do diário de Ada tem um cunho mais político que a autobiografia de Carla. Na conclusão do primeiro, a autora traça conjecturas para o futuro, que são quase previsões do domínio da direita e do conservadorismo após a liberação, mas também esboça uma nostalgia pela Resistência. Carla conclui a obra de maneira mais remissiva e saudosa, pela luta e pelos companheiros.

Pudemos perceber, então, o próprio gênero de cada obra parece estar de acordo com uma diferença temporal no que se refere ao contexto de produção: uma obra produzida muito tempo depois e a outra já vinha sendo escrita simultaneamente à Resistência, mesmo sem ter sido idealizada como uma obra literária. Porém ambas retratam praticamente o mesmo período, preservando o tema da Resistência e alguns sentimentos comuns.

No diário, por ser mais instantâneo, captamos detalhes mais e menos relevantes, ou somos surpreendidos pelas resoluções das tramas com o passar dos dias, pois, às vezes, um dia complementa outro, desvendando o desfecho, a menos que seja uma das considerações posteriores. Na autobiografia as ações seguem o ritmo narrativo proposto pela narradora.

Tais conclusões nos levam a questionar as duas obras italianas numa perspectiva de narrativas autobiográficas com certa afinidade com o gênero *memoir*,

adequado para denominar as narrativas que incorporam as histórias de vida e fatos de outras pessoas envolvidas no recorte da vida do protagonista. Mesmo cientes das utilizações oportunas da denominação do gênero para a literatura produzida por grupos marginais (ROMEO, 2005), salientamos, contudo, que nossa aproximação às narrativas de Capponi e Gobetti se dá preliminar e exclusivamente pela vertente de narrativa de resistência específica que representam, noutras palavras, não nos interessou tanto o aspecto de narrativa feminina (ou de gênero, com todas as suas implicações) quanto o fato de serem ambas narrativas autobiográficas de sobreviventes de um movimento historicamente integrador, de matriz ideológico-política que remete ao século XX e a seus momentos decisivos.

A experiência da Resistência, o contato contínuo com a violência e com as ameaças de morte iminente que as combatentes passavam, fizeram as autoras refletirem sobre assuntos delicados e tocarem em temas polêmicos, como a fé, a morte, o valor da vida, do alimento e dos objetos. Carla faz a reflexão sobre a mudança do conceito de morte ao longo de sua vida: ela percebe que o que considerava uma longa viagem, referindo-se sempre com eufemismo, pode ser mais trágica, principalmente quando é alguém próximo ou quando ela recebe a tarefa de matar. Ada, sempre que se depara com uma situação de morte, pensa em quem fica e em quem sofre pela partida de um ente querido. A fé de ambas não é regida por uma religião, mas pelo ideal, elas lutam por acreditar na libertação.

Na questão da organização feminina, Carla adere mais facilmente ao grupo de mulheres, já que é de vertente comunista, e percebe a resistência masculina. Para ela é muito mais evidente que há segregação sexista que subestima o potencial feminino na luta. Esse fator pode ter sido decisivo para que trave uma luta paralela: a de mostrar a capacidade feminina. Ela chega a ser ousada, executando algumas ações sozinha e sem permissão. Ada age com um pouco mais de cautela no aspecto de manter um grupo só de mulheres, defendendo que o trabalho deve ser independente de gênero, e realizado em nome de um ideal comum. Porém, no decorrer de seu trabalho, percebemos a aderência da autora e seu empenho na emancipação das mulheres.

Quanto ao aspecto da escala de valores, é como se houvesse níveis de serventia que as autoras atribuem ao alimento, à vestimenta e ao intelecto, discriminando aquilo que seria útil, ou que era raro, como o alimento. Carla diz que a comida era guardada debaixo da cama como artigo de luxo e que deveria ser

escondido, para não ostentar. Ada declara que em tempos como aqueles era mais importante preservar uma lata de leite condensado do que seus artigos. Mesmo com essas reflexões, e com passagens marcantes de perdas tanto materiais quanto pessoais, as obras não caem no sentimentalismo, ou seja, elas não sustentam a Resistência como uma tragédia, mas como uma medida importante para a libertação e são capazes de criar fragmentos descontraídos.

O episódio comum às duas obras, o início do movimento de Resistência, acontece de forma muito parecida com as duas autoras: a informação chega pelo rádio e quando começam a se formar os primeiros grupos, as casas das combatentes se tornaram concentração dos *partigiani*, principalmente dos que voltaram do exílio. Tanto Carla quanto Ada cedem suas casas em favor da luta, assim seria mais fácil os encontros e as reuniões. A diferença deste início é a de que Carla sequer podia participar dos encontros, enquanto Ada participava e articulava as reuniões.

Por serem obras que tratam das memórias das autoras, sejam elas preservadas por meio da escrita ou remexidas posteriormente, elas não pertencem apenas às narradoras. Como constatamos, a memória de uma pessoa nunca é individual, ela sempre é acompanhada de um coletivo ou representa outras memórias. Carla discute a questão da memória deliberadamente, pois sua obra possui grande aspecto memorialístico, portanto ela tem consciência de que sua obra fará referência às memórias de todos os combatentes e tenta representar da melhor forma aqueles que não puderam contar e deixar um legado cultural àqueles que virão, como teve a oportunidade de fazer.

Nas anotações de Ada não há menção direta à valorização da memória coletiva, porém o simples ato de contar uma aventura protagonizada por um combatente faz da obra representante da memória coletiva. Em várias passagens de seu livro ela conta com suas palavras as ações das quais seu filho participava. Em uma, especificamente, ela ressalta o trabalho de uma representante feminina que pratica uma ação sozinha:

Esta manhã, assim que cheguei a Turim, estava aqui Gigliola, radiante, com um magnífico revólver de ordem alemã. Ontem à noite, no restaurante em que almoçava com Franco, um oficial alemão pendurou em um cabide o manto com o cinto e o revólver adjacente. Gigliola o cobriu com o seu, depois, no momento de sair, tomou o revólver de sua bainha, o colocou na bolsa, fechou e se retirou tranquilamente. Aconselhei-a para não aparecer

mais naquele restaurante pelo menos por uns dias; mas é mesmo esse o gênero de trabalho no qual Gigliola é mais adaptada com o sua exuberante coragem física e as suas travessuras de garotão. Existem outras garotas do seu tipo, embora não tanto quanto ela. Porque não poderiam fazê-lo sistematicamente, por exemplo nos trens lotados, nas horas de escuridão? Vou tentar eu mesma uma noite dessas (GOBETTI, 2014, p. 73-74)¹¹⁷.

As duas autoras, apesar de terem a personalidade forte, enquanto combatentes, podem ser sensíveis e passionais, cada uma com seu nível de maturidade. Carla se doa à Resistência integralmente e até deixa seu emprego para se dedicar. Sua relação com a família é explicitada, na obra, apenas antes da Resistência, pois é um período em que passam mais tempo juntos. Durante o período de luta a família já está mais desconcentrada, seu pai havia morrido e sua irmã se casado, na casa viviam ela, a mãe e o irmão. Na fase em que participou do movimento ela se refere pouco à família, mas demonstra muita sensibilidade quando precisa se afastar por conta da clandestinidade total. Por ser mais nova, aparenta mais inconsequência e imaturidade, porém, demonstra serenidade durante as ações. Seu entusiasmo é uma característica que a aproxima do filho de Ada.

Ada Gobetti é bastante intuitiva, talvez pela maturidade da experiência de vida e conhecimento dos riscos de combate. Mesmo se dedicando ao movimento preserva o emprego de professora, para manter o aspecto de normalidade na sua vida. Ao contrário da família de Carla, sua família toda – marido e filho – participa da Resistência, portanto está presente na maior parte da narrativa. Seu filho Paolo, protagonista de várias ações, é um dos motivos principais das preocupações da narradora. O modelo de exílio vivido pelas autoras também pode ser um aspecto comparativo já que cada uma passa por uma experiência diferente. Carla vai para o exílio para se refugiar e se manter segura das ameaças. Ada, quando cruza as montanhas, tem como objetivo estabelecer formas de contato para ajudar na Resistência.

Finalizando as comparações entre as autoras, suas obras e o período da Resistência nos lugares em que atuaram, devemos atentar para o fato de que esta

¹¹⁷Tradução nossa de “*Stamane, appena giunti a Torino, ecco Gigliola, raggiante, com una magnifica rivoltella d’ordinanza tedesca. Iersera, nel ristorante in cui pranzava con Franco, un ufficiale tedesco appese a un attaccapanni il mantello col cinturone e l’annessa rivoltella. Gigliola lo copri col suo, poi, al momento d’andarsene, tolse la rivoltella dal fodero, se l’infilò nella borsetta, rinchiuse la busta e se ne andò tranquillamente. Le ho consigliato di non farsi piú vedere in quel ristorante almeno per un po’ di giorni; ma è proprio questo il genere di lavoro per cui è adatta Gigliola col suo esuberante coraggio fisico e la sua monelleria da ragazzaccio. Ci sono altre ragazze del suo tipo, anche se non proprio come lei. Perché non potrebbero farlo sistematicamente, per esempio nei tram affollati, nelle ore buie? Voglio provare io stessa una di queste sere*” (GOBETTI, 2014, p. 73-74).

foi uma época em que a desconfiança pairava e não se podia confiar em todos, até mesmo para preservar a clandestinidade dos grupos. Era necessário ter atitudes rápidas para confundir ou até mesmo enganar um inimigo assumido ou um desconhecido suspeito. Podemos comprovar com trechos em que demonstram ter tido a necessidade de inventar histórias, de enganar pessoas, de fingir ou teatralizar situações para não serem descobertas ou gerar desconfianças. No excerto abaixo temos um exemplo em que Ada é abordada por um oficial e é indagada por ele, desconfiada de que ele pudesse estar investigando alguma delação ela trata de confundir o oficial quanto ao caminho que deve tomar para chegar à aldeia:

Onde é a Borgata Serrette?- perguntou bruscamente. (...) Deve ser alí a direita, depois vira a esquerda; não, não, errei, sempre em frente a direita; ou não, talvez seja a esquerda mesmo: entenda, sou uma deslocada e não vou muito pelas redondezas...- E sorria entretanto, com o ar tão idiota que ele se foi sacudindo as costas e o caminhão se afastou na direção errada (GOBETTI, 2014, p. 168)¹¹⁸.

Ada é um pouco mais corajosa nesse sentido, pois, apesar de manter a discrição, ela passa por situações em que acha melhor enfrentar a verdade, como por exemplo, quando tem que assumir que seu filho tem idade para se alistar, mas não sabe seu paradeiro. Carla se arrisca, como no episódio em que ajuda pessoas a se disfarçarem na sociedade ao se passarem por seu irmão, correndo o risco de ser pega.

Como vimos, as obras possuem pontos de contato no aspecto histórico assumindo o caráter de memória coletiva, e mesmo sem terem tido aparente contato na época em que foram combatentes, as histórias muitas vezes se cruzam e se repetem, demonstrando a presença do narrador da Resistência e o teor testemunhal das obras. Mesmo com distanciamento temporal e espacial, no que tange às produções, os eventos marcantes da época, como a crise na política e o oito de setembro, influenciaram diretamente as duas obras.

¹¹⁸Tradução nossa de “-Dov’è la Borgata Serrette? (...) – Dev’esser di lì a destra, poi si gira a sinistra; no, no, sbaglio, sempre avanti a destra; oppure no, forse è proprio a sinistra: capirà, sono uns sfollata e non vado tanto attorno...- E sorridevo intanto, con aria così idiota che quello se n’andò scrollando le spalle e il camion s’allontanò nella direzione sbagliata” (GOBETTI, 2014, p. 168).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento *partigiano* surgiu, lutou e resistiu durante um dos maiores conflitos da modernidade: a Segunda Guerra mundial. Apesar de ser idealizado e localizado na Itália na época em que o país era dominado pelo governo fascista de Mussolini e a invasão alemã, o movimento foi inspirado em grupos de Resistência que surgiram na Europa. O caráter do grupo é de cunho popular, portanto formado por civis que muitas vezes não tinham experiência com a luta armada, mas viram nela a saída para a liberação.

Foram os *partigiani* que uniram a Itália novamente tanto no sentido geográfico, para dissolver a linha que dividia o Sul do Centro-norte, quanto no sentido político, mesmo que apenas pelo tempo em que lutaram juntos na Resistência, pois o movimento, que foi criado por inúmeras vertentes ideológicas, se mostrou apartidário durante esse período. A união entre os partidos foi importante para a causa, porém não devemos esquecer o conflito de interesses iniciado logo após esse episódio.

Mesmo assim, a experiência de luta armada civil italiana nos deixou uma herança, que é sua memória, significativa para a história e tradição cultural do país, e que deixou reflexos em seu futuro político, de certa forma, pois mesmo que não tenha havido uma segunda geração de *partigiani*, por assim dizer, houve várias organizações da esquerda que reivindicaram a herança *partigiana*, como aconteceu durante os anos de 1970 e 1980 com as *Brigate Rosse*, para combater o governo conservador. E, além disso, olhar para essa experiência com a visão que temos de fora nos permite comparar com o nosso histórico de repressão e experiência de expressões populares.

As autoras que escolhemos para analisar tiveram uma participação significativa durante a Resistência fazendo com que suas lutas e ideais se estendessem ao pós-guerra, na vida política de cada uma, e resultasse nas obras que analisamos, muito difundidas na atualidade, levando a recentes reedições. Com o estudo das obras pudemos perceber o empenho das militantes em vários âmbitos sociais, seja na família, no trabalho em grupo como combatentes, na emancipação política das mulheres. Até mesmo o fato de terem deixado suas memórias demonstra a preocupação e o cuidado em não se deixar perder os detalhes e particularidades da luta.

Com este trabalho tivemos a oportunidade de abordar aspectos tanto da Literatura quanto da História em obras de teor testemunhal e memorialístico, e observamos que ao mesmo tempo em que as obras têm carga literária, com mais ou menos experiência com a escrita, apresentam uma perspectiva histórica, comprovando o aspecto da micro-história: ambas partem de uma visão ou episódio particularizado, que pertence, entretanto, a uma esfera ampla, envolvendo outras experiências e que concordamos ter pontos de contato entre si. Também desenvolvemos questões relacionadas à escrita autobiográfica e diarística e, sobretudo, articulamos discussões sobre o testemunho cujo pano de fundo é o período e a ação da Resistência italiana. Portanto, as obras se ajustam à teoria na qual nos baseamos para esta pesquisa, demonstrando seus valores e contribuições para as produções acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria Gabriela Valente de. **Beppe Fenoglio e seus appunti partigiani: uma experiência literária de guerra civil**. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro, fev/2011.

AVELAR, Alexandre de Sá. **A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões**. In: Rev. Dimensões, vol. 24, 2010, p. 157-172.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: _____. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOCCA, Giorgio. **Storia dell'Italia partigiana: Settembre 1943 – Maggio 1945**. Milano: Mondadori, 1995.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 183-191.

BRAGA, Alfredo. **Há 64 anos terminava “A Batalha de Monte Cassino”**. Disponível em: <<http://moraisvinna.blogspot.com.br/2008/05/h-64-anos-terminava-batalha-de-monte.html>>. Acesso em: 21 de junho de 2016.

BRANCA, Vittore. **Dizionario critico della Letteratura Italiana**. V. 3. Turim: Unione Tipografico, 1974.

CALVINO, Italo. Letteratura della Resistenza – Introduzione. In: **Quaderni del movimento di Liberazione Italiano**. 1949. Disponível em <<http://patrickjsammut.blogspot.com.br/2006/03/letteratura-della-resistenza.html>>, acesso em: 13/09/2016. Postado por Patrick Sammut.

CAPPONI, Carla. **Con cuore di donna**. Il Ventennio, la Resistenza a Roma, via Rasella: i ricordi di una protagonista. Milano: Il Saggiatore, 2009.

CHABOD, Federico. **L'Italia Contemporanea (1918-1948)**. Turim: Einaudi, 1961.

FABRIS, Mariarosaria. **O neo-realismo cinematográfico italiano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1996.

GOBETTI, Ada. **Diario partigiano**. 5. ed. Torino: Einaudi, 1972.

_____. **Diario partigiano**. Torino: Einaudi, 2014.

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

ISTITUTO DE GASPARI. **Aldo Moro: l'alba della Repubblica**.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escritura da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 167-182.

MILLIET, Sérgio. Diários Intimos. In: _____. **Ensaio**. SP: 1938, p. 172-177.

MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. **Vidya**, Santa Maria (RS), n. 34, p.101-122, jul./dez. 2000.

MUSSI, Daniela. Marxismo e Liberalismo na Itália: Antonio Gramsci e Piero Gobetti. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH**. São Paulo, julho 2011.

_____. Política e Cultura: Antonio Gramsci e os socialistas italianos. **Revista Outubro**, n. 22, 2014.

PECCIANTI, Maria Cristina. **Storie della Storia d'Italia**. Torino: Marietti-Mazuoli, 1988.

PISTILLI, Emilio. **La Battaglia di Cassino: giorno per giorno**. Cassino: Libreria Editrice Antonio Lambert, 1999.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3- 15.

PORTELLI, Alessandro. Las fronteras de la memoria. La masacre de las Fosas Ardeatinas. Historia, mito, rituales y símbolos. **Revista Sociohistórica**, n. 11-12, 2002.

REDAZIONE ONLINE ROMA. **Addio a Capponi e Bentivegna Da via Rasella alle ceneri nel Tevere**. Disponível em: <http://roma.corriere.it/notizie/cronaca/14_settembre_22/addio-capponi-bentivegna-via-rasella-ceneri-tevere-60db1bb4-4280-11e4-8cfb-eb1ef2f383c6.shtml?refresh_cp>. Acesso em 22 de junho de 2016.

ROMEO, Caterina. **Narrative tra due sponde**. Memoir di italiane d'America. Roma: Carocci, 2005.

ROSA, Daniele Achilles Dutra da. Perspectivas sobre memória social. In: **Psicanálise & Barroco em revista** v.12, n. 2 p. 123-137, dez.2014.

SCIOLI, Stefano. La Resistenza allo specchio della letteratura. In: **E-Review Dossier**. N. 3. Bologna, 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A fragmentação do discurso como estética literária do Pós-Guerra. Entrevistador: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano VIII, 2008.

_____. A literatura de testemunho e a afirmação da vida. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano X, 2010b.

_____. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. O local do testemunho. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, vol. 2, n. 1, p. 3-20, jan/jun 2010a.

THOMPSON, Ian. The woman who invented the Italian resistance. In: **The Spectator**. Disponível em: <<http://www.spectator.co.uk/2014/11/partisan-diary-by-ada-gobetti-review/>>. Acesso em: 16/08/2016.

TOSI, Francesca. Ada Gobetti. In: **Enciclopedia delle donne**. Disponível em: <<http://www.enciclopediadelledonne.it/biografie/ada-gobetti/>>. Acesso em: 02/05/2016.

TREVISAN, Myriam. **The Italian “Resistenza”: Women writings**. Paper apresentado na quarta conferência na European Feminist Research Conference “Body, Gender, Subjectivity: Crossing Disciplinary and Institutional Borders”. 28 set – 01 out 2000. Disponível em <<http://www.women.it/cyberarchive/files/trevisan.htm>>. Acesso em 01 abr 2012.

FILMOGRAFIA

UTOPIA e Babárie. Direção: Silvio Tendler. Produção: Caliban Produções Cinematográficas Ltda. 120'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cn9li_NePro>.